

Ana Paula Padrão

O AMOR CHEGOU TARDE EM MINHA VIDA





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ana Paula Padrão

O AMOR CHEGOU TARDE EM MINHA VIDA

2019

Aos estranhos, aos que se sentem estranhos,
aos deslocados, aos que amam as misérias,
aos que buscam um motivo, aos que perseguem a coerência.

Aos que não pertencem a lugar algum
e por isso conseguem fazer tanto por tantos em
tantas partes do planeta.

Às complexas mulheres sozinhas da minha geração
e a todas as mulheres honestas do mundo.

I wish I was special
You're so very special
But I'm a creep
I'm a weirdo
What the hell am I doing here?
I don't belong here

"Creep", Radiohead

Sumário

Prefácio

1. Estranha tranquilidade
2. Uma janela para a vida
3. Muito além de Brasília
4. O amor no gelo e outras viagens
5. Vamos falar honestamente?
6. O amor chegou tarde em minha vida

Posfácio: Nós, as mulheres do mundo

Este livro já estava pronto quando comecei a escrevê-lo. Durante anos adiei essa decisão e, quando percebi, já estava tudo ali: textos, fotos, ideias, trechos de artigos publicados em revistas e jornais, colunas esporádicas, capítulos inteiros não terminados, frases ouvidas em tantos encontros, seminários e eventos, citações nas redes sociais, histórias de amigos queridos, além da história das mulheres brasileiras e de minha própria trajetória desenhada sob o cenário das mulheres da minha geração.

Todos nós temos algo a acrescentar ao que já foi dito sobre as mulheres e seus dilemas — inclusive porque o tema é relativamente recente. Em perspectiva, na longa cauda do curso da humanidade, só se vê registro da história das mulheres e do que elas desejam nos últimos sessenta anos. Por isso começo este livro agradecendo a todos os citados nas próximas páginas. Com suas declarações, reflexões ou apenas frases ditas sem qualquer intenção, essas pessoas me ajudaram a transformar em tese o que antes poderia não passar de uma vaga sensação.

Gostaria de poder dizer aqui que sempre fui feminista. Mas seria uma inverdade. Ainda que por vocação eu tenha abraçado a defesa de questões muito femininas ao longo da vida, o fato é que, circunstancialmente, quando comecei a trabalhar estava preocupada demais comigo mesma para prestar atenção na bandeira defendida pela geração anterior à minha. Hoje sei que, se encontrei portas abertas para o trabalho que desenvolvi e pelo qual sou reconhecida, devo essa condição às mulheres que gritaram que nós também poderíamos ser o que desejássemos. Obrigada a todas elas. Registro ainda minha expectativa e esperança na próxima geração, que me parece naturalmente mais equilibrada e capaz de levar todas as mulheres a um estado de beleza mais pleno.

Há muitas outras pessoas presentes no longo caminho que percorri catando retalhos da minha vida até formar o patchwork da história narrada neste livro. Conheço Guta Nascimento desde sempre. Ou pelo menos assim me parece. Não há nada mais que precise ser dito entre nós, e por isso Guta é não apenas coautora deste relato mas também parte da memória que ajudou a construí-lo. Trabalhamos juntas há mais de uma década e foi Guta quem gravou comigo os depoimentos que dariam origem a cada capítulo — além de ter escrito a primeira versão de todos eles. Beatriz Alessi foi incansável, como sempre, relendo cada frase e usando sua inteligência, sua sagacidade e todo o seu

conhecimento sobre a escorregadia gramática da língua portuguesa para corrigir meus inúmeros deslizos. Obrigada, Bia. Outras amigas queridas se dispuseram a ler os originais e emitir sua preciosa opinião. Por isso agradeço a Mônica Gugliano, Natália Leite e Nuria Casadevall.

Curioso que a maioria dos que desejo citar aqui pela importância que tiveram neste processo seja mulher. Muitos me disseram, durante as conversas que tive para a elaboração deste livro, que as mulheres são nossas principais inimigas. Segundo o dito popular, não seríamos suficientemente solidárias e, pior, seríamos nossas mais severas críticas. Não tenho argumentos sólidos para rebater a conclusão, mas consigo imaginar um futuro próximo menos previsível para as que se ajudam na tarefa de usar com sabedoria o que sabemos fazer melhor. Fomos treinadas na observação do outro. Temos alguns milênios de vantagem competitiva na tarefa de compreender o próximo e, por conseguinte, o intrincado tecido social. Concluo, portanto, que somos bastante competentes na desafiadora missão de liderar transformações e não nos deixar corromper. E só tornaremos essa missão verdadeira se formos amigas umas das outras — e admiradoras de nós mesmas.

Esse processo já está em curso. Sou fã de todas as mulheres que, mesmo sem tempo, mesmo cansadas, mesmo tímidas, mesmo culpadas, reúnem-se em grupos para discutir como caminhar na direção do conforto individual sabendo que ele só virá se for acordado coletivamente. Quando comecei a escrever este livro, não havia muitos fóruns de mulheres falando sobre a condição feminina. Eu mesma ajudei a formar alguns deles e participo até hoje de outros tantos. Essas discussões fizeram com que muita coisa mudasse em pouco tempo, e a velocidade das mudanças só cresce. Nesses grupos aprendemos que nossos problemas, nossas angústias e nossos desejos não são individuais. Somos parte de um momento da história em que, juntas, faremos a diferença. O momento da ênfase em valores como a ética e a lealdade. Ambos substantivos femininos.

Mas também há muitos homens que empunham a bandeira da equidade de gêneros e a quem devo um muito obrigada. Homens sem os quais eu não teria nem começado a escrever este livro. O publisher Matinas Suzuki Jr. é um deles. Matinas me convenceu de que, apesar de meus dramas pessoais quanto à relevância daquilo que eu pudesse escrever, era hora de falar — publicamente. Ele e a editora Thais Pahl nunca duvidaram de que teriam um documento do qual se orgulhariam e por isso me incentivaram e respeitaram meu tempo na construção desta narrativa.

Agradeço aos padrinhos de casamento Suzy e Leonardo Lachman por serem amigos, por compreenderem como poucos o sentido de apadrinhar o outro — cuidar, estar perto, aceitar. Eles sempre estiveram e sempre estarão ao meu lado, e eu sempre serei grata por isso.

E meu maior obrigada, claro, é para Walter Mundell, meu marido, que abdicou de tantos momentos de lazer para que eu pudesse escrever — esse ofício tão solitário. Walter é a grande fonte de inspiração deste livro. É por sua causa que tenho episódios importantes para contar aqui, e sei que minha vida continuará sendo interessante e inspiradora para muitas outras mulheres porque estou ao seu lado.

Apesar disso, O amor chegou tarde em minha vida não é apenas sobre o amor que aprendi com Walter. O amor a que me refiro no título é também o amor por mim mesma. Ele demorou para chegar. Hoje me sinto capaz não só de amar, mas de espalhar amor de várias maneiras. Escrevendo este livro, por exemplo. O sentimento não é piegas nem excessivamente romântico. O amor que sinto é objetivo e um tanto racional. O amor que

sinto se parece comigo. Decidi amar porque a vida não seria a mesma sem essa graça. Decidi amar assim como resolvi, ainda menina, lá em Brasília, tantas outras coisas fundamentais para meu futuro e minha história. Sim, amar pode ser um aprendizado e todos nós podemos aprender o que quisermos. Nunca é tarde demais. Pode acreditar. E quanto mais a gente ama, mais esse amor se acumula — por você e pelos que você admira.

1. Estranha tranquilidade

Eu estava muito tranquila, excepcionalmente tranquila. Conduzia meu carro para mais um dia de trabalho que, sabia, seria o último ali. Depois de dezoito anos, eu deixaria a TV Globo. Avancei devagar os seis quilômetros que separavam a minha casa da emissora. Sem pressa. Calma. Dali a poucas horas, eu deixaria de apresentar o Jornal da Globo. Bancada nobre da televisão, uma das cadeiras mais cobiçadas do jornalismo brasileiro.

Olhar o passado a partir de algum distanciamento nos permite percebê-lo de outro ângulo. Hoje, aquela decisão talvez não tivesse tanto peso. Estar à frente de um jornal na televisão aberta ainda é uma das posições mais nobres entre os veículos de mídia. Mas esse posto agora disputa espaço com inúmeras outras plataformas. É como se a janela da TV tivesse diminuído de tamanho e várias outras tivessem se aberto. Os ventos da informação circulam mais livremente, o que, na teoria, é ótimo. Na prática, no entanto, ainda estamos longe do ideal de qualidade da notícia e de sua disseminação. Mas, quando decidi deixar aquela cadeira, estava desafiando paradigmas e tradições. E sabia que seria cobrada por isso.

Certeza é uma casa de tijolos muito bem assentados. Demora para ficar pronta. Tem alicerce. A minha casa de certezas ficou pronta depois de muitos anos de reflexão sobre a mulher que eu era e a mulher que eu realmente queria ser. Por isso começo este livro assim. Deixar a Globo foi um ponto de inflexão em minha vida, o início de outro trajeto. A pessoa que conduziu aquele carro em direção à demissão não era dada a impetuosidades. Ainda não é. Sou de longos raciocínios e muitos estudos. Apesar de reservada, não me considero única e me sinto confortável trabalhando em grupo. Fiz muitas pesquisas sobre as mulheres da minha geração. E concluí que, como elas, queria e — mais do que isso — precisava de equilíbrio. Pedir demissão resultara do complexo somatório de planejamento, estratégia, razão e emoção. Não era apenas a decisão de mudar de trabalho. Era um gesto consciente para mudar de vida.

O que eu não sabia até ali era para onde exatamente essa guinada me levaria. Uma grande amiga me disse: “Agora você vai saber o tamanho que realmente tem”. A frase me assustou. Nunca tinha pensado nisso. Mesmo dando inúmeras voltas na racionalidade, qual era meu tamanho no mercado era uma questão que eu não podia responder. Minha decisão,

tão refletida, partiu de um forte desconforto emocional. Claro que pesei o que seria de mim depois de deixar a Globo. Sabia que queria entender as mulheres. Trabalhar com elas. Mas ainda não sabia como. Eu estava dando um salto para a felicidade. E esperava ganhar asas durante o voo para atingir meu objetivo. Esperava. Otimista. Confiante. Feliz. Como acredito que toda mulher merece ser.

Hoje consigo ver claramente minha intuição pairando sobre as difíceis decisões que tomei. Era o ano de 2005. Eu sabia que estava vivendo, como mulher, numa época de mudanças. E imaginava que esse movimento feminino seria capaz de coisas extraordinárias! Conduzindo meu carro até aquela encruzilhada, sabia que estava escolhendo a direção correta e tinha certeza de que chegaria lá.

O AMOR EM RECADOS

Dizem que casamentos à distância têm mais chance de dar certo. Discordo. Eu mal via meu marido. Quando nos casamos, ele trabalhava no mercado financeiro. É gestor de fundos de investimento. Acordava cedo. Quando saía, eu ainda dormia. Quando eu chegava em casa, sempre depois da uma da manhã, era ele quem já estava na cama havia horas. Fusos opostos. Ele acompanhava o funcionamento das bolsas de valores, das nove da manhã às seis da tarde. Eu acompanhava o horário do planejamento, fechamento e apresentação do jornal. Das três da tarde até depois do boa-noite-para-você-e-até-amanhã.

Durante três anos tivemos um casamento virtual. Falávamos ao telefone. Ele, apressado quando estava no trabalho, tranquilo à noite. Eu, menos atarefada lá pelas dez da manhã, depois que acordava, e superestressada a partir das oito da noite. Conversas em soluços para tratar basicamente da administração da vida doméstica.

O que me consolava eram os bilhetinhos. Eles tinham charme. Romance. Eram preciosos para manter aceso o carinho. Comprei um miniquadro-negro que ficava sobre a pia no banheiro de nosso quarto. Na rotina de desencontros, escrevíamos o essencial: "Eu te amo, estou com saudades"; "Querida, vi quando você chegou, mas estava exausto, não consegui levantar, te adoro!"; "Você pode almoçar amanhã?". A mecânica dos bilhetinhos poderia ter ficado em minha memória como um ponto de tristeza, manchando uma história de imensa felicidade. Não ficou. Eram gestos de amor em uma circunstância de dificuldade. Foi o nosso código de parceria à distância. Na essência, os bilhetes diziam: "Eu me importo com você e quando isso passar vai ser maravilhoso".

Demorou para passar. Durante todos aqueles anos não tivemos vida social. Quem apresenta o último jornal da noite não vai ao teatro. Não comparece aos aniversários dos amigos. Não vai a lançamentos de livros. Não vê aquele show sensacional que todo mundo comentou. Eu não ia, ele também não. Dizia que não tinha graça sem mim.

Passamos muito tempo sem ir ao cinema, uma das minhas grandes paixões. No fim de semana, cinema em São Paulo era um castigo. Filas e mais filas. Naquela época não havia compra de ingressos pela internet. Certa vez, para me manter em dia com esse hobby antigo que ainda me dá tanto prazer, decidi ir ao cinema durante a semana. No horário do almoço, na sessão da uma ou das duas da tarde. Encontrei duas senhorinhas. Comprei meu ingresso e, ao deixar a bilheteria, as ouvi comentar: "É aquela moça que apresenta o jornal da noite, tadinha, tão sozinha". Foi um baque. Minha primeira reação foi pensar: "Que tadinha o quê? Estou aqui porque é o horário em que posso vir ao cinema". E caminhei, determinada, para a sala escura. Mas ali, sentada na poltrona, entre um trailer e

outro, admiti: "É natural que pensem assim. Se quiser ver esse filme, tem que ser à uma da tarde, sem companhia. Tenho um marido que amo. Para minha sorte, ele também me ama. E não consigo nem vir ao cinema com ele". Elas estavam certas.

Foi a primeira vez que senti pena de mim. Detesto esse sentimento. Abomino a autocomiseração. Evitava pensar sobre isso a cada bilhetezinho deixado no quadro-negro sobre a pia do banheiro. Evitava pensar na impossibilidade de viver de verdade aquele casamento. Era a nossa condição. Meu marido sabia quando se casou comigo. Eu também sabia. Mas, e daí? Eu daria muita coisa para ir ao cinema com ele. Para tomar café da manhã com ele. Para jantar com ele. Até para brigar com ele cara a cara. Nas raras vezes em que discutíamos era sempre por telefone. Agora eu sei. Naquele cinema, naquele dia, as senhorinhas tinham toda razão. Quando olho para trás, sinto pena da pessoa que eu era. E não apenas porque ele não estava ali. Mas porque eu estava pela metade.

O casamento deu voz a uma pessoa escondida e insatisfeita em mim. O que me havia custado tanto para alcançar não era mais suficiente. Aos trinta e poucos anos, eu havia chegado ao topo da carreira. E, embora pudesse fazer muitos planos profissionais a partir dali, será que eles seriam suficientemente convincentes para me tirar do Jornal da Globo? E será que era isso que eu queria? O que eu de fato sentia era mais do que um incômodo profissional. Era uma urgência de mudar de vida. Mudança que demorou anos para se processar. Mas o vírus da transformação surgiu ali, naquele momento. O começo de tudo.

Vendo as fotos do dia em que me casei com Walter, percebo a limitação da qual eu queria escapar. Foi uma festa simples, no apartamento de solteira que eu havia acabado de comprar e reformar. Quando nos conhecemos, ele também morava sozinho. Vendeu o apartamento dele e veio ficar comigo. Depois vendemos o meu e nos mudamos para uma casa para que Walter pudesse ter seu quintal e suas plantas. Aquele 21 de setembro de 2002, dia do nosso casamento, foi o mais gelado em uma entrada de primavera em muitos anos. Lembro-me de pouca coisa. Estava muito nervosa. Tremia muito. Não sei se de frio ou de tensão. Walter preparou fogos de artifício, combinou que os sinos da igreja do bairro tocariam na hora exata do sim. Eu não vi nem ouvi nada. Passei a cerimônia inteira imaginando que não conseguiria assinar a certidão por causa dos tremores nas mãos. Naquele dia entendi que as noivas são as que menos aproveitam a festa. E por quê.

Ainda bem que há fotos. Nelas vejo várias coisas além das imagens registradas. Vejo uma mulher ainda jovem mas já com jeito de senhora. Uma mulher muito tensa, muito séria. Vejo os convidados, meus e dele. Entre namoro e casamento foi tudo muito rápido. Conheci vários dos amigos dele naquele dia. E ele, os meus. Walter chamou para a festa, além da família, gente da faculdade, colegas de infância, pessoas que conheceu nos lugares onde trabalhou, onde morou. Eu chamei meus colegas da Globo. Vendo as fotos, reparo que não tinha amigos fora dali. Não há nada de errado em dedicar-se à carreira e à empresa onde se trabalha. Mas a vida não é só isso. A minha era. Eu não tinha lazer e portanto não tinha amigos do lazer. Não praticava nenhum esporte. Não ia a bares. Não tinha nenhuma atividade que não estivesse relacionada ao meu trabalho. Até o homem com quem me casei naquele dia eu conheci graças ao trabalho.

Uma amiga, Sofia Esteves, mulher que construiu sozinha sua empresa de consultoria em recursos humanos, uma das maiores do Brasil, decidiu se afastar do negócio ainda jovem. Com pouco mais de cinquenta anos, ela queria aproveitar aquilo que a dedicação integral ao trabalho não oferece e que a idade não devolve: o tempo. De grande líder executiva, passou a membro do conselho, além de acompanhar o desenvolvimento das

outras sócias e ser a grande representante institucional da empresa, realizando palestras, pesquisas e aulas.

“A maior dificuldade que enfrentei foi justamente a de que a empresa me dava muita felicidade, realização e satisfação, mas não me permitia viver com a intensidade que eu precisava outros prazeres muito importantes para mim, como o relacionamento com meu marido, o acompanhamento da adolescência dos meus dois filhos, a minha casa e ainda ter tempo para mim mesma.”

Sofia está longe de trabalhar pouco, mas trabalha de acordo com a própria agenda. Quando tomou a decisão de diminuir o ritmo de trabalho, contudo, foi muito questionada. Ela não só não se arrepende como se sente mais completa hoje. Diminuir o ritmo foi importante para que ela encontrasse plenitude. Numa palavra, Sofia procurava — e encontrou — o equilíbrio. Assim como Sofia, eu sabia que estava na profissão certa, que me dava muito prazer. Mas sabia também que havia alguma coisa além do trabalho. E a sensação de que havia alguma coisa represada em todo aquele acúmulo de sucesso profissional era quase uma sentença. Uma sentença autoimposta de muito tempo a cumprir.

ANGÚSTIA E TRISTEZA

Dois anos. Foi o tempo que levei pensando que queria mudar minha vida. Tudo havia começado com “quero sair desse horário”. Achava que mudando o fuso, conseguiria ter o que me faltava. Uma agenda pessoal mais forte, mais importante.

Sou uma pessoa do dia. Da luz. Sou solar. Na juventude, nem sempre respeitamos nosso relógio biológico. Como qualquer adolescente, desafiei minha natureza virando noites em festinhas e dormindo pouco. Mas sempre soube que a luz do dia me tirava cedo da cama. As amigas dormiam até duas da tarde depois das farras enquanto eu já estava de pé nas primeiras horas da manhã. A idade me ensinou a usar truques para trapacear minha natureza. Carrego uma máscara para os olhos para onde quer que eu vá. É parte do meu kit de viagem. Já descansei em muitos aeroportos do mundo graças à venda nos olhos. Até hoje apelo para todos os apetrechos possíveis para manter a ilusão da noite pelo maior tempo possível. Quase sempre perco a batalha para o dia que desperta selvagem, irritadiço, indomável. A disputa aumentou no tempo em que trabalhei no período noturno. Quando apresentava o Jornal da Globo, usava todo tipo de subterfúgio para não acordar com o dia. Conheci todos os tipos de soníferos, melatoninas, calmantes, relaxantes musculares, tampões de ouvido, seladores de janelas, máscaras de gel, de esponja, de algodão, atalhadas, acolchoadas, de cetim, de veludo... Essa é minha disputa individual contra a natureza. E eu sempre estive fadada ao fracasso — apenas não sabia disso. O tempo ensina. Mas também cobra.

Começou a ser doloroso apresentar o jornal. Sentava ali, sozinha, e sentia uma profunda tristeza. Um imenso cansaço. Apresentadores, em geral, se posicionam frente às câmeras dez minutos antes do telejornal entrar no ar. Você fica ali, prontinha, esperando chegar o sinal de “ao vivo”, ouvindo as últimas instruções dadas pelo diretor no ponto eletrônico. Concentração, Ana Paula. Mas a angústia chegava. Tinha muita vontade de chorar. Eu, a durona, a determinada. Raramente vejo os telejornais antigos mas, quando assisto, percebo uma moça profundamente triste. E a tristeza deixa seu carimbo de várias maneiras. Em mim, ela significa uma música.

Para muitas pessoas, canções são a marca de um momento. De uma época. Podem nos trazer entusiasmo ou melancolia. Alegria ou desamparo. Há algumas que não consigo mais ouvir porque me remetem àquele ponto de minha vida. Ali, na bancada, esperando o jornal começar, eu assistia ao encerramento do programa anterior. Naquela época, estava passando a minissérie Presença de Anita. E toda noite eu ouvia a canção de encerramento dos capítulos, "Ne me quitte pas". Ainda hoje, passados mais de dez anos, meu peito se fecha quando ela toca. Minha memória ficou presa à música.

Não sou uma pessoa depressiva. Sou "resolvedora". Aquela emoção me despertou para o fato de que havia um problema a ser enfrentado e um diagnóstico a ser feito. Passei a me questionar. Como continuar uma carreira bem-sucedida longe de um trabalho que me entristecia? Até aquele ponto eu já havia entrevistado muitas mulheres que haviam mudado suas vidas. Por que eu não podia mudar também?

A MULHER-OMBREIRA

A super-hiper-heroína-jornalista em começo de carreira não tinha vida pessoal. Ia aonde a notícia estivesse. Ninguém me pedia isso. Eu queria ir. Queria ver a história, queria estar onde grandes coisas estivessem acontecendo. Hora para ginástica, namorado, lazer? Bobagem. Eu costumava dizer que o trabalho já era diversão suficiente.

O figurino da Mulher-Maravilha era o terninho anos 1980. Eu era uma daquelas tantas que desfilavam de calça comprida e blazer. E ombreiras. Gigantes. Eu era o que chamo hoje de "mulher-ombreira".

A moda "ombreira" refletia o que todas nós tentávamos ser. Não nos adaptamos a uma nova tendência fashion. Nós a lançamos. Os estilistas captaram nosso desejo de parecer homens. Inventamos as ombreiras para ficar mais parecidas com eles. Se eles trabalhavam de terno, nós também trabalharíamos. Até a famigerada gravata entrou no guarda-roupa feminino. E as malfadadas ombreiras. Claro, tínhamos que nos "ombrar" a eles. Todos os blazers tinham ombreiras. As camisas tinham ombreiras e ainda existiam os sutiãs com ombreira. Veja o tamanho da insensatez. E a contradição da peça íntima anexada a um símbolo de masculinidade. Usávamos o sutiã com ombreira e por cima um blazer também com ombreira. O resultado era um exército de jogadoras de futebol americano. Tudo meio ridículo. Uma mulher-triângulo na qual só o batom vermelho e o salto alto denunciavam uma sombra de feminilidade.

Outra tendência comum na época era cortar o cabelo curto. Ou usá-lo preso. Nos anos 1980 eu usava cabelo no estilo "joãozinho". Afinal, pensava eu, para que me preocupar com essa futilidade chamada cabelo? Gastar tempo em salão não fazia parte do modelo sou-uma-profissional-competente-e-trabalho-catorze-a-dezeses-horas-por-dia. E eu, de fato, trabalhava entre catorze e dezesseis horas todos os dias. Esse era o foco. O caminho e o objetivo.

Confesso que sinto um certo constrangimento ao dizer isso. É tão deslocado do tempo, tão fora de moda. Sei que é muito difícil para uma jovem de 25 anos hoje imaginar que há duas décadas, na mesma idade, só pensávamos em carreira. Meu cotidiano era o trabalho e, nos fins de semana, quando não estava de plantão, lia os jornais com sofreguidão, apurava informações. Meus compromissos sociais eram sempre com colegas de trabalho ou com fontes de notícias. Os assuntos em que eu atuava giravam em torno de política e economia. Faziam parte de meu núcleo de convivência autoridades, ministros,

parlamentares, funcionários do Banco Central. Esse desequilíbrio na balança da vida cotidiana não era apenas um traço da minha personalidade. Grande parte das mulheres da minha geração agia assim. Um comportamento que nos parecia normal na época e que faz algum sentido até hoje.

Imitávamos os homens porque não havia outro modelo a copiar. Nos anos 1980, não existiam muitas mulheres no universo das corporações que pudessem nos servir de exemplo. Eram muito poucas as mulheres que lideravam empresas. As grandes inspirações femininas eram primeiras-damas, líderes religiosas ou dirigentes de ONGs. Resumindo: eram mulheres que trabalhavam, mas em assuntos de mulher!

Grandes empresas eram tema para os homens. E como era lá que parte de nós queria chegar, o modelo feminino tinha que ser adaptado. As mulheres poderosas da época estavam inseridas em contextos exclusivamente femininos e nós queríamos chegar em outro lugar. Nós queríamos o mundo deles. O glamoroso universo masculino do trabalho.

Uma imagem simbólica dessa época é a da ministra da Fazenda, Zélia Cardoso de Mello, na apresentação do Plano Collor, em 1990. Participei da entrevista coletiva à imprensa. A ministra usava blazer preto com ombreira gigante. Eu usava cabelo curtíssimo, vestia uma camisa amarela também com ombreiras enormes. Lembro-me de perguntar em tom desafiador se os aumentos de preços e tarifas daquele mês já haviam entrado no cálculo da prefixação dos salários. Minha pergunta era assertiva, em tom masculino. A mensagem era sei-o-que-vocês-estão-fazendo. Era meu tom corriqueiro. Eu era brava. Intimidadora. Criou-se em torno da minha imagem como jornalista o mito da repórter agressiva, que não fazia concessões ao entrevistado. Estava ali para fazer as perguntas difíceis. Muitas autoridades chegaram a recusar entrevistas comigo por medo das questões que eu levantaria. Minha objetividade era tipicamente masculina.

Para as mulheres que entraram no mercado de trabalho nos anos 1980 era muito difícil ser feminina e sentar-se diante de uma mesa cheia de homens. Seria um suplício enfrentar as piadas de “mulherzinha”, os corriqueiros comentários preconceituosos sobre nossas diferenças. O mundo dos negócios era só deles. Mas se uma mulher se parecesse com um deles, se estivesse vestida como um deles, falando grosso como um deles, a feminilidade passaria despercebida. Achávamos que assim seria possível participar do grupo do poder e ser aceita como igual. Não podíamos — e não queríamos — chorar no trabalho. Éramos duronas. Isso parecia normal. Esse era o mundo do trabalho. Um mundo masculino. Ser quase um homem era parte do processo de vencer o preconceito e ter a competência reconhecida.

Rejeitávamos os estereótipos femininos. Atributos como cintura marcada, corpo bonito, cabelo arrumado, voz feminina, docilidade. Unhas bem-feitas eram para as fracas. Muitas mulheres até hoje seguem essa cartilha no trabalho. E até desdenham das novatas mais graciosas. Difícil separar a adoção do visual masculino da incorporação dos estereótipos masculinos. Poderíamos, e deveríamos, ser mais solidárias. Ensinar às mais jovens que elas não precisam passar pelo que já passamos. Já foi suficientemente extenuante para muitas da nossa geração. O meio-termo existe. O pilar fundamental do feminismo — mulheres iguais aos homens — ruiu faz tempo. Não somos como eles. Não queremos ser como eles. Mas há, certamente, um novo feminismo. Quando me perguntam se sou uma feminista, minha primeira reação é dizer não. Porém, refletindo sobre o que é ser uma feminista neste século, concluo que há em mim muitas das bandeiras e do discurso do feminismo tradicional, aliados à necessidade de ser mulher e gostar de ser mulher. Sim, talvez eu seja uma feminista. Uma mulher que defende outras mulheres.

Uma mulher que dedica seu tempo a estudar outras mulheres. E todos os caminhos possíveis para que nós possamos continuar sendo produtivas. Competentes. Trabalhadoras inseridas em um mundo onde as empresas ainda são ambientes mais confortáveis para os homens.

Depois de ler o livro *A Matter of Simple Justice* [Uma questão de justiça], de Lee Stout, professor da Universidade do Estado da Pensilvânia, marquei um almoço com a personagem principal da história real contada ali. Em 2013, encontrei-me com Barbara Franklin num restaurante em Washington para que ela me contasse a aventura que viveu entre 1971 e 1973, trabalhando no governo de Richard Nixon. A missão de Barbara, então com 31 anos de idade, era recrutar mulheres para cargos executivos na administração federal. Ela tinha uma meta a cumprir: dobrar o número de mulheres no governo. Em apenas dois anos, Barbara superou a meta recrutando três vezes mais mulheres do que em qualquer governo anterior.

Barbara Franklin é uma mulher bonita, loira, elegante e com uma aparência frágil e etérea. Imagino-a há quatro décadas tentando caminhar no terreno minado da política para cumprir uma missão na qual nem todos acreditavam — e que muitos tentavam boicotar. Ela me contou que procurou inúmeros escritórios de recrutamento de executivos dos Estados Unidos e sempre ouvia a mesma resposta: não temos quadros femininos em nossos arquivos pois os executivos que representamos aqui não querem que suas esposas e filhas trabalhem. Ela decidiu montar seu próprio banco de talentos. Acionou mulheres que poderiam ajudá-la em todos os estados e cada uma delas trabalhou em uma lista de possibilidades.

Embora essa passagem do governo Nixon tenha sido eclipsada pelo escândalo que levou à renúncia do presidente, não há dúvidas de que Barbara Franklin fez um grande trabalho. Durante nosso almoço, perguntei qual foi o fator fundamental para o sucesso de sua empreitada. Ela respondeu sem pensar:

“Vontade política. Nixon sabia que queria mulheres no governo e cobrava o cumprimento das metas. Ele transformou esse programa em prioridade máxima. Sem o acompanhamento direto dele não haveria como fazer o que fizemos.”

No Brasil de hoje ainda é difícil encontrar empresas nas quais a contratação de mulheres para cargos executivos seja uma prioridade. Uma pesquisa da consultoria McKinsey, divulgada em 2013 no relatório “*Women Matter: A Latin American Perspective*” [A questão da mulher: Uma perspectiva da América Latina], perguntou aos CEOs ou presidentes de empresas de capital aberto no Brasil qual a importância que a diversidade de gênero tem na agenda estratégica na companhia. O resultado é melancólico. Para 64% dos entrevistados a questão não está entre os dez itens principais em suas listas de prioridades ou simplesmente não consta da agenda estratégica da empresa.

A IMAGEM E O ESPELHO

Minha mãe era radialista. Guardo com carinho uma foto dela no estúdio da Rádio Nacional de Brasília, diante do microfone cromado, imenso. É a lembrança que me restou dessa mãe trabalhadora. Não cheguei a vê-la em ação. Ela parou de atuar como locutora algum tempo depois que nasci, em Brasília. Além da foto de mulher ativa e da herança genética de mulher batalhadora, assimilei também o mantra da mãe dona de casa: “Não vá fazer o que fiz, não dependa de marido, tenha uma profissão, tenha seu dinheiro, seja

independente”.

Shirley, minha mãe, ganhou o nome da menina prodígio da Hollywood dos anos 1940. Aquela criancinha atriz-cantora-dançarina. Uma minimulherzinha, de saia rodada e cachinhos dourados. O estereótipo da perfeição feminina. Minha mãe, imagino eu, deve ter até sonhado em contrariar o destino do nome. Quis trabalhar, saiu do interior das Minas Gerais para ser locutora em uma rádio de Brasília! Quanta ousadia! Mas o casamento a levou de novo para o trilho da convenção social. Mamãe voltou para casa para criar os filhos, fazer o jantar, deixar tudo arrumadinho e viver na expectativa de um elogio pelo trabalho bem-feito. Nunca perguntei. Ela nunca me disse. Mas havia entre nós o ruído de duas gerações em choque. Eu me transformei naquilo que ela me ensinou a ser. E durante muito tempo me senti culpada por ser a realização daquilo que ela não viveu! Ela criou uma filha independente. Mas essa vitória não preencheu o vazio de uma decisão que ela mesma nunca tomou.

De novo, não sou a única. Milhares de mulheres com mais de quarenta anos provavelmente ouviram as mesmas frases da mãe, repetidas vezes.

“Não dependa de homem nenhum, não se deixe humilhar!”

Nossas mães, regra geral, eram mulheres frustradas com o papel social que lhes cabia, a maldição de Shirley Temple. De minha parte, fiz exatamente o que mamãe mandou.

Comecei a trabalhar aos quinze anos. Dava aulas de balé. Fui uma profissional das sapatilhas até ser desafiada por uma ambição intelectual que a rotina de atleta não me daria tempo para realizar. Fui estudar jornalismo. E, de novo, repeti mamãe. Meu primeiro emprego na área foi como estagiária na Rádio Nacional de Brasília. Não queria saber de TV. Ingressei no veículo por acaso. Era o que se apresentava como opção para mim, recém-formada, em 1986. Trabalhei na TV Brasília, retransmissora da extinta TV Manchete. Depois de alguns meses, fui chamada pela Globo para fazer parte do time de reportagem local. A Globo foi minha casa de abril de 1987 a maio de 2005.

Trilhei o caminho dos assuntos áridos. Política, economia. Era comum ser convidada por representantes do mercado financeiro, executivos e presidentes de bancos para conversas sobre a conjuntura econômica. Mas, curiosamente, as mulheres também se interessavam por mim. Ao assumir a apresentação do Jornal da Globo, em 2000, passei a receber convites para palestras em associações femininas, núcleos de executivas e uma infinidade de clubes da Luluzinha. Aceitava com desconfiança. O que aquela mulherada via em mim? Por que uma jornalista talhada em terninhos, frequentadora do terreno pantanoso da política, especialista na gangorra da economia, que achava conforto nas situações de guerra, que se sentia em casa nas regiões de conflito atraía tanto a atenção das mulheres?

A curiosidade das mulheres sobre minha rotina cresceu ainda mais depois que me casei com Walter. O namoro foi estampado em jornais e sites de fofoca. Meu vestido de noiva foi capa de revista. Veu e grinalda. No dia do casamento, meu irmão mais novo, o Luiz, me disse muito francamente: “Esperava ver você descendo a escada vestida até de punk mas nunca num vestido de noiva”. Luiz, o Lula para a família, é dez anos mais novo que eu. Fui uma espécie de tia para ele. Bem menino, ele via a irmã mais velha entrar e sair de casa como um vento, viajar para lá e para cá caçando notícias Brasil afora. E depois aparecer na TV contando tudo. Lula me fazia os desenhos mais lindos do mundo. Nos exercícios da escolinha, ele me descrevia como uma mulher destemida, corajosa... e um tanto maluca! E, de repente, lá estava eu num vestido quase branco, rendado, longo...

um verdadeiro vestido de noiva!

Quando pedi ao amigo e estilista Paulinho Araújo que me vestisse para o casamento, imaginei algo que combinasse com o que eu havia sido até então. Talvez um turbante de cetim branco? Ou um vestido longo com blazer por cima? Paulinho tirou minhas medidas e disse que decidiria sozinho. Seria um presente. Confiei nele. Fechei os olhos. Voltei para a primeira prova e quase desmaiei de susto! Mas essa noiva sou eu? Vesti a peça, me olhei no espelho, a pressão caiu, me atirei no sofá, chorei. Ri também. Gostei. Tudo que se diz sobre uma mulher prestes a casar é a mais pura verdade. E eu só descobri isso ali, no ateliê do Paulinho, aos 36 anos de idade, experimentando um vestido de noiva.

Eu estava mudando, não havia dúvida. Lula percebeu. Paulinho percebeu. E elas percebiam. E havia algo mais na imagem pública da personagem Ana Paula Padrão. Apesar do histórico profissional ligado a temas masculinos, eu não era propriamente uma mulher masculina. Nem poderia ser. Tenho pouco mais de um metro e sessenta, aparência frágil, muito magra, pálida. Jeito de bailarina. Aqueles terninhos com ombreiras gigantes já haviam sido despachados para o baú havia muito. O paradoxo residia aí. Como uma mulher com cara de mulher, jeito de mulher, que acabou de se apaixonar perdidamente por um homem que também se apaixonou perdidamente por ela, que se casou da maneira mais romântica e convencional possível consegue construir uma carreira tão respeitada cobrindo áreas supostamente masculinas do jornalismo?

Elas se interessavam por mim porque, apesar de todas as minhas contradições internas, eu representava o equilíbrio sonhado. Talvez me vissem como um modelo de mulher respeitada, bem-sucedida, que continuava lutando mas, agora, sem perder a feminilidade. Qual seria o segredo para isso?

REVOLUÇÃO FEMININA

Comecei a me dar conta de que havia um movimento geracional no sentido de resgatar valores femininos depois de várias reportagens que passei a produzir sobre mulheres. Elas queriam me entender? Pois eu estava ansiosa para decifrá-las. Minha intuição dizia que compreenderia meus próprios questionamentos e mudanças se pudesse entender o que acontecia com toda uma geração. Durante meu período na bancada do Jornal da Globo fiz várias séries sobre mulheres. A primeira batizei de "Revolução Feminina". Depois "Mulheres do Mundo". Em 2005, no aniversário de quarenta anos da TV Globo, fiz uma série especial sobre as gigantescas mudanças no universo feminino desde a década de 1960.

Conversava com minhas entrevistadas como uma amiga. Seus dramas eram os meus. Eram questões relacionadas ao trabalho, ao companheiro ou aos filhos, mas a angústia era sempre a mesma. Muitas, muitas de nós havíamos tentado copiar os homens e acabamos nos transformando em um deles. Inclusive na forma de lidar com as emoções. Separamos o compartimento do trabalho das demais gavetinhas de nossas vidas. Passamos a adiar o restante, a negar o que não se adaptasse ao tempo da produtividade. Mas será que mulheres funcionam assim em caráter permanente? Hoje tenho convicção de que as mulheres, e também os homens, precisam ser felizes em todos os seus universos internos. Passamos por um treinamento cultural para exercer papéis sociais pré-estabelecidos e, portanto, aceitos. Mas a vida não é só trabalho.

Foi basicamente o que ouvi de boa parte das mais de trinta pessoas que entrevistei

para a série “Revolução Feminina”. Durante uma semana, exibi depoimentos de mulheres, homens, casais, atores, atrizes, escritores, dramaturgos, políticos, médicos, entre anônimos e pessoas conhecidas, como Débora Bloch, José Mayer, Maria Adelaide Amaral, Domenico De Masi, Marta Suplicy. Todos deram suas opiniões, narraram suas trajetórias e, de uma forma ou de outra, chegavam à mesma conclusão. Alguma coisa estava errada. As mulheres haviam feito uma revolução, mas não estavam inteiras nem satisfeitas em seus novos papéis.

A cantora Nana Caymmi me confessou: “Eu consegui conciliar as coisas, filho e carreira. O homem, não. Eu casava, mas eles não ficavam porque nunca eram prioridade. O homem sente isso, não tenha dúvida. A prioridade sempre foi das crianças e, quando eu tinha trabalho, elas ficavam muito bem assessoradas pela minha família. Eu não tinha tempo para tudo. Tinha que priorizar”.

A fotógrafa Vânia Toledo me expôs sua teoria de que nós, mulheres dos anos 1980, mergulhamos no movimento yuppie de corpo e alma e quase nos afogamos no individualismo que imperou naquele momento da história: “Eu acho que uma mulher razoavelmente madura, que gosta da vida, que é equilibrada e gosta de si mesma está preocupada com alimentação, está preocupada com o bem viver, está preocupada com o humor, com a amizade, com sentimentos que estão esquecidos — tudo o que o yuppismo fez o favor de jogar fora com a era do eu, eu, eu”.

Entrevistei ainda o sociólogo Domenico De Masi, que me impressionou profundamente com sua visão de futuro da sociedade sob a óptica da mulher. Segundo De Masi, durante dois séculos houve uma separação drástica entre o mundo público dos homens e o mundo privado das mulheres, entre o mundo racional, prático e coletivo dos homens e o mundo estético e subjetivo das mulheres. Mas a partir do século XXI, disse ele, o coração da produção na sociedade pós-industrial em que estamos prestes a entrar será baseado em bens imateriais gerados pela atividade intelectual. E isso beneficia as mulheres.

“Assim que a mulher tomar consciência da importância do subjetivo, do estético e do emotivo tomará consciência também de que tem pontos de força extraordinários que os homens não têm.”

E mais. Domenico De Masi defendia que o conceito de sucesso seria modificado. Pelas mulheres. Por causa das mulheres:

Quando eu digo sucesso não entendo como sucesso competitivo, tipo americano. Quero dizer um sucesso constituído pela satisfação das necessidades de caráter qualitativo, ou seja, não a necessidade de poder, de dinheiro, de possuir, que são típicas do homem industrial, mas um sucesso que precisa de introspecção, precisa de amizade, de amor, de jogo, convivência, que são os verdadeiros elementos de sucesso da sociedade pós-industrial.

Se os atributos listados por De Masi são os que correspondem à personalidade feminina, pensava eu, isso justificaria o desconforto que sentíamos, àquela altura, vestidas em nossos personagens públicos. Cientificamente, esse desconforto já era mensurável. Maruska Rameck, fonoaudióloga da Universidade de São Paulo, coordenou um estudo sobre como as mulheres haviam se transformado, biologicamente falando, para conquistar o

mercado de trabalho. Em seu artigo "Dinâmica da voz e do gênero: Uma questão de poder", Maruska concluiu que a "voz de poder" era uma voz com padrão vocal masculino, com pausas mais curtas, mais velocidade nas frases, tom mais grave e mais assertivo.

Ela afirmava que a voz de homens e mulheres mudava conforme a necessidade de adaptação a um contexto social ou profissional. O padrão vocal era modificado, inconscientemente. Mulheres que, naquele momento, haviam ascendido a postos de comando nas corporações tinham um padrão vocal tecnicamente masculino. Ora, isso queria dizer que só mulheres com voz de homem conseguiam quebrar o teto de vidro e comandar uma empresa? Claro que não. As mulheres alteravam sua voz para chegar lá.

Isso aconteceu comigo. Coincidentemente, depois da entrevista com Maruska, chegou até mim a gravação de uma de minhas primeiras reportagens, em 1986. O repórter cinematográfico que trabalhou comigo na época localizou uma cópia da fita de vídeo e me mandou de presente. A pessoa que ouvi falando ao microfone era outra. Tinha voz de mulher. Uma voz aguda, quase infantil. Claro que a maneira como falamos amadurece como tudo mais em nós. Mas não era apenas isso. Eu havia mudado meu padrão vocal. Eu era um exemplo claro da pesquisa de Maruska. Só então compreendi quanta agressão nós mulheres nos autoinfligimos em nome do sucesso no trabalho. Quanta violência.

Não estou defendendo que a mulher seja, em seus gestos, suas atitudes e sua voz, uma pessoa frágil. Quando precisa se impor, qualquer um, mulher ou homem, muda a voz, eleva o tom, assume uma atitude corporal defensiva. Ou agressiva até! Mas fazer isso o tempo todo? Viver um personagem? É razoável? Sensato? Necessário?

Algumas de nós já haviam pensado muito sobre isso. Dilma Rousseff, na época a poderosa ministra das Minas e Energia, era uma delas. Não a conhecia pessoalmente, a nova ministra acabara de assumir a pasta. Fazia parte de minha rotina viajar, eventualmente, para Brasília e me reunir com autoridades. Numa dessas viagens, consegui quinze minutos na agenda dela. Sua primeira pergunta foi sobre se eu estava ali preparando alguma reportagem a respeito do setor de energia. Expliquei que apenas aproveitava uma viagem à cidade para conhecê-la e que a série na qual trabalhava no momento nada tinha a ver com economia. Era um estudo comportamental. Sobre mulheres. Surpreendentemente, pelo menos para mim, a conversa sobre o universo feminino se arrastou por mais de uma hora. Saí dali com a sensação de que todas nós refletíamos sobre a mudança no comportamento das mulheres e suas consequências. Apenas não tínhamos espaço, e coragem, para uma discussão aberta. Muitas já percebiam quão alto era o preço pago para alcançar o mundo profissional masculino. Dilma observou que, na opinião dela, a mulher simplesmente não controlou a maneira como aconteceu seu ingresso no mundo do trabalho e que o tempo da produtividade corporativa é muito diferente do tempo de ver uma criança crescer. Perguntei se ela me daria uma entrevista formal sobre o tema. Ela aceitou prontamente. O depoimento gravado foi um dos pontos altos das reportagens. Se havia uma mulher no Governo Federal, naquele momento, definitivamente associada ao contexto masculino do poder, essa mulher era Dilma. E ela também pensava como nós. Dilma me disse:

A libertação da mulher, ou seja, o que é considerado libertação, o direito dela de trabalhar, de ter sua vida, definir seu destino, veio deixando uma parte muito incompleta, que é a parte pessoal. Agora, tem que ter coragem para saber que sem família, sem filho, sem um companheiro, a vida fica meio pobre. Não acho que a

gente precisa ter a soberba de achar que nós nos bastamos. Se tem alguém que sabe que não se basta é a mulher. Até porque eu acho que nós gostamos mais de amar do que de ser amadas.

SOBREVIVÊNCIA

O eco daqueles depoimentos repercutia dentro de mim. Tristeza-problema-diagnóstico-questionamento fervilhavam em minha cabeça. A obsessão por encontrar o equilíbrio me levou a uma conclusão lógica. A chave que abria a porta para uma nova vida não estava no meu horário de trabalho. Estava no trabalho em si. A dificuldade que tive nas negociações para sair do Jornal da Globo me fez ter certeza de que o que eu precisava mesmo era sair da empresa. Não que eu quisesse isso. Apenas precisava disso. E por quê? Porque era o único caminho. Nas conversas com meus chefes fui, aos poucos, entendendo o peso que teria de carregar por ter dito “não” àquela bancada. Seria um caminho difícil de trilhar. Uma atitude muito provavelmente insustentável a longo prazo.

Foram muitas as conversas com os diretores da TV Globo naquele período. E, a bem da verdade, sempre muito carinhosas da parte deles e da minha. Eles entendiam minha necessidade de deixar o horário da madrugada. Mas o que poderiam me oferecer que satisfizesse os dois lados? Não era culpa da empresa que eu agora quisesse mandar em minha própria agenda. Cheguei a pedir para voltar a ser repórter especial mas a direção argumentou, com razão, que a mudança seria um rebaixamento na minha carreira. Como explicar ao mercado que eu deixaria a apresentação de um telejornal tão importante para voltar a ser repórter? Seria mesmo muito complexo. O Jornal da Globo ia bem tanto em audiência quanto em faturamento. Por que razão uma empresa desmontaria algo tão bem-sucedido?

Não havia o que fazer. Eu mesma provoquei um xeque-mate em minha carreira. Para a profissional que era até ali, aquele era o lugar perfeito. O problema é que eu estava mudando a pessoa que eu era. Eu simplesmente não cabia mais lá. A direção da Globo não sabia disso e eles, de fato, não tinham como saber. Por isso as conversas, apesar de carinhosas, sempre chegavam a um impasse.

Coragem, infelicidade e um pouco de matemática corporativa me levaram a mover a peça seguinte do tabuleiro. Dois meses antes da minha saída avisei ao então diretor de jornalismo da emissora que iria procurar o mercado. Disse que conversaria com outras TVs. Sabia que meu futuro ali era limitado. Era uma questão de sobrevivência pessoal. Eu tinha muito claro dentro de mim que queria ter mais tempo, mais vida pessoal. Sabia que era eu quem estava mudando. E sabia que eu não combinava mais com a carreira importante que tinha construído na Globo até então.

A Ana Paula carreira-trabalho-planejamento-organização estava se desmanchando. Outra Ana Paula disputava espaço com aquela que, até então, só tinha foco na profissão. O jornalismo era, até ali, o ponto central em minha vida. Todas as outras coisas dependiam disso. Eu não tinha projetos pessoais. Eles eram vagões arrastados pela fortíssima locomotiva profissional.

Esse não era um problema da Globo. Fui feliz ali durante a imensa parte do tempo. Aprendi muita coisa, morei em muitos lugares, desenvolvi diferentes funções. Meu talento sempre foi reconhecido. Galguei posições de destaque. Nunca fui discriminada por ser

mulher. Não era, então, questão de sair de uma empresa para fazer a mesma coisa em outra. O que eu queria era uma relação nova com outros aspectos da minha vida. Uma nova relação com meu casamento e minha vida emocional. Não queria mais o trabalho no centro da minha vida. Sempre fui — e continuo sendo — uma profissional dedicada, organizada, responsável. Só não queria mais ser apenas isso.

Isso não quer dizer que o trabalho, hoje, seja uma parte menor em minha vida. Sou uma mulher da produção. Uma mulher dos anos 1980. Gosto de projetos. Adoro empreender. Aceito os riscos. Não sou do tipo que seria feliz apenas com o amor e uma cabana. Mas passei a perseguir intensamente o equilíbrio. Entendi que era uma legítima representante de uma geração de mulheres sem interlocução. Sozinhas e batalhando muito. Como eu, havia inúmeras mulheres, cada uma com suas angústias, amarradas a um tipo de trabalho que elas efetivamente buscaram! Com força! Mas que já não as preenchia inteiramente.

Sentirmos que somos parte de um momento histórico nos ajuda a entender nossas próprias limitações. Nossos erros, por que não? Um enorme contingente de mulheres, como eu, queria mudar, mas não sabia como. Todas estivemos, por um longo período, presas à armadilha na qual nós mesmas, por vontade própria, havíamos caído.

UMA LIGAÇÃO INESPERADA

No meio desse turbilhão emocional, o telefone tocou. Atendi e do outro lado da linha ouvi a voz inconfundível: “Paula, Paula, aqui é o Silvío!”. Era ele, Silvío Santos. Sempre me chamou de Paula. Eu estava na Globo. Olhei para um lado, para o outro. Não tinha onde me esconder. Fim de tarde: redação lotada! Escorreguei na cadeira e respondi baixinho: “Oi, como vai?”. Ele me disse que queria conversar. Já havia recusado alguns convites do Silvío para migrar para o SBT. Dessa vez seria diferente, ele enfatizou. A proposta seria um desafio para mim. Desafio? Bem, valia a pena ouvir.

Marcamos uma conversa na casa dele, no Morumbi, bairro nobre de São Paulo. Silvío me recebeu no escritório amplo, que eu também já conhecia de outras reuniões. Se você é fã do artista Silvío Santos saiba que, de perto, ele é igualzinho. A mesma voz, o mesmo jeito de falar, repetindo palavras e estalando a língua. E, principalmente, a mesma risada! Silvío é um grande negociador e um homem que sabe o que fazer para atrair a atenção de seu interlocutor. Ele estuda as pessoas. Conhece seus pontos sensíveis. E de fato, naquele dia, ele me surpreendeu. Os convites anteriores eram sempre para atuar como apresentadora de telejornal. Agora o que ele me oferecia era reestruturar o departamento de jornalismo da emissora. Refazer os laços dos telejornais com as afiliadas. Contratar novos repórteres. E, finalmente, lançar um novo telejornal em rede nacional. Silvío queria refazer o que ele mesmo havia desfeito anos antes. O departamento de jornalismo da emissora estava praticamente extinto. Dizia-se que Silvío não gostava de jornalismo. Era uma aposta alta. Não seria apenas levantar de uma cadeira e sentar em outra. Havia um projeto gigantesco a desenvolver. Para mim, era uma grande oportunidade. Mesmo que com um enorme componente de risco. No SBT, eu poderia fazer o que sabia até ali, jornalismo, e aprender muito sobre outros mercados, inclusive empreendendo algo novo e próprio! O SBT é uma emissora que permite a seus funcionários desenvolver projetos fora dali. Com isso em mente e algum planejamento, eu só precisava de um pouco mais de ousadia.

UM SALTO PARA MIM MESMA

Para quem estava fazendo uma curva de 180º na própria trajetória, minha ansiedade estava sob controle. Pulsação o.k., pressão arterial normal. Fora uma gripe violenta, certamente o vírus da tensão pré-mudança de vida, eu sentia até um certo relaxamento naquela quinta-feira. Acordei já sabendo que o diretor de jornalismo da Globo estaria em São Paulo. Havia marcado com ele uma conversa pessoal. Meus advogados haviam estudado a situação jurídica. Disseram-me que seria necessário que eu pagasse uma multa pela saída antecipada da emissora. Meu contrato, de quatro anos, estava na metade. A multa equivalia aos salários do período que eu deixaria de cumprir.

Eu já havia comunicado meu pedido de demissão ao diretor de jornalismo da Globo em São Paulo. Ele era meu superior hierárquico direto, além de amigo. Por isso, imagino eu, o diretor-geral de jornalismo da emissora talvez já esperasse o teor da conversa daquela quinta-feira. Eu tinha a carta de demissão e o cheque da rescisão prontos. Não foi uma conversa ríspida. Eu disse que estava ali para pedir demissão e garantir que arcaria com todas as cláusulas previstas no contrato. Expliquei que no dia seguinte meu advogado procuraria o departamento jurídico da Globo com o cheque da multa. Insisti que minha decisão nada tinha a ver com o tempo em que havia trabalhado ali. Ao contrário. Sentia-me agradecida e honrada. Apenas precisava ir embora.

Não acho que ele tenha compreendido verdadeiramente minhas razões. Provavelmente achou que eu só queria ter mais visibilidade, dar um salto na carreira. Sob o ponto de vista dele, era verdade. Mas a resposta que ele procurava vinha da pergunta errada. Eu não queria dar um salto na carreira dentro do jornalismo. Um posto mais alto do que aquele que eu havia alcançado, dentro do meu perfil profissional, nem seria possível. O salto que eu queria dar era para fora desse espaço, em direção a mim mesma. Não só porque eu queria equilibrar a minha vida emocional, mas porque desejava algo que fosse escolha minha e que me realizasse mais. Tudo isso era mesmo muito difícil de traduzir. Afinal, eles conheciam a pessoa que havia trabalhado lá durante dezoito anos e a pessoa que estava saindo era outra. Esse era o salto. Como explicar isso às pessoas?

Ao sair do prédio, pegar o carro no estacionamento e virar na rua em direção à minha casa, tudo que senti foi alívio. “Bom, eu fiz, né? Eu fiz”, pensei. Eu ainda não tinha a menor ideia do furacão que me esperava. Saí dali acreditando que apenas tinha encerrado um ciclo profissional. Naquele mesmo dia uma primeira nota na imprensa informava que eu havia deixado a Globo. Daí em diante meu telefone não parou mais de tocar. Resolvi, num primeiro momento, não atender às ligações. Acreditei que o silêncio seria o melhor remédio contra o assédio.

Sentia-me em paz. Tinha certeza de que havia feito o que precisava. Parte de minha decisão havia sido tomada com base numa “nova” Ana Paula. A “velha” Ana Paula fazia tudo com base em lógica e racionalidade. Mas existia uma pessoa nova acontecendo em mim, alguém que acreditava mais naquilo que sentia. Um crédito importante deve ser dado a meu marido. Pela segurança de me sentir amada. Profundamente amada. De um jeito que, talvez, eu nunca tenha sido antes. Aliás, tenho certeza de que do ponto de vista pessoal, de relações afetivas, não tinha sido mesmo. O fato de me sentir muito especial, muito querida, superou minha necessidade de racionalizar tudo. Walter é um homem da emoção. E o que o torna tão interessante é que ele alia essa característica a uma

qualidade que todo homem deveria ter: a coragem. Ele tem coragem suficiente para viver o que sente. Para mostrar o que sente. Esse tipo de pessoa não se encontra em qualquer esquina. Todos temos medo. Da rejeição, da crítica, do abandono. Não amar é muito mais fácil. Não se entregar é menos arriscado. Walter nem sabe como é esse tipo de comportamento. Ele me conquistou. Mas essa história eu conto em outro capítulo.

Outra parte da minha decisão em deixar a Globo foi puramente intuitiva. Não entendo intuição como um sexto sentido, algo divino ou milagroso. Mas, sim, como uma certeza que existe em alguma parte inconsciente de nosso cérebro e que se manifesta sem que a gente consiga explicar. Intuição é a nossa experiência acumulada. Intuição somos nós, nosso passado, tudo que vivemos, experimentamos, o que sabemos que gostamos e o que não suportamos. Intuição era uma parte de cada uma daquelas conversas que tive com cada uma daquelas mulheres. Acredito que as pessoas que se conhecem mais tendem a confiar mais nelas mesmas e nos próprios instintos. Nosso inconsciente sabe o que vai nos fazer feliz.

Sei que é preciso ter muita coragem para seguir aquilo que se sente. Tendemos a subestimar a emoção e acreditar apenas no que é real, palpável, como planilhas, metas. Mas, se você confia no instinto, a coragem para tomar as decisões vem dele. O aeroporto em que embarcamos no início da viagem é o mesmo aeroporto em que desembarcamos na volta. Mas às vezes ele nos parece tão diferente! Só o viajante mudou. Ele vê as coisas de modo distinto. O que chamamos de intuição, para mim, nada mais é do que viver o suficiente, com sabedoria e humildade para se conhecer.

O que fiz naquele dia foi tomar uma atitude instintiva. A sensação de fazer parte de uma geração de mulheres que abandonava padrões de comportamento profissional em busca de serenidade pessoal me ajudou. Não sabia o que ia acontecer com a minha vida a partir daquele momento. Não sabia que aquele passo teria a repercussão que teve. Não sabia se conseguiria montar um departamento de jornalismo razoável no SBT, nem qual caminho eu traria para, no futuro, trabalhar com mulheres. Mas, curiosamente, boa parte da equipe que aceitou o desafio de ir comigo para o SBT era feminina, mulheres da minha idade que aderiram imediatamente ao projeto. E que fizeram isso não só porque gostavam de trabalhar comigo, mas pelo desafio do novo.

Muitos líderes de empresas tomam decisões guiados pelo instinto. Já não considero estranho esse movimento. A intuição pode nos levar a lugares aos quais jamais chegaríamos usando apenas a razão. Luiza Helena Trajano, presidente do Magazine Luiza, sempre me pede que eu a decodifique. Parece estranho para quem ouve, mas o fato é que Luiza é tão guiada pela intuição que nem sempre sabe por que tomou esta ou aquela decisão. Ela decide. Depois racionaliza. E no processo de analisar o raciocínio que a levou até ali ela conversa muito com vários interlocutores. Pessoas como ela são excepcionalmente seguras. Luiza é uma das raras mulheres que não conhecem a palavra culpa. Nunca se sentiu mal por ter criado seus três filhos enquanto trabalhava. Nunca carregou dúvida sobre se aquela era a coisa certa a fazer. Sempre preferiu o enfrentamento imediato dos problemas para resolvê-los o mais rapidamente possível.

“Meus filhos sempre foram expostos ao enfrentamento. Se alguém discordava, não disfarçávamos. Tudo era colocado sobre a mesa. Ninguém viveu se escondendo na fantasia da família feliz. Somos felizes porque resolvemos nossos problemas falando sobre eles.”

Luiza gosta do contraditório. Mas acredita de verdade em si mesma. E na força de uma intuição que a levou a transformar uma loja no interior de São Paulo em uma das maiores redes de varejo do Brasil. Em 1992, inventou o que ela própria batizou de “lojas

virtuais” para atender municípios nos quais não fazia sentido econômico abrir uma loja física com estoque de produtos. Os vendedores estavam lá. O letreiro do Magazine Luiza também. Mas no lugar dos fogões e geladeiras havia apenas catálogos. Nem computadores estavam disponíveis naquela época. Com a imagem dos produtos e a capacidade de convencimento dos funcionários, os clientes compravam. Sem tocar nos produtos. Foi a fagulha da venda on-line, antes da internet acontecer de verdade. Ninguém apostou um centavo na ideia. Mas ela foi em frente. Luiza não se aborrece com as críticas. Visionária, acostumou-se a elas.

Luiza é rara. Chieko Aoki também. “Sou de uma época em que roupas de homens e de mulheres eram lavadas separadamente. Na cultura japonesa, seria estranho para eles, seres superiores, ter a roupa lavada no mesmo tanque das roupas delas”, contou Aoki, dona da rede de hotéis Blue Tree, em um dos seminários que realizei para mulheres. Como se não bastasse criar um império da hotelaria tendo nascido numa cultura machista, ela luta pela equidade em sua empresa: 54% dos funcionários da rede são mulheres. Chieko sempre intuiu que, para replicar nos hotéis o aconchego da própria casa, ela precisaria criar uma identidade própria na empresa, a “cultura do sorriso”. Ela sabia que mulheres estariam mais dispostas que homens a sorrir, mas, para mantê-las na empresa, seria preciso traçar uma meta de equidade e acompanhá-la de perto. O que Chieko Aoki intuiu é que, apesar de terem sido tão competitivas nos anos 1980, “no futuro, as mulheres brigariam mais por qualidade de vida do que por posições na empresa”. E é justamente isso que está acontecendo hoje.

BALANÇA DESEQUILIBRADA

Assinei com Silvio Santos um contrato de quatro anos e supus que, por estar numa emissora com audiência menor que a da Globo, a superexposição na mídia diminuiria proporcionalmente. Seria muito bom estar menos em evidência. Seria bom ter tranquilidade para outros projetos e para minha vida pessoal. Mas o que aconteceu foi exatamente o oposto. Dois dias depois de sair da Globo viajei para a Bahia, onde minha casa de praia havia ficado pronta. Um dia antes eu liguei para meu advogado, que me informou que a Globo não tinha aceitado meu cheque de rescisão de contrato. A única coisa a fazer era depositar o cheque em juízo, o que meu advogado fez.

O que começou com notinhas esparsas virou um megaescândalo. Dizia-se que a Globo me processaria pela saída. Uma dessas notícias, em especial, me magoou. Anunciava que eu havia pedido demissão por telefone. Ora, todos que estavam na redação naquele dia me viram entrar na sala da direção, uma sala de vidro, conversar, me levantar e ir embora. De onde teria vindo uma visão tão distorcida dos fatos? Decidi falar. Precisava falar. Explicar o que havia acontecido, equilibrar a balança das versões.

Na Bahia, sob uma chuva torrencial, carregadores entrando e saindo da casa nova, sofás pra lá, colchões pra cá, lama para todo lado, sentei-me na soleira da porta. O telefone celular só pegava ali. Atendi cada um dos muitos jornalistas que me ligavam sem parar. Conteí minha história. Narrei meus três anos de casamento de fim de semana. Conteí que aquilo estava me fazendo muito mal. Falei sobre meu cotidiano confiando que ele mesmo revelaria a mudança interna que vivia. Odiei expor minha vida daquela forma. Passei anos preservando-a. Fiz isso pois era a arma que tinha. A verdade.

Que bom que falei sobre tudo aquilo publicamente. Aquela voz interna me levou ao

lugar correto. Muitas mulheres que viviam situações de desequilíbrio similares sentiram-se representadas. Ganhei delas simpatia e votos de confiança. Ministrei inúmeras palestras por todo o Brasil depois disso. Nessas apresentações, mulheres me procuravam apenas para me dizer que sou uma referência para elas. Muitas confessam ainda ter vergonha de dizer no trabalho que precisam de mais tempo para suas vidas pessoais. Vivem diariamente o peso dos olhares de descrédito de seus colegas homens por ter outras preocupações além do trabalho. Sentem-se culpadas como se não fosse das empresas também a responsabilidade por tornar o ambiente mais favorável ao trabalho feminino. Mas, felizmente, há a situação contrária. Muitas empresas estão traçando metas para reter os talentos femininos e se empenham na direção da diversidade. Ainda assim, boa parte das mulheres ainda confunde a necessidade de se autopromover com cabotinismo. Espero profundamente que, dentro de 25 anos ou até menos, não se discutam mais as diferenças de gênero que hoje se apresentam no âmbito corporativo. Mas ainda há muito trabalho até lá, nos dois lados dessa moeda.

A VIDA NOS JORNAIS E REVISTAS

São as próprias mulheres que me dizem, nas inúmeras pesquisas que tenho feito ao longo dos últimos anos, que um dos momentos mais delicados da carreira feminina é o da chegada dos filhos. Trabalho e maternidade são substantivos que ainda não rimam na poesia das empresas. Entre dois currículos espetaculares, não é incomum que o de um homem tenha preferência sobre o de uma mulher em idade reprodutiva. Já ouvi do reitor de uma grande universidade que, na hora de escolher entre dois excelentes profissionais para o conselho diretor, um homem e uma mulher, toda a diretoria recomendava a contratação da mulher: "Eles me diziam que ela era mais adequada ao perfil que buscávamos, mas tinha 34 anos, era casada e não tinha filhos. Imaginei que em alguns meses ela engravidaria. E eu ficaria sem a pessoa de que precisávamos. Optei pelo homem".

Na minha geração, foi comum adiar a maternidade em nome da profissão. Basta ver a quantidade de mulheres na faixa dos quarenta anos nas salas de espera das clínicas de reprodução assistida. Pesquisas deixam claro o quanto a mulher, e também o homem, admitem que filhos atrapalham a escalada profissional feminina.

Ajuda ou atrapalha na carreira profissional das mulheres



FONTE: Instituto Data Popular para Tempo de Mulher, 2013.

Uma das mulheres mais incríveis que conheci nos últimos tempos, pela transparência em assuntos difíceis e pela suavidade em temas áridos, é a vice-presidente de assuntos corporativos do Walmart. Daniela de Fiori é casada e tem dois filhos, um deles prematuro, nascido aos cinco meses e meio de gestação. Quando teve de se afastar da empresa para cuidar da criança que exigia atenção muito especial, Daniela já havia experimentado a rotina masculina.

“Não são os homens que trabalham doze, catorze horas por dia. Eu cheguei aonde estou em parte porque trabalhei muitos anos nesse ritmo!”, sentencia ela, denunciando que até hoje há poucas alternativas. A diferença é que, quando ela reassumiu seu posto, depois de uma licença-maternidade ampliada pelas dificuldades com o bebê, a corporação a recebeu com carinho e respeito, o que ainda é uma exceção à regra.

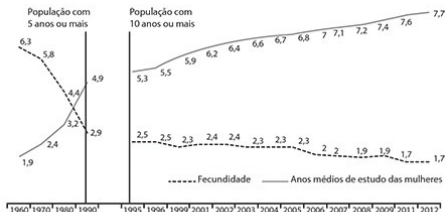
Daniela também é uma exceção. Ela adiou a maternidade, mas não por um tempo longo demais que a impedisse de ser mãe. E foi mãe numa idade e num momento da história em que já se aceita a frase: “Você tem histórias boas, mas também tem histórias difíceis com a maternidade”, dita por ela sem remorso.

O Brasil também tem uma história distinta da de outros países nessa questão. O caso brasileiro de aumento de escolaridade versus queda na taxa de fecundidade é único no mundo pela velocidade em que se deu. No gráfico a seguir, é possível atestar claramente que em cinquenta anos a mulher brasileira decidiu que estudaria mais e teria menos filhos — e que essa foi uma decisão radical.

Não posso dizer que tenha adiado a maternidade por causa do trabalho. Nos meus sonhos de menina, jamais me vi cercada de crianças numa casa enorme. O príncipe encantado que chegaria num cavalo branco e que formaria comigo uma família feliz não era a foto que eu tinha em mente na moldura da minha vida. Por isso, nunca soube se movida pela idade ou por um instinto maternal que nunca havia se manifestado antes, tentei, tardiamente, engravidar.

Hoje percebo o quanto a maternidade se realiza de outras maneiras. Sou mãe de muitas pessoas. De muitos amigos. De muitas situações pelas quais me sinto, efetivamente, responsável. No entanto, aos 36 anos, ainda trabalhando na Globo, quando me casei com Walter, olhava para ele e sentia um profundo desejo de replicá-lo em outro ser. Mas gerar um filho nessa idade é menos fácil do que apregoam os especialistas em reprodução assistida. Walter fez exames. Tudo em dia. Em mim foi diagnosticada uma endometriose. Não grave, mas extensa. O procedimento sugerido pelos médicos era a

fertilização in vitro, ou FIV. Começa-se com a estimulação de uma superprodução de óvulos. Para isso a mulher toma injeções diárias de hormônios. Na barriga. Foi o que eu fiz. De manhã, Walter cuidava do ritual das seringas. Eu tentava voltar a dormir. Nem sempre conseguia. Meus dias começaram a ficar incrivelmente longos. A rotina incluía visitas cotidianas à clínica para um ultrassom. O aparelho mostrava em que estágio de desenvolvimento estavam os folículos — os pré-óvulos.



FONTE: Data Popular a partir das séries estatísticas do IBGE e PNAD.
Fecundidade calculada a partir do número de filhos pelo total de mulheres em idade entre 15 e 49.

Assim que eles amadureciam o suficiente, era hora da coleta. Em sala cirúrgica, agulhas gigantes espetavam meus ovários para tirar de lá os óvulos. Sim, isso dói, se é o que você está pensando. Os óvulos iam então para o laboratório. Encontravam-se ali com os espermatozoides do Walter. Alguns conseguiam virar embriões. Quando a divisão celular desses embriões atingia um ponto que os médicos julgavam ideal, eles os implantavam em meu útero, em número máximo de quatro.

No total, fiz esse procedimento quatro vezes. Nas duas primeiras os embriões não vingaram no útero. Estava exausta, estressada, meu corpo mudava radicalmente, meu humor, idem. Pensei em descansar dos tratamentos por seis meses antes de nova tentativa. Foi quando engravidei. Naturalmente. Descobri num exame de farmácia. Liguei para o médico, dr. Nelson Antunes Jr, hoje um grande amigo e confidente. Passamos, ele, Walter e eu por muitas coisas juntos. Não é coisa que se esqueça. Nelson sempre me perguntava por que, num casamento tão feliz e numa idade em que os filhos já deveriam estar “adolescendo”, desejávamos a gravidez. Ele dizia que dezenas de casais que se sentam todos os dias diante dele estão apenas procurando uma razão para continuar o casamento. E que, quando conseguem, a união não raro se desfaz. Pensei longamente sobre isso mais tarde. Mas, naquele momento em que ele, pelo telefone, me disse que testes de farmácia não erram o “positivo”, apenas comemorei. Discretamente. Estava num salão de beleza, fazendo as unhas. Disfarcei o arrepio interno, a sensação de poder que a gravidez gera. Pelo menos comigo foi assim. Sentada ali, diante da manicure que tagarelava qualquer coisa sobre a cliente anterior, liguei para o Walter. Não podia esperar para dar a notícia pessoalmente. Foi um dos momentos mais lindos da minha vida.

Grávida, imaginei que aquela poderia ser a chance de sair da apresentação do Jornal da Globo e mudar de horário. Poderia ficar na bancada durante a gestação, sair no nascimento do bebê e não voltar da licença-maternidade para aquele posto. A emissora

teria um bom período para testar outra pessoa e eu retornaria direto para outra função. Negociei com a direção. A resposta foi vaga. Não desanimei. Grávidas se sentem inacreditavelmente invencíveis e capazes de qualquer coisa.

Perdi o bebê na décima semana. Sofri o que se chama de aborto “retido”. O embrião havia morrido. No consultório, não ouvimos mais os batimentos cardíacos. Não há nada que eu possa escrever aqui que descreva com exatidão o que passei. Por isso me limito a narrar os fatos. Fui para o hospital numa sexta-feira e fiquei internada todo o fim de semana. Nelson, Walter e eu. Chorei uma vida inteira nesses três dias. Eu sangrava muito, era levada para a sala de ultrassom três vezes por dia. O aborto continuava. Os médicos evitavam uma curetagem para não danificar o tecido do útero. Esperaram a natureza fazer o que sabia. Um luto. Ninguém soube. Nem uma única nota foi publicada a respeito. Era assim que eu conduzia minha vida e não via por que anunciar publicamente minha dor.

Nesse mesmo ano tentei ainda mais duas FIVs. Novas frustrações. Ao fim de dois anos de tentativas eu estava exaurida física e emocionalmente. De novo, ninguém soube. Ninguém percebeu. Eu não deixei que percebessem. A supermulher ainda estava lá, trabalhando como se nada tivesse acontecido. Mas aconteceu. E tive uma profunda convicção de que a definição de vida normal, para mim, não era mais aquela.

Nunca imaginei que um dia tornaria públicos esses acontecimentos. Nada disso tinha relação com a persona pública Ana Paula Padrão. Acabei contando detalhes desse processo sentada na soleira daquela porta da casa de praia, vendo meu marido andar de um lado para o outro, me olhando preocupado, aflito. Foi um instrumento para fazer chegar às pessoas os fundamentos de uma definição que eu acreditava ser só minha, mas que, de novo, era fruto da história de toda uma geração. Quando entrei na Globo, eu era uma menina de 21 anos, me considerava incrivelmente forte e não tinha ideia do que era o mundo profissional fora da emissora. Dezoito anos depois, minhas convicções, meus dogmas, minhas certezas já não valiam tanto. Ser apresentadora já não valia tanto. Eu tinha uma vaga noção do que eu queria do futuro. Mas já podia ver com clareza o que eu não queria. Simplesmente porque não era mais importante para mim.

OUTRO CAMINHO

Durante cinco anos de pesquisas e entrevistas, entre 2000 e 2005, ouvi mulheres discorrerem sobre o desejo de retomar aspectos abandonados do universo feminino em suas vidas. Não que a mulher quisesse voltar para casa. O trabalho é um pilar da identidade feminina.

A pesquisa abaixo, feita em setembro de 2013, só comprova isso.

Se dinheiro não fosse problema, você preferiria não trabalhar e ser sustentado por seu marido/esposa?

Mulheres

Homens

72% Não

89% Não

26% Sim

7% Sim

**2% Não sabe/
Não respondeu**

**4% Não sabe/
Não respondeu**

FONTE: Instituto Data Popular para Tempo de Mulher, 2013.

Tratava-se, na verdade, de uma vontade de não trabalhar mais em ambientes com modelo de gestão 100% masculino. Queríamos nos reencontrar conosco. Por isso, quando disse publicamente que estava saindo da maior emissora de TV do país porque queria mais espaço para mim mesma em minha vida fui compreendida de imediato. Existia de verdade uma frustração represada em muitas mulheres da minha geração. Foi como se meu gesto dissesse a elas que havia outro caminho, era só optar. Recebi inúmeras cartas, e-mails, fui chamada para falar sobre meu momento pessoal para diversos jornais, revistas, publicações femininas. Senti que as pessoas tinham muito interesse em ler sobre a história de uma mulher que mudou seu destino. Todas nós estávamos visivelmente insatisfeitas atendendo apenas às agendas dos outros. Queríamos espaço para nós mesmas. Sem querer, me transformei num símbolo dessa guinada geracional no Brasil. Não nego que o fato de mudar a vida ganhando um salário maior no novo emprego foi muito confortável. Era associar uma profunda decisão pessoal à estabilidade financeira — e evidentemente isso facilitou as coisas. Se eu não tivesse optado por esse caminho, será que teria adiado a mudança e teria permanecido mais tempo infeliz? Talvez sim. A Ana Paula daquela época ainda era mais racional do que emocional. Mas se essa opção se apresentasse agora, eu arriscaria. Maturidade é um coquetel de dores e incertezas. Enfrentar necessidades emocionais é o único caminho para a estabilidade, inclusive financeira. Ser bem-sucedido e infeliz é receita que desanda. O sabor é amargo. Muitos dirão que é fácil dizer isso do ponto onde me encontro. Sei que corro o risco das críticas. Administrei bem minha carreira porque persegui a felicidade, não o dinheiro.

O rumo que minha vida tomou em função dessa mudança provou que, na verdade, escolhi o caminho que era correto para mim naquele momento. Foi uma decisão tão profunda em minha alma, em minha psique, em minha emoção, que nunca me arrependi. Foi a coisa mais certa e mais importante que fiz na vida. Sem esse passo, não seria a pessoa que sou hoje, incomparavelmente mais feliz.

A felicidade mora em vários lugares mas se assenta no equilíbrio. Hoje, minha alegria está atrelada a dezenas de coisas. O trabalho é uma delas. Quando olho para trás vejo uma pessoa diferente. Até por isso tenho muito orgulho da minha trajetória. Eu mudei. Muitas mulheres mudaram. Somos parte de uma mesma história. Sinto-me uma igual, não

uma estranha. Fiz as escolhas que deveria fazer e construí com êxito uma nova etapa da vida. Acredito que tenha sido sensata o suficiente para entender que, naquele determinado momento, eu precisava romper para sempre com a mulher-ombreira e começar a construir outra pessoa, uma mulher de verdade.

2. Uma janela para a vida

Sou uma moça do interior. Quando nasci, cinco anos depois da inauguração, Brasília ainda era um imenso canteiro de obras. O concreto brotava do chão em estruturas estranhas. Eram os prédios das superquadras. Meu planeta era o céu azul opressivo, pesado, derramado sobre a terra seca permeada por poucos conjuntos cinzentos de moradias. Todas praticamente iguais, com prédios de no máximo seis andares. Acho que o prédio mais alto da cidade era o Hospital de Base, onde minha mãe deu à luz uma menina gorducha de bochechas rosadas. A família esperava o Marcelo. Veio a Ana Paula.

Meus pais moravam em um predinho de três andares, sem elevador, na SQN 403. A capital planejada é uma sopa de letras e números. SQN significa Superquadra Norte — ou seja, um conjunto de prédios residenciais na Asa Norte do avião, que é o desenho do Plano Piloto. Confuso, não é? Só quem é de lá não estranha. E se hoje parece esquisito, imagine quando, entre uma superquadra e outra, havia apenas terrenos supervazios à espera de super-habitantes, os desbravadores do cerrado.

Minha infância foi uma espécie de faroeste tupiniquim. O poeirão vermelho do cerrado girava em redemoinhos, desgrenhava meus cabelos de menina e tingia a camisa branca do colégio de freiras, o Centro Educacional Maria Auxiliadora. Ela irá para uma escola só de garotas, decidiram meus pais. É que no colégio misto eu apanhava dos meninos. Eles puxavam minhas tranças e me chamavam de pirralha. Um dia minha mãe passou a tesoura em minhas madeixas cor de breu. Culpa dos piolhos. E do Neocid, que não conseguiu dar conta de matá-los. Sou da época em que se borrifava pó inseticida na cabeça das crianças. Quando uma tinha piolho na escola, todo mundo pegava. De cabelo curtinho, fiquei ainda mais tímida do que já era. Timidez que está lá, na foto da carteirinha escolar, e que não me deixa mentir. Aquele olhar de baixo pra cima, olhar de quem quer ser ainda menor do que é, ficou impresso naquele retrato. Um olhar de quem queria sumir.

Eu ainda era filha única quando nos mudamos para outra sigla: SQS 304. Nosso apartamento ficava no sexto andar e por isso minha mãe mandou instalar grades nas janelas. Éramos apenas ela, meu pai e eu. Os dois não tinham família na cidade, eram migrantes que haviam chegado à capital sozinhos e separados. Ambos vindos do interior de Minas Gerais, mas de cidades diferentes. Mamãe deixou Araguari, no Triângulo Mineiro, aos dezoito anos para bater na porta da Rádio Nacional de Brasília e pedir um emprego de

locutora. Consegui. Papai, batizado Fausto Orlando de Vasconcelos Padrão, lá em Sete Lagoas, cidadezinha perto de Belo Horizonte, virou o dr. Fausto depois do diploma de advogado. Em Brasília, os dois se conheceram e se casaram. Naquele apartamento com grades nas janelas, minha mãe me ensinou a gostar da chuva e do cheiro da terra molhada. No Brasil das superstições, de onde eles vinham, tempestade era coisa para se temer e respeitar. Quando o céu escurecia, a mulherada corria a cobrir os espelhos para não atrair raios. Os homens se trancavam nos quartos. As crianças entravam em casa apavoradas. Foi minha mãe quem decidiu que eu não teria medo da natureza. Ela me sentava na janela do sexto andar, com as pernas para fora da grade, e estendia minha mão para que eu sentisse os pingos da chuva grossa do planalto.

“Olha a chuva que linda”, dizia mamãe em meu ouvido e nós duas gargalhávamos quando o vento trazia a água em nossa direção.

A infância pode ser tão mágica e tão crua. Não havia muito o que ver da janela nem muito o que fazer naquela cidade inventada. Não que eu conhecesse outras cidades, edifícios e janelas. Mas Brasília era insólita demais para que parecesse verdadeira. Os sonhos na janela eram parte da minha condição e me levaram a ser quem eu sou. A solidão nos faz olhar muito para dentro. As brincadeiras com minha mãe me fizeram olhar para fora daquele nosso pequeno universo e imaginar o que quer que eu desejasse além da vastidão do Brasil central.

CIGANOS E RATOS

Do lado esquerdo da minha janela via-se outro prédio de apartamentos, praticamente igual ao nosso. E mais outro e outro. Eram os blocos G, E e A. Morávamos no bloco C. Bem na frente havia um parquinho de areia para as crianças e o estacionamento para os carros. Os veículos ficavam ao relento porque garagens não estavam previstas no projeto urbanístico original da cidade. Do lado direito, havia um terreno baldio com árvores retorcidas e baixas onde um dia seria erguida a SQS 305.

Na primavera, um ruído ensurdecedor tomava conta da cidade. Eram as cigarras que, por um motivo que ainda desconheço, se proliferavam absurdamente na paisagem exótica. Mamãe me levava para caçá-las. Com os dedos em pinça ela me ensinou a pegar as cigarras nos troncos e levá-las para casa num saquinho de supermercado. Elas passavam então a morar em potes de vidro com as tampas cheias de buraquinhos. Os potes ficavam enfileirados no parapeito da janela. As pobres cigarras continuavam cantando por um tempo — que para mim parecia infinito! Talvez fossem só algumas horas. Era outro sonho da janela.

Dali eu via o dia passar. O sol desaparecia atrás do nosso apartamento. Era quando chegava o vento levantando o poeirão vermelho. As cigarras silenciavam e outros bichos tomavam conta da capital. O fim da tarde era hora de esperar o pai chegar do trabalho. Sentada no banquinho que ficava no andar térreo do prédio de pilotis, eu balançava as perninhas e observava a entrada da superquadra onde avistaria o Ford Galaxy Landau que traria papai. Mal o carro apontava ao longe e eu já sabia que era ele. Corria para onde ele costumava estacionar e o abraçava forte. Às vezes, papai demorava. E elas chegavam antes. As ratazanas. Saíam de seus esconderijos e corriam pelas calçadas. Veja bem, não me refiro a ratinhos de laboratório. Ratazanas cinzentas enormes, maiores que gatos. Dava pra tropeçar nelas no escuro. Iluminação não era o forte daquela capital ainda

incompleta. E as baratas. Pareciam recém-saídas de uma guerra nuclear. Alimentadas ativamente. Eram tão grandes que não se arrastavam pelo chão: elas caminhavam. Devagar. Carregando o peso daquele casco brilhante e escuro. Aprendi a temer nossas vizinhas peludas, cinzentas, de dentes afiados e as companheiras cascudas antes mesmo de dar os primeiros passos. À noite, a cidade era delas. Ratazanas graúdas, prenhas, parindo milhares de ratinhos debaixo dos automóveis estacionados. Baratas gigantes multiplicando-se à vontade nas brechas do concreto.

Mesmo dentro do apartamento não estávamos protegidos. Morcegos invadiam nossa casa pelas frestas entre as grades das janelas. E as baratas voadoras também. Há muito tempo não vejo uma. Na infância eram comuns. Vinham zunindo. Era a senha para papai ou mamãe pegarem o chinelo. Argh! Os morcegos tinham um lugar preferencial para se abrigarem. A cômoda no fim do corredor. Um móvel de imbuia, escuro, cheio de gavetas largas. Mamãe pegava a vassoura e os varria lá do fundo. Não os matava. Jogava um pano de chão sobre eles e os atirava de volta para fora. A caçada aos morcegos era uma das atividades tradicionais da noite. Eu acompanhava a aventura escondida atrás da porta do meu quarto. Mas fechar as janelas nem pensar. No verão, Brasília ardia em brasa! Os incêndios torravam as árvores secas do cerrado, deixando a cidade cor de cinza. Eu nem sabia o que era ar-condicionado.

A saúde pública recém-instalada tinha de dar um jeito naquele estado das coisas. Espalhou veneno nas superquadras. Morreram ratos e baratas. Mas também gatos e cachorrinhos de estimação. Calamidade. Mas quem é que reparava? Brasília era o reduto dos incertos e dos esperançosos. Brasília era como uma mina de ouro atraindo os sonhadores. Era um bilhete de loteria: poucos teriam direito ao prêmio, mas não faltavam infelizes apostando suas últimas economias.

Não há dúvida de que a rotina da cidade era incomum para uma criança qualquer, que, como eu, fosse fruto da loucura de povoar o centro-oeste do Brasil. A capital pela metade era o eldorado dos aventureiros. Dos desgarrados. Como meus pais. Como os ciganos. Caravanas de ciganos montavam acampamento nos terrenos baldios entre as superquadras. Jamais me aproximei deles. Ciganos roubam criancinhas, diziam as mães zelosas e solitárias da cidade vazia. E eu obedecia minha mãe. Não ia até eles, mas ao contrário do senso comum, adorava os ciganos. Achava lindo observar da minha janela a montagem das tendas coloridas. As mulheres se enrolavam em panos, usavam saias compridas, montes de colares e pulseiras. Elas me encantavam. Depois eles desmontavam tudo e seguiam seu caminho. Para onde estariam indo? O que é que os movia?

Talvez tenha sido ali, da janela do meu quarto no sexto andar, que eu tenha decidido. Talvez tenha sido ali, da janela com grades por onde entravam, à noite, os morcegos e as baratas voadoras. Da janela do apartamento simples, de onde eu via as mulheres exóticas e livres e ouvia os sons das canções que elas entoavam à noite. Talvez tenha sido ali que eu tenha planejado, sem querer, o que eu seria. Uma cigana.

Na hora do vestibular, meu pai me sugeriu uma profissão do futuro. Engenharia florestal. Virei jornalista para encontrar os ciganos. Para imitar os ciganos. Somos todos frutos de nossas circunstâncias.

PAS-DE-DEUX

Assim como as adolescentes altas e desengonçadas, as muito baixinhas também

não conseguem passar despercebidas. Na fila da escola, por ordem de tamanho para entrar na sala de aula depois do recreio, eu sempre era a primeira. A menor. A mais fraquinha. Nunca era escolhida pelas grandonas para fazer parte dos times de handebol. Sempre sobrava nas atividades físicas coletivas. Ficava ali, sozinha na arquibancada do ginásio, invisível, um pontinho de fracasso ambulante.

Muito pequena, muito fraquinha, muito tímida, muito insegura. Meus superlativos eram todos negativos. Eu me sentia uma aresta naquela cidade sem esquinas. Minha zona de conforto estava numa sala cheia de espelhos e barras nas paredes, forrada com chão de madeira sempre sujo de breu. A sala de aula do balé. Fui parar na academia de dança porque tinha os pés ligeiramente voltados para dentro. Usei botinha ortopédica, como muitas crianças na época. Mas o médico recomendou o balé clássico, que forçaria os pés à posição dos ponteiros do relógio em dez para as duas.

Até por não ter o tipo físico ideal, eu jamais seria a primeira bailarina de uma companhia profissional. Mas aquelas aulas foram fundamentais para mim por diferentes razões. O balé era o meu momento. O lugar onde ser miúda e delicada era uma qualidade. Ali eu me sentia tão bem dentro do meu próprio corpo que caprichava nas posições, nos passos, na gentileza de cada gesto e no rigor de cada giro. O balé me deu disciplina, mas, acima de tudo, me deu confiança. Havia algo que eu podia fazer bem e que fazia bem para mim. Fui uma aluna tão aplicada que virei professora aos quinze anos. E a primeira turma daquela baixinha que ainda parecia uma criança era formada apenas por homens! Pois é. Um grupo de quinze rapazes, jovens. Eu mesma me perguntei se seriam todos gays. Puro preconceito. A maioria não era. Meu primeiro namoradinho sério foi, inclusive, um dos alunos da academia.

Também dei aulas para duas turmas femininas. A primeira formada por meninas mais jovens, adolescentes, que faziam balé porque mamãe queria uma filha bailarina. Era uma turma que me entediava. A outra, de mulheres mais maduras, realmente se esforçava. Estavam ali por escolha própria. Mas sem dúvida a turma de que eu mais gostava era a dos homens. Eles enfrentavam o estereótipo de que homem na dança é homossexual! Davam tudo no treino. Eram atentos e devolviam minha dedicação com muito carinho. Minha turma era a dos homens. Com eles eu me entendia, pensávamos e nos comportávamos de maneira parecida. Para ganhar um lugar de destaque na coreografia ensaiada, era preciso objetividade, foco, muito esforço. Eles não eram dispersos e preguiçosos como minha turma de adolescentes, nem estavam ali para manter a forma física como minhas alunas mais velhas. Eles sabiam aonde queriam chegar e faziam tudo para alcançar aquele destino final. Éramos parecidos. Eu pensava como eles. Antes, muito antes de me tornar adulta, eu já intuía que sempre me daria melhor com “eles” do que com “elas”. O que eu não sabia é que não estava sozinha. Esse comportamento também é típico das mulheres da minha geração.

No Brasil de hoje, 46% das pessoas que trabalham preferem ter um chefe homem e apenas 31% optariam, se pudessem, por uma chefe mulher. Esses índices são resultado de uma pesquisa que encomendei em 2013, feita em cinquenta municípios com 1500 entrevistados. Tanto homens quanto mulheres preferem ser chefiados por eles e, entre as mulheres com mais de 46 anos de idade, metade escolheria um chefe homem!

Por que a maioria de nós prefere se relacionar profissionalmente com um superior do sexo masculino? Não seria mais fácil estabelecer uma conexão e falar abertamente de problemas típicos do universo feminino com outra mulher?

Pensando bem, eu as entendo. Trabalhei em redações chefiadas por homens na

maior parte da minha vida. A única experiência que tive com uma chefe mulher foi desastrosa. Solteira, sem filhos e bastante masculinizada, ela tinha dificuldade em delegar a mim reportagens consideradas desgastantes, como a cobertura de desastres naturais, por exemplo. “Você é muito frágil para matérias desse tipo”, ela me disse algumas vezes. Mas há outras explicações.

EXEMPLOS MASCULINOS

Juliana De Mari é uma boa amiga. Gostamos de almoços longos, em dias de agenda menos atribulada, para trocar impressões sobre nosso assunto predileto: nós mesmas! Oh, mulheres...

Num desses encontros ela me contou sobre o resultado de seu trabalho de pós-graduação em recursos humanos, na Fundação Instituto de Administração de São Paulo, a FIA. Não sei como ela encontra tempo, com dois filhos pequenos e o cargo de editora-chefe da revista *S/A*, para ainda se embrenhar numa pós-graduação. Mulheres têm muita coragem — ou um exímio talento na administração do tempo. Juliana entrevistou executivas, com idade entre 38 e 43 anos, que ocupavam cargos de direção em diferentes áreas de grandes corporações. O tema era a percepção dessas mulheres sobre a eficiência de um mentor ou orientador como alavanca na carreira.

“Mentoria” é o instrumento usado por muitas empresas para avaliar e ajudar mulheres talentosas que desejam se destacar. Elas passam a ser permanentemente acompanhadas por um mentor, ou mentora, hierarquicamente superior e capacitado para dar as dicas de como administrar o caminho profissional.

Um dos itens que Juliana avaliou foi o gênero do mentor. Faz alguma diferença que essa orientação seja feita por um homem ou uma mulher? Apenas uma das cinco entrevistadas no estudo sugeriu não se sentir confortável em receber orientação profissional e suporte de um homem. Juliana explica: “As executivas percebem no mentor do sexo masculino um exemplo do que é esperado na organização em termos de comportamentos e valores”. Ou seja, aprender a pensar como um homem as ajudaria a lidar melhor com o jogo corporativo. Faz todo sentido. Afinal, empresas foram feitas por homens para que homens trabalhassem nelas. Mas é perturbador que, ao contrário de nos unirmos num objetivo comum a todas nós — que seria romper a barreira da ascensão corporativa —, ainda estejamos empenhadas em aprender com eles seus métodos e suas estratégias. O que vemos neles que não encontramos em nós mesmas?

Por conta da falta de mulheres no topo que pudessem nos servir de exemplo, nós, mulheres, ao entrar no mercado de trabalho nos anos 1980, decidimos copiar os homens. Mas será que nada mudou desde então? É o que tenho estudado há alguns anos.

Quando lemos as estatísticas, os números nos favorecem. Segundo a consultoria Grant Thornton, o Brasil tinha, em 2013, 23% de mulheres em cargos de diretoria nas empresas. Ainda é pouco, mas já seria o suficiente para que jovens mulheres encontrassem inspiração em outras mais maduras ou, ao menos, enxergassem nelas um caminho seguro para se chegar lá. O problema é que as executivas dos anos 2000 nem sempre veem nessas diretoras, e mesmo nas vice-presidentes e presidentes, exemplos do que desejam para si. “Elas parecem homens”, ouvi diversas vezes de jovens gerentes que não admitem mais a hipótese de se masculinizar para ganhar o respeito da cúpula. Para algumas de nós, mimetizar o comportamento masculino foi uma travessia definitiva. Não

é preciso procurar muito para encontrar exemplos que legitimam essa teoria. Mas se essas não são nossas líderes, quem serão, afinal?

De minha parte, mesmo pensando como um homem e me entendendo melhor com eles, me equilibrei sobre as sapatilhas durante muitos anos. Passei por vários estágios da vida, conheci pessoas, mudei de ideia, de casa, de amigos, mas só deixei o balé quando meu espírito já tinha musculatura suficiente para desafios maiores. Depois disso, nunca mais dancei. Mas tenho um sonho recorrente. Vejo-me no palco refazendo coreografias inteiras. Passos que eu já deveria ter esquecido reaparecem ali como por encanto. A dança ficou no meu inconsciente. Mas também no meu corpo. Ela me deixou leve. Graciosa. Ainda que tentasse, teria dificuldade com a brutalidade física. Sou de toques discretos, me movimento com harmonia. Sou daquelas pessoas para quem perguntam na rua: “Você já foi bailarina?”. Mais tarde, por mais que tenha tentado (e tentei muito) me “ombrar” aos homens, nunca deixei de ser, na forma, uma mulher. O paradoxo me perseguiu, mas também me ajudou. Ainda que aquela chefe me negasse as pautas mais “pesadas” que “não combinavam” com minha aparente fragilidade, foi nesse terreno que pavimentei minha carreira. A jovem repórter miúda e feminina tinha atitudes e certezas bastante masculinas. E não há como negar que isso foi um trunfo na minha escalada profissional.

TRANSGRESSÃO E ÉTICA

Todo menino que um dia roubou o carro do pai não tem vergonha de se vangloriar disso. Meninas, não. Não roubam o carro do pai ou não contam que fazem isso. Eu fiz. Era uma maneira de ser protagonista e não mera espectadora nos “pegas” que eram moda em Brasília. Meninos dirigiam alucinadamente. Meninas ficavam assistindo e torcendo pelos amigos e namorados. Comecei espiando. Virei frequentadora. E, um dia, passei a competidora temida. Dirigir perigosamente foi outro processo de autoafirmação. Meu pai não impediu. Tenho quase certeza de que ele sabia das saídas furtivas com o carro dele nas madrugadas. Mas não as evitava. Mais tarde, já dona do meu próprio carro, continuei acima dos limites de velocidade. Foram vários acidentes. Tinha uma especial predileção por postes. Derrubei uns três ou quatro. Minha carreira de piloto de testes irresponsável terminou numa batida com perda total para o automóvel. O do meu pai. E perda parcial dos meus ligamentos do quadril. Cama, muleta e bengala. Acabavam ali minhas ridículas tentativas de automutilação. Hoje, eu mal dirijo. Quando raramente pego o carro nos fins de semana, dirijo mal e, confesso, atrapalho o trânsito.

Naquela época me parecia divertido negar a boa moça que mamãe queria. Ela se cansou de reclamar. Desistiu. Dona Shirley era uma mulher muito feminina e incrivelmente bela. Charmosa. Usava vestidos de cintura marcada ou camisas muito bem passadas com calças justas e curtas, no estilo Capri. E muito salto alto. A cabeleira farta era bem escovada. Cabelos cor de cobre. Sempre achei que combinavam com seu rosto branquinho e meio sardento. Minha mãe era quase ruiva, quase romântica. Cuidava de mim e de meus dois irmãos mais novos. Obrigava-nos a tomar leite quente com ovo e canela, toda manhã, para evitar a anemia. E ficava muito irritada quando eu riscava de caneta Bic o rosto das bonecas que ganhava de presente.

Já meu pai era um mistério. Nunca tive uma sombra de dúvida de que ele me amou mais do que qualquer outra coisa na vida. Amou-me como um pai ama o filho primogênito. Ele me treinou para enfrentar a vida como homem. E tinha orgulho de ser um bom

professor. Queria me ensinar o pouco que sabia. Não sobre os livros, que até hoje conhece mais do que eu, mas sobre como eles podem nos proteger da loucura, da insanidade, da solidão. A mulher de trinta anos, de Balzac, despençou em minhas mãos quando eu tinha doze. Depois, vieram os sermões do padre Antônio Vieira, Henry James, Machado de Assis, Ernest Hemingway, Guimarães Rosa, Proust, João Cabral de Melo Neto. Não conversávamos muito, papai nunca foi de conversa fiada. É um intelectual de esquerda. Nas poucas horas em que estava em casa, ele lia. Ou redigia pareceres. O advogado que um dia quis ser médico, mas engoliu a vocação porque os caraminguás do emprego de laboratorista nunca bancariam a faculdade das bacanas da medicina. Meu pai. Um mistério antissocial. Deve ter vindo dali meu gene da timidez.

Apesar de retraído, ele era meu companheiro na infância. Caladão, me levava para passear aos domingos de manhã. Às vezes íamos ao parquinho. Roda-gigante, trem-fantasma e outros brinquedos pobres e empoeirados. Na maioria das vezes, porém, nosso destino era o boteco da “entrequadra”, outra invenção brasiliense para abrigar o comércio local. Eu tinha uns nove anos. Meu irmão Fausto Jr. só nasceu cinco anos depois de mim. Era muito pequeno para nos acompanhar. Além disso, Fausto, o Júnior, foi uma criança estranha. Demorou para falar. Vivia escondido atrás dos sofás, das cortinas, fechado dentro dos armários, desmontando e montando alguma coisa. Gravadores, rádios, carrinhos de controle remoto. Qualquer coisa desmontável caía nas mãos dele e se transformava em dezenas de pecinhas. Virou engenheiro, o danado. E um dos meus melhores amigos. Dado que Faustinho não era lá muito sociável, era eu quem ia com papai encontrar os amigos dele da esquerda. Ele puxava uma cadeira para mim ao seu lado e pedia cerveja e um copinho pequeno de uma bebida escura e amarga que, dizia ele, cortava o inchaço da cerveja. Mas papai gostava mesmo de uísque. Não era exatamente o ambiente ideal para uma menina de nove anos, mas ele nem se importava, e eu adorava. Nunca fiz carinha de papai-quero-ir-embora. Nunca fiz birra. Ficava ali prestando atenção nas conversas sobre política, na conversa dos homens.

A reunião acabava quase sempre lá em casa, em uma seresta. Aparecia um violeiro, todos bebiam e cantavam Lupicínio Rodrigues e Pixinguinha. Eu ficava no chão, ao lado dele, cantando baixinho as letras que já sabia de cor. Mamãe emburrava, fazia bico, mas nunca conseguia me tirar da sala. Eu só dormia quando a cantoria terminava e aí era meu pai quem embalava meu sono com o que julgava ser uma canção de ninar. Bat Masterson. “No velho Oeste ele nasceu, e entre bravos se criou...” Não é de surpreender que eu tenha me transformado numa mulher-ombreira. Sim, havia o movimento geracional. Mas meu pai deu uma boa contribuição ao processo.

Tudo isso explica por que, mais tarde, ele nunca tenha reclamado dos carros roubados e destruídos em postes. Quando era impossível fingir que não viu o arranhão na lataria, ele até fazia cara de contrariado. Mas, no fundo, gostava da menina que não tinha jeito de princesinha. Os valores que ele prezava eram os do intelecto. Papai não me deixará dinheiro, que não tem. Deixará, isso sim, as melhores noções do que é ser ético. Papai é um homem correto. E em situações extremas eu sempre soube o que fazer porque esses são os meus limites. Limites do que, para mim, é verdadeiro.

ROCK & DARK

Em meu tempo de “sapatilhas”, o mundo já não se resumia apenas à janela do sexto

andar. Brasília estava mais interessante, mais pronta. A Esplanada dos Ministérios estava erguida, havia asfalto na maior parte do Plano Piloto, e os prédios residenciais já estavam ocupados. Brasília era então uma cidade mais organizada, menos irreal. O melhor da capital era a mistura. Nós, adolescentes, éramos os filhos de Brasília. Todos filhos dos migrantes. Um melting pot natural. Jovens com referências do Nordeste, do Rio de Janeiro, de Minas, do sul do Brasil, de outros países. A pluralidade nos dava energia e criatividade. Surgiam as bandas de rock que mais tarde se tornariam famosas. Legião Urbana, Capital Inicial. Eu, menos traída depois dos anos de balé, fui a muitos shows em galpões, garagens, teatros de fundo de quintal. Os meninos ensaiavam nos fins de semana em salas comerciais alugadas. E nós, os amigos, estávamos sempre por perto.

A cidade era segura, os adolescentes viviam nas ruas. À noite, nos encontrávamos nos locais mais improváveis. Não havia muitos bares ou boates. Os espaços das reuniões mais tradicionais, entre famílias e amigos, eram os clubes à beira do Lago Paranoá. O Clube Militar, o Clube dos Funcionários Públicos, o Clube do Congresso. Tudo muito careta para aquela geração rock'n'roll. Por isso, descobrimos na cúpula do Senado, aquela virada para abaixo, um excelente local para nos recostarmos e olhar o céu.

Eu bem que tentei frequentar os tais clubes. Éramos sócios do Iate Clube. Minha mãe adorava e nos arrastava para lá aos domingos. Para mim era um aborrecimento. As amigas tomavam sol e ficavam lindas, morenas, com invejáveis marquinhas de biquíni. Não se tinha noção de que exposição ao sol provoca câncer de pele. Filtro solar? Era a época dos bronzeadores. Ainda me lembro do cheiro do Rayito de Sol! Quem não tinha cometia o descabro de misturar Coca-Cola com pó de urucum para tingir a pele. Usava para a maioria, embora eu não tenha notícia das consequências. Para mim era um desastre. A única coisa que o sol me trazia eram manchas na pele e até bolhas de queimadura no rosto e no colo. Por mais de uma vez acabei no médico com insolação.

Minha adesão ao movimento dark se deu mais pela impossibilidade de me adequar às convenções da beleza adolescente do que pela crença na filosofia da coisa toda. Se é que havia alguma ali entre nós. Virei dark porque era pálida demais para me agregar à outra turma. A turma dos clubes. E o preto me caía melhor. Eu até gostava daquelas músicas melancólicas. The Smiths. The Cure. O novo romantismo. A ode à depressão. Meu espírito também estava mais moldado para a densidade, ainda que pelo elogio à tristeza, do que para as festas de quinze anos das meninas docinhas, as que se casavam com os rapazes da turma dos clubes e tinham outras amigas vestidas com a roupinha da moda.

Roupa de moda, ainda que eu quisesse, não teria. Minha mãe fazia meus vestidos na máquina de costura do quartinho de casa. Roupa pronta era cara. Num determinado momento, a casa se encheu de tecidos pretos. Eu, a dark por afinidade visual, só queria saber de vestidos pretos, camisas pretas, batas pretas. Lembro-me perfeitamente bem de um casaco, esse comprado num brechó, que talvez já fosse o prenúncio da mulher-ombreira. Tinha quatro vezes o meu tamanho mas custou baratíssimo. Era uma espécie de blazer preto, de homem, forrado de uma seda listrada de azul-marinho. As mangas eram tão maiores que meus braços que eu as dobrava três vezes. E as ombreiras, claro, escorregavam até a metade do braço. Por maior que fosse o calor durante o dia, o clima desértico de Brasília exigia um casaco para a noite. E aquele era o meu. O único. E eu o adorava. Só abandonei o ar sombrio, o kahal negro em torno dos olhos, o batom azul-marinho e o tal casaco quando comecei a trabalhar na televisão. Repaginei, um pouco a contragosto. Mas eram os códigos. E eu ainda tinha muito a aprender sobre eles.

CÓDIGOS

Ter nascido onde nasci me fez exercitar a imaginação. E alimentar uma enorme curiosidade sobre o mundo. O grupo dark era cheio de referências distintas, não chegava a ser coeso e certamente era muito pouco preconceituoso.

Antes dessa turma, transitei por várias outras. A dos clubes, onde me sentia inteiramente inadequada, e a dos alternativos, os amigos que acampavam à beira dos rios perto da cidade. Nossa identidade residia na comida em lata, nos sacos de dormir e no bate-papo em torno da fogueira ao som dos mineiros do Clube da Esquina. Toda essa pluralidade fez de mim uma pessoa naturalmente independente. Não fui talhada em dogmas. Tudo era possível. Inclusive mudar. De turma, de casa, de cidade, de opção. Mas na vida nada é perfeito. Brasília não era grande provedora de códigos. E eles me fizeram falta.

Sociedades são compostas de grupos. Nesses grupos, somos moldados pelo comportamento ali aceitável. O grupo exerce sobre você um patrulhamento ao mesmo tempo limitador mas também muito educativo. Se todos se vestem de determinada maneira, você acabará usando o mesmo tipo de roupa. Você entende que aquela é a regra social daquele círculo. E isso vale para praticamente todas as convenções sociais. O grupo em que o indivíduo está inserido também o levará, na maioria dos casos, à escolha de um trabalho ou uma carreira aceita pelos demais. E, no ambiente profissional, ele saberá se comportar de acordo com tudo que aprendeu com base na observação.

Minha amiga Ester Bomfim, executiva importante, conta uma história interessante sobre sua infância. Nascida num bairro humilde de São Paulo, mas no seio de uma família que valorizava muitíssimo a qualidade da educação, Ester estudou em colégios particulares que os pais faziam sacrifícios para pagar. Por causa de seu empenho pessoal, ganhou bolsas de estudo e trabalhou como professora para completar sua formação. Acabou tendo a chance de dar aulas num dos colégios mais tradicionais de São Paulo. E foi então que percebeu que não conhecia os códigos daquele ambiente. A maioria das pessoas falava dois ou três idiomas, todos viajavam para fora do Brasil nas férias e usavam roupas e acessórios diferentes dos que ela conhecia. Ester descreve o momento que foi uma virada em sua vida.

“Uma colega de trabalho do colégio me disse: ‘Querida, você precisa parar de usar sutiã colorido por baixo da camiseta branca do uniforme. Isso não pega bem. E tem mais. Esse seu cabelo é totalmente inaceitável. Não tem corte, parece que você acabou de sair do mato. Vamos, eu te levo ao meu cabeleireiro’.”

Ester poderia ter se sentido ofendida ou humilhada. Ela jura que não. “Até hoje agradeço àquela menina que me ensinou que estudar muito e acompanhar a turma não fariam com que eu me inserisse no grupo. Eu precisava saber mais sobre eles. E aprendi. Foi uma lição para o resto da vida.”

Quando chegou ao mundo do trabalho numa grande empresa, Ester já sabia o que era conveniente ou não em termos de comportamento. Ela não precisa necessariamente concordar com isso. Mas tem a vantagem de saber que, se entrar numa reunião importante com uma camisa branca transparente e um sutiã colorido por baixo, não terá boas chances de ser levada a sério e desenvolver uma carreira promissora. Não parece muito justo, mas é assim que funciona.

Eu passei por esse aprendizado muitas vezes. Cheguei ao mundo da TV vestida de

preto e com meus riscos de kahal nos olhos. Uma repórter dark tinha lá o seu charme, mas só combinaria com os assuntos, digamos, exóticos. Foi quando conheci um maquiador num workshop promovido pela emissora. Foi praticamente um fuzilamento em praça pública. O profissional dos pincéis, investido da tarefa de enquadrar as jornalistas menos adaptadas ao formato da telinha, diante de todos, disparou contra mim.

“Meu amor, com essa maquiagem, você não vai chegar a lugar nenhum. Vou fazer o melhor que eu puder, mas duvido que você vá seguir meus conselhos...”

Meu amor, você estava enganado. Depois que o maquiador tirou o excesso de maquiagem preta sob os olhos, aplicou um blush para disfarçar a palidez e me apresentou ao batom cor de boca, eu mal me reconheci no espelho. Mas aceitei essa e outras de suas sugestões. Vestir cores fortes, que beneficiassem meu tom de pele e cabelo e que ficam muito bem na tela, mas evitar o excesso de roupa preta, por exemplo. Esse foi apenas um dos códigos que aprendi ao longo da vida. Aposto que as minhas amigas do Iate Clube não teriam tido tanta dificuldade. No meu caso, não era apenas rebeldia. Era falta de referência. Com os instrumentos adequados e um tanto de talento fui vencendo os preconceitos por ser uma outsider em meu novo ambiente de trabalho.

Qualquer novato num grupo tende a ser imediatamente rechaçado se não parecer um igual. Solidariedade com o outro não é artigo em oferta. No Brasil de hoje, homens e mulheres são contratados pelas empresas em proporções praticamente iguais. Mas nem todos chegam ao ambiente corporativo trazendo de seu grupo de origem os mesmos códigos. E nem todos encontram a colega de escola da Ester ou o maquiador do meu início de carreira. Uma jovem que vá ao trabalho trajando calça justa e decote generoso pode apenas estar usando uma roupa normal no grupo em que estava originalmente inserida. Talvez ela não imagine que o novo ambiente, mais formal, peça outro tipo de guarda-roupa. E quem é que vai dizer isso a ela?

Muitas empresas adotam o casual day em suas rotinas. É a sexta-feira, dia em que homens não precisam usar terno e até os jeans são bem-vindos. Mas uma amiga que chefia a área de recursos humanos de um banco me contou outro dia: “Aqui o casual day virou o esculacho’s day! As funcionárias vêm com roupa de ginástica, calça de malha branca, top e tênis!”.

Parece que, por maior que seja a eficiência, o talento e o preparo dessas jovens que vão para o trabalho com a mesma roupa com que frequentam a academia, suas carreiras terão ascensão mais lenta por causa da negação do código. Ou do desconhecimento dele. A roupa errada não significa que se trata da pessoa errada. Mas, nas empresas, isso afeta a assimilação do conceito de que aquela profissional está ali para contribuir com seus atributos intelectuais. O oposto também acontece. Em ambientes de trabalho muito informais, como redações de jornalismo ou agências de publicidade, jovens de ambientes sofisticados são discriminadas, e até ridicularizadas, por suas roupas de grife, seus saltos altos, suas bolsas caras. Sofrem por trazer um código visual diferente.

A conclusão é que, para ser aceita profissionalmente, a dedicação, a inteligência e o preparo valem tanto quanto aquilo que se escolheu vestir? Se pedissem minha opinião, diria que tudo isso é uma grande bobagem. Mas, infelizmente, é assim que as coisas acontecem.

Minha querida amiga Sônia Guimarães é física, formada pela Universidade Federal de São Carlos (UFScar), e obteve mestrado em física aplicada pela Universidade de São Paulo (USP). É doutora em física da matéria condensada pelo Instituto de Ciência e Tecnologia da Universidade de Manchester, no Reino Unido. Hoje, é professora doutora de teoria e

laboratório no Departamento de Eletrônica do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA). Tudo isso para dizer que ela é muito bem-formada.

Sônia é uma lutadora. É negra. Na verdade, misturaram-se nela os genes dos pais, ambos negros, e o da avó, branca. Minha amiga é linda. E sabe disso. Pinta os cabelos encaracolados de loiro claro e usa brincos imensos e coloridos. Na intimidade, usa vestidos leves e estampados que a fazem parecer 25 anos mais jovem. Tem pernas de quem corre dez quilômetros todos os dias. Nunca reparei numa única celulite. Mas ouse ela apresentar a um homem, que, num galanteio, a convide para sair, suas credenciais intelectuais: “Eles fogem apavorados”, diz ela, “eu acabo dizendo que sou professora. E ponto final”. Quando circula pelos corredores de seu local de trabalho, cruzando com um brigadeiro aqui, um coronel ali, Sônia usa calças compridas e camisas que cubram os quadris. Adianta? “Não resolve nada”, me disse ela certa vez. E prosseguiu, me confidenciando o diálogo com um colega de profissão:

“Ele me disse que não adiantava nada eu só usar calças compridas e camisas longas. O tecido das roupas só faz os homens imaginarem o que há ali por baixo. E como é que eu posso negar minha raça? Tenho ancas, sou farta, sou arredondada. E gosto de mim do jeito que sou!”

Sônia deveria poder ser quem ela é. Se isso é possível para alguma mulher, chega apenas depois de um processo longo e calculado. Aline Santos foi a primeira brasileira a assumir uma vice-presidência global na Unilever, um supercargo numa megaindústria. Aline gosta de roupas exóticas. Quando viaja a trabalho, faz questão de aderir ao traje típico local. Anda de sári na Índia, por exemplo. E não esconde isso de ninguém. Posta suas fotos nas redes sociais. Perguntei a ela como fazer sua personalidade e seus gostos pessoais serem compatíveis com a sobriedade de uma corporação global. Ela me respondeu numa frase direta:

“Com o tempo você vai impondo quem você é.”

Em minhas andanças pelo mundo, aprendi a adorar o étnico. Gosto de estampas gigantescas. Roupas feitas em tear, lenços coloridos, colares de materiais naturais, turbantes! Mas guardo tudo para usar em casa ou com amigos. Imagine apresentar um telejornal com uma blusa comprada no Butão! Ou visitar um cliente enrolada naquela saia linda da Tailândia. Escândalo. Por isso me adaptei. Assim como visto a roupa local e cubro a cabeça quando faço reportagens em países islâmicos — uma forma de respeito ao código alheio —, entendo o que vestir e onde vestir, o que dizer e quando dizer no dia a dia profissional. Se gosto disso? Não, não gosto. E me consolo o tempo todo imaginando que quando eu fizer setenta anos vou vestir o que bem entender sem admitir nenhuma sirene de patrulha. Mas, por enquanto, vou seguindo os conselhos de Andrea Chamma, chefe do Programa de Diversidade e Inclusão do Bank of America Merrill Lynch no Brasil. Em apresentação num evento do banco, ela discorreu sobre excessos no ambiente corporativo. E arrancou gargalhadas sobre o tema com a frase que é mesmo uma pérola:

“Se seu chefe não é Jorge Amado, é melhor não atacar de Gabriela: ‘Eu nasci assim, cresci assim, e sou mesmo assim, vou ser sempre assim...’ Tem que aprender as regras!”

Claro que podemos e devemos ser quem quisermos. Podemos escolher, por exemplo, não trabalhar numa grande empresa. Mas, se for esse seu caminho, códigos corretos farão toda a diferença. Só para começar.

O SEGREDO DO SUCESSO

Pergunta recorrente, praticamente inevitável em qualquer entrevista, palestra, debate: “Qual o segredo para se tornar uma profissional de sucesso?”. Foi a insistência no tema que me levou a pensar nele. Nunca planejei o sucesso. Inclusive pela crença de que ele depende do seu ponto de vista. Qualquer fato, por mais corriqueiro que seja, pode representar um sucesso para você e não significar nada para outra pessoa.

Conhecendo um pouco da minha trajetória pessoal, talvez você conclua que apenas sair de Brasília e me transformar numa jornalista reconhecida foi, do meu ponto de vista, um imenso sucesso. Mas, regra geral, o mundo de hoje associa sucesso à fama e ao dinheiro. Como se misturando esses dois ingredientes o resultado final fosse, invariavelmente, a felicidade.

Não são poucas as pessoas que apontam a sorte como um elemento definitivo para se alcançar o sucesso. Meu irmão Fausto diz sempre que eu sou a pessoa mais sortuda que já nasceu! Agradeço, mas não incorporo o diagnóstico. Pelo sim, pelo não, prefiro ficar com a definição da amiga Beatriz Alessi, jornalista criativa, cidadã do mundo, honestíssima, linda, impactante, pessoa rara, ela mesma uma prova viva da frase que não se cansa de usar para definir um momento de vitória: “A sorte é o resíduo do desejo!”.

Para mim, sorte é a consequência de muito trabalho e perseverança. Descobrir a verdadeira vocação e começar uma carreira são desafios bastante amplos e complexos. O que eu fiz, ao optar pelo jornalismo, foi não recusar absolutamente nada que aparecesse em minha frente. Ainda na faculdade, a Universidade de Brasília (UnB), tentei e consegui um estágio na Rádio Nacional de Brasília. Fui designada como produtora-júnior de um programa voltado para pequenos produtores rurais. Meu chefe, editor geral e apresentador do programa, me passava tarefas que iam desde ler cartinhas enviadas por agricultores dos cantos mais remotos do país e buscar uma resposta adequada para a pergunta de cada um até apurar informações como o preço mínimo do tomate naquele dia ou o valor da arroba do boi gordo.

Sempre que conto essa história para estudantes de comunicação percebo o ar de decepção com esse início de carreira nada glamoroso. Mas, naquela época, eu fiquei feliz da vida com o estágio! Em dois meses, entendia tudo do mundo do abastecimento, armazenamento, seguros de safra, financiamentos agrícolas. Meu périplo como estagiária na rádio incluiu ainda programas musicais para adolescentes e programas com dicas para o dia a dia das mulheres, com direito a recadinhos em forma de canções dedicadas ao grande amor. Em todos eles, tentei fazer o melhor. Gostava, acima de tudo, da velocidade do retorno que só um veículo como o rádio pode dar. Qualquer informação levada ao ar era correspondida em segundos por telefonemas de ouvintes.

Minha preocupação era aprender. Fosse o que fosse. Mal prestava atenção ao que outros estagiários estavam fazendo. Minha energia estava totalmente voltada para o que eu mesma podia fazer, absorvendo o máximo possível do que aqueles jornalistas mais experientes pudessem me ensinar. Mais tarde, isso foi muito útil.

Depois das lições básicas de economia agrícola, não foi um grande mistério compreender a crise de desabastecimento gerada pelo Plano Cruzado, em 1986. Enquanto os milhões de “fiscais do Sarney” apoiavam a determinação do então presidente da República para caçar bois no pasto e fechar supermercados que ousassem aumentar preços, eu era deslocada para o departamento de jornalismo da rádio. Passei a cobrir um assunto nobre: economia. Tudo por causa daquele programa rural que eu mesma achava

que ninguém ouvia, a não ser os pouquíssimos agricultores.

Dali para outro estágio, dessa vez numa revista, foi um pulo. O então diretor de redação era um homem que desconhecia a palavra não. Decretou que meu caminho era a TV. Meu entusiasmo com o veículo era mínimo. Ser jornalista, naquela época, era trabalhar num grande jornal. Meu objetivo era o Jornal do Brasil. Nunca passei nem na porta. Por insistência do tal editor, o jornalista José Carlos Bardawill — que infelizmente morreu jovem, sem que eu pudesse agradecê-lo pelo empurrão —, fui batalhar uma vaga de repórter na TV Brasília. Deu certo. Como eu não desperdiçava oportunidades — e precisava de dinheiro para pagar uma das batidas de carro num daqueles postes — fiquei lá alguns meses. Um dia recebi um telefonema do chefe de redação da TV Globo de Brasília. Eu passaria a integrar o time de reportagem local da emissora.

JOGANDO O JOGO

Hoje, é assim que respondo às perguntas sobre qual é o segredo do sucesso. Não há segredo. Há muito esforço e pouca preguiça. Há muita dedicação ao desenvolvimento do seu talento e nenhuma perda de tempo monitorando o desempenho alheio. Sempre cheguei às reuniões em que são definidas as reportagens do dia com uma boa sugestão de pauta. Muitos profissionais talentosos são um problema para a empresa. Por personalidade, por caráter ou por mau comportamento. Mas quando um profissional talentoso é também uma solução para a empresa, ele se torna muito necessário. Ele agrega. Mas quem faz isso é o indivíduo, não a corporação.

Se há um segredo, portanto, é simplesmente trabalhar duro e, principalmente, trabalhar do jeito certo. Num encontro de executivas ouvi da vice-presidente de Cuidados Pessoais da Unilever Brasil, Andrea Salgueiro, a seguinte frase: “Ser competente em sua função, cumprir os prazos, trabalhar pela expectativa de lucro da empresa e respeitar as regras da corporação apenas põem você no jogo. Mas é preciso muito mais do que isso para jogar o jogo”.

Andrea Salgueiro tem uma visão claríssima de que nós, mulheres, tendemos a esperar a promoção apenas por fazer um trabalho bem-feito. Exatamente como faziam as mulheres dos anos 1950, esperando elogios por deixar a casa arrumadinha e fazer um jantar delicioso. Falta-nos malícia, no bom sentido. O entendimento da política interna não escrita da empresa onde você trabalha e dos jogos de poder latentes é tão importante quanto executar precisamente suas tarefas. O que a sua empresa quer, além de resultados trimestrais, planilhas, relatórios? Que tipo de profissional se destaca ali? Para isso, é preciso fazer networking. Conversar, aparecer, dar muitas ideias, mesmo que não sejam aproveitadas em sua área. Ouvir e ser ouvida, ter aliados, ser bem relacionada. E um pouco de autopromoção também não faz mal a ninguém.

Por outro lado, não se perca pelo caminho tentando agradar demais sua empresa. Em todos os levantamentos que já fiz com executivas, os fatores apontados por elas como impeditivos ao desenvolvimento da carreira estão ligados ao estilo de gestão ainda muito masculino adotado pelas empresas. Questões como a dificuldade em conciliar vida pessoal e trabalho, o momento da maternidade e a exigência de disponibilidade total do funcionário. É aquela regra velada de que o executivo tem de estar a postos a qualquer hora e em qualquer lugar. E a maioria das mulheres já sabe que não será feliz assim. Então, o que fazer? Nas últimas décadas, aprendemos que não precisamos imitar os homens para

construir uma carreira. Podemos usar um belo vestido no trabalho? Sim. Podemos demonstrar interesse em nossa vida pessoal? Sim. Podemos dizer isso abertamente em qualquer empresa? Nem sempre. Ai já não é o indivíduo que decide, é a corporação.

MUDANDO AS EMPRESAS

Em uma palestra para mulheres em São Paulo mostrei os índices do relatório “Women Matter: A Latin American Perspective”, da consultoria McKinsey, que comprovam que mais de 60% dos presidentes de empresas no Brasil não consideram a diversidade como um item estratégico da agenda corporativa. Disse a elas, ainda, que cobrar uma mudança nesse comportamento depende também de nós. No intervalo, levei um banho de água fria das que se aproximaram de mim para comentar meu entusiasmo com a possibilidade de um movimento feminino por uma gestão empresarial mais voltada à equidade. Uma delas me disse, claramente: “Eu tenho um filho para criar, eu preciso daquele emprego. Não posso sair criticando o modelo de gestão adotado pelo meu chefe. Mesmo que eu deteste o que eles fazem comigo...”.

Meu coração gelou. É fácil para mim, que alcancei reconhecimento e respeito em minha área de atuação, reagir quando percebo sinais de machismo. Para a maioria de nós, no entanto, se calar é a opção mais segura. Por isso, muitas mulheres desistem. Abandonam o trabalho. Trocam a carreira pelo empreendedorismo. Conheço muitas empresas que oferecem programas especiais para mulheres, como trabalhar em casa um dia por semana ou uma redução permanente da carga horária combinada a uma redução salarial proporcional. Seria um caminho mais lento porém mais seguro para as mulheres que alimentam ambições na carreira mas ainda têm filhos pequenos, por exemplo. Mas muitas não fazem isso por medo de serem consideradas frágeis demais. É a síndrome de virar uma “mulherzinha” aos olhos dos companheiros de trabalho.

Eu mesma já passei por muitas dessas angústias. Sou exemplo vivo de mulher que abandonou uma corporação em busca de mais equilíbrio. No meu caso, não por machismo corporativo. Tive a oportunidade de colaborar com empresas abertas às posições femininas e muito pouco sexistas. E ainda assim precisei de mais equilíbrio do que aquele que qualquer empresa pudesse me oferecer em seus planos de carreira. E é justamente por isso que aposto na mudança. Fiz dela uma bandeira que carrego por aí, em cada seminário que organizo, em cada palestra que ministro, em cada empresa que visito. Do meu ponto de vista, empresários precisam entender esse mecanismo feminino de autoproteção. As corporações precisam criar um ambiente mais favorável ao trabalho da mulher. É uma questão, inclusive, comercial. Um empresário não quer investir seis, oito, dez anos na formação de uma profissional para vê-la ir embora. E, com a chegada das novas gerações, a debandada só vai se acentuar. Ainda segundo minhas pesquisas, realizadas em setembro de 2013, 30% das brasileiras que trabalham — algo em torno de 13,3 milhões de mulheres —, planejavam mudar de emprego nos doze meses seguintes! E, entre as mais jovens, com idade entre dezesseis e 29 anos, o percentual subia para 43%! O que esses números dizem claramente é que o valor da carreira construída em uma só empresa é um conceito ultrapassado. A nova geração de trabalhadoras dá mais valor a um bom ambiente de trabalho, onde a voz da mulher seja ouvida. Isso pode ser mais importante até do que o salário.

Esse dado é fundamental para compreender que o índice de retenção da mão de obra

feminina vai despencar nas próximas décadas nas empresas que insistirem numa gestão excessivamente masculinizada. As corporações que não perceberem que muitas mulheres desistem por não se sentirem à vontade no ambiente de trabalho perderão seus melhores talentos. Por outro lado, o verdadeiro talento não é ingênuo. Mulheres precisam mostrar sua competência e sua esperteza. Precisam banir o fantasma da dona de casa anos 1950, que fazia tudo direitinho à espera de reconhecimento. Precisam parar de tentar aprender com os homens e fazê-los aprender um pouco conosco. Nós já chegamos lá. Já entramos no jogo. Agora, as mulheres precisam jogar o jogo. E fazer suas próprias regras.

Essa é uma lição que aprendi com Brasília. Ser independente, não fazer parte de um grupo e sonhar com coisas aparentemente inalcançáveis não é um pecado. É apenas um caminho mais solitário. Para trilhá-lo, no entanto, principalmente sendo uma mulher, é preciso confiar muito no próprio talento e observar atentamente as armadilhas à sua frente. As duas tarefas são duríssimas. Acreditar em si é um dos maiores desafios que qualquer mulher enfrenta. Vivemos num mundo em que votar é coisa recente para nós, as ocidentais. As sauditas ainda lutam para ganhar o direito de dirigir o próprio carro. A história da humanidade é masculina. Foi escrita por homens. Não existe uma história nossa, algo como o que acontecia conosco nos bastidores do que se passava com o mundo. Toda essa carga de submissão está em nós. Ela é atávica. Reaparece em cada geração ainda que nossos direitos básicos já nos tenham sido garantidos como cidadãs. Autoestima, portanto, é coisa que se constrói cotidianamente.

Brasília também me deixou uma segunda e importantíssima lição. O mundo da política — nos ministérios, na sede do governo central e no Congresso Nacional — não é muito distinto do tipo de política que se faz nas empresas. Ou em outros governos e corporações em outros lugares do mundo. A mecânica das relações políticas é a mesma, em qualquer lugar do planeta, guardadas as devidas diferenças culturais e históricas. Ter me tornado uma profissional madura naquele ambiente político e ter feito escolhas nem sempre de acordo com as da maioria teve seu preço. Mas também teve inúmeras compensações. Há um lindo poema do americano Robert Frost que eu costumava ler muito frequentemente, como fonte de ânimo e inspiração. “A estrada não trilhada” relata o dilema de estar diante de uma encruzilhada. O eu lírico opta pelo caminho menos trilhado e isso faz a diferença em sua vida.

Quando olho para trás e vejo o poeirão vermelho subindo dos acampamentos dos ciganos percebo que fiz, nas décadas seguintes, exatamente o que desejava. E gosto um pouco mais de mim por causa disso.

3. Muito além de Brasília

Quando cheguei a Londres, eu era uma caipira. Era o ano de 1998. Desembarquei carregando duas malas de roupas, quatro cadeiras italianas compradas na primeira loja de móveis importados aberta em Brasília e alguns CDs de música brasileira. Tinha medo de ter saudade. Nunca tive. A caipira já era uma mulher de armadura. Minha pele engrossou até virar uma couraça. Para marcar o coração, a faca teria de ser afiadíssima. E ninguém chegaria tão perto da fera. Meu personagem vestia ternos e agia como um homem. A baixinha virou gente da pior maneira. Criou casco. E escondia os medos lá dentro.

Antes disso, já havia viajado muito. Apesar de ter começado tarde para os padrões atuais. Saí do Brasil pela primeira vez aos 23 anos. Destino de bicho grilo. Machu Picchu, no Peru, e as ilhas flutuantes da Bolívia. Viagem de mochileira. Depois vieram as viagens como jornalista. Encontros presidenciais no exterior. Fóruns econômicos mundiais. Catástrofes climáticas. Não me faltava experiência. Faltava... o que me faltava? Londres. Eu logo descobriria que virar um estrangeiro é para os fortes. Menos de três meses depois do desembarque atrapalhado da menina fantasiada de cosmopolita, a cidade me convenceu de que viver ali não seria um passeio. Foi no meio da rua. Mais especificamente, na porta de uma loja de departamentos. Uma das mais famosas da Inglaterra.

Eu havia chegado quinze minutos antes do encontro com a corretora de imóveis. Meninas tímidas debaixo da carapaça nunca se atrasam. E eu estava muito ansiosa. Fiquei ali, esperando, como um caramujo grudado na parede, prestando atenção nos passantes. Foi aí que o velhinho montou uma banquinha bem na minha frente. Dessas de camelô. Ele era alto e meio curvado, tinha olhos claros e cabelo bem branquinho. Vestia um terno cansado e gravata. Ligou um aparelho de som. A música era engraçada, como aquelas canções de circo. Ele tirou do bolso um chapéu de bobo da corte. Tinha três pontas coloridas e um guizo em cada uma delas. Colocou-o na cabeça e começou a dançar de forma estranha. Era como se tentasse sapatear, mas já não tinha idade para fazer isso com graça. Abriu um sorriso mecânico. Na verdade, apenas mostrou os dentes.

Fiquei ali na porta da loja. O velhinho de costas para mim, dançando. Os ingleses passavam com seus casacos compridos. Todos protegidos da garoa. A música acabou. O velhinho ficou estático por um segundo, o sorriso de cera estampado no rosto. Então, tirou o chapéu de guizos e estendeu-o. Era um pedinte. Alguns londrinos jogaram moedas. Ele

recolheu os trocados e se preparou para o próximo número. E eu chorei. Chorei muito na porta daquela loja.

Foi nesse momento que a corretora chegou, pedindo desculpas pelo atraso. Ela me flagrou descomposta, entregue, aflita. Murmurou um "Ohhh, darling..." com seu sotaque britânico. Pousou a mão em meu ombro e perguntou, mais por obrigação que por solidariedade: "O que posso fazer por você, querida?".

"Por favor, me arrume um lugar pra morar!"

Assim que cheguei, meus amigos da embaixada brasileira me ofereceram o repasse do aluguel da casa de um funcionário que se despedia do posto. Ótima localização. Parecia pequena no andar térreo, crescia no porão. Mas era escura demais. Senti-me muito mal dentro dela. Se soubesse o que me esperava, teria pensado duas vezes. Fiz muitas visitas a outros imóveis. Três corretores me acompanharam. Aquelas antigas mansões, divididas, não faziam sentido. Foram esquartejadas em vários apartamentos para aluguel. A gente entrava pela cozinha, atravessava o quarto e só então chegava à sala. Tudo muito estranho. Difícil encontrar algo razoável, em que se entrasse pela entrada, depois houvesse a sala, o lavabo, a cozinha e o quarto. E quando finalmente eu encontrava esse lugar, havia a questão do papel de parede estilo Liberty: florzinhas miúdas desbotadas descolando da parede. E o micro-ondas com restos de comida. E as formigas. E as baratas. Eu já havia decidido que baratas não fariam mais parte da minha vida.

Enfim encontrei uma que me parecia a casa perfeita. Ficava ao lado da embaixada dos Estados Unidos, num dos melhores bairros de Londres. Ponto a favor, pensei. Segurança 24 horas por dia. Isso foi antes de começarem a explodir embaixadas pelo mundo, claro. No andar térreo, dois quartos, saleta íntima. No subsolo uma sala mais ampla, cozinha e um charmosíssimo jardim de inverno. Já imaginei as plantas crescendo no verão, as flores se abrindo, cadeiras para aproveitar as tardes de fim de semana e, quem sabe, um raiozinho de sol. Seria essa minha casa longe de casa? Eu deveria ter desconfiado quando a corretora corrigiu a minha pronúncia. Havia aquele armário de corredor. Um armário estreito. Perfeito para guardar roupa de cama e banho. Eu quis dizer towels, toalhas. Ela fingiu entender tiles, telhas.

"Vai guardar telhas no armário?", perguntou a zombeteira.

Ah, a pronúncia. Todo dia era a mesma coisa. Eu entrava num daqueles táxis pretos que mais pareciam carros funerários, aliviada por conseguir condução para o trabalho. Não havia metrô naquele trajeto a não ser que eu caminhasse muitas quadras. E sempre chovia. A chuva fina de Londres. Um frio do cão. O black cab parava ao meu aceno. Eu me acomodava e pedia:

"Oval Road."

O motorista retrucava, sem olhar para trás:

"I beg your pardon?"

Eu repetia, mais devagar. Não é possível que fosse tão complicado.

"O-val Road."

Ele desviava o olhar para o espelho retrovisor. Cruzava com o meu de soslaio. Voltava a olhar para a frente e disfarçava o desprezo. Corrigia a expressão para um ponto de interrogação na testa franzida. Polidamente, mas com o ar de superioridade de quem nasceu naquela ilha e sabia que eu seria, para sempre, uma estrangeira, dizia:

"I am sorry. Ôôôôvooal Road?"

E eu, me esforçando para imitar aquele sotaque gutural e afetado:

"Yes, Sir, please. Ôôôôvooal Road."

Só então seguíamos para nosso destino, o escritório da Globo. Todos os dias. A mesma coreografia. Assim como eles, todos os dias eu sabia que seria, para sempre, a estranha. A diferente. A estrangeira.

A corretora me ligou para informar que eu não poderia ficar com a casa. Aquela, tão simpática. Jardim de inverno no subsolo. Vizinha da embaixada americana. Armário para guardar telhas.

“Por que não?”

O proprietário havia dado preferência a um casal inglês.

Três meses em Londres. Três meses em busca de uma casa. Naquele dia, na porta da loja de departamentos, bateu o que hoje eu reconheço como certa depressão. Aquele velhinho desengonçado. Eu, a estrangeira desajeitada.

Vivia num apart-hotel. Tentava a todo custo preparar algo na cozinha do quarto. Alimentação saudável sempre ajuda, pensava. Milho e ervilhas... enlatadas. Saí para comprar um abridor de latas. Caminhei pela Oxford Street e entrei em cada loja, procurei em cada prateleira. Não havia nada parecido com um abridor de latas. Na quinta parada desisti da autossuficiência. Atropelei minha timidez e perguntei ao vendedor:

“Onde está o abridor de latas, por favor?”

Ele apontou para a direita. Eu já havia vasculhado todo aquele setor da loja.

“Desculpe, onde mesmo?”

Ele suspirou profundamente, fez um muxoxo e me levou até lá. Pegou o aparelho de um nicho na estante e me entregou. Que bom que não há fotos da minha expressão naquele momento. O objeto parecia um pegador de saladas com duas roldanas e uma manivela. Mas é isso o que eles chamam de abridor de latas? Comprei. Voltei para o apart-hotel. Demorei dois dias pra entender como aquilo funcionava. Caipira. Garota de Brasília.

Acabei conseguindo alugar uma casa quase seis meses depois do desembarque com as duas malas e quatro cadeiras (que eu já havia encaixotado e esquecido num guarda-volumes, claro). O dono era um chinês de Hong Kong. Parecia uma casa de boneca, três andares minúsculos, na vila da embaixada italiana. Paredes pintadas de branco. Cozinha limpa, simples. Muitas escadas estreitas. E uns ratinhos de estimação bem pequenos e escuros. Bem diferentes das ratazanas que eram donas das noites de minha infância. Como todo londrino, eu finalmente tinha meus próprios ratos em minha própria casa. Sem baratas. Sem morcegos.

BOTAS E CICATRIZES

Numa visita a Londres, meu irmão mais nerd, o Fausto, aquele que desmontava tudo quando era pequeno e acabou virando engenheiro, instalou uma câmera no meu PC ancestral. Agora eu via Brasília. Ou pelo menos parte dela. Via as reuniões de domingo, a casa da mãe e parte da família. O pai advogado raramente comparecia. Estavam separados, ele e a mãe, a essa altura. Minha comunicação com ele se resumia aos telefonemas esparsos. Telefonema internacional era caro. Mas o irmão nerd instalou também um computador na casa do pai. E abriu uma conta de e-mail pra ele. Nunca me interessei em saber quem foi que inventou o e-mail. Mas aqui lhe agradeço, seja lá quem

for.

Mande a primeira mensagem por cortesia. Nunca achei que meu pai se acostumar a um diálogo virtual. Mas a resposta veio num longo e-mail, cheio de frases bem trabalhadas e incrivelmente emocionais. Meu pai não parecia travado ou formal. Não parecia especialmente preocupado em esconder a saudade ou em disfarçar sentimentos. Essa troca de mensagens se perdeu naquele computador jurássico e lamento essa lacuna todos os dias. Ficaram apenas na memória a suavidade das sentenças, a quase poesia das emoções escancaradas em cada linha. Por que será que algumas pessoas se expressam melhor escrevendo que falando? Há de ser o dever do ofício. Ou o hábito. Ou uma fuga. O fato é que aquela chuvinha permanente de Londres, o céu cinzento, a distância de tudo que eu conhecia e a consciência de meus limites me faziam adorar a correspondência carinhosa. Eu, a supermulher, também precisava de carinho.

Numa sexta-feira qualquer Pinochet foi preso. Estava numa clínica em Londres, em tratamento médico, quando recebeu voz de prisão da Scotland Yard. Queriam extraditá-lo para a Espanha a pedido de um juiz que parecia corajoso e um tanto obsessivo: Baltasar Garzón. Os destinos do ex-ditador do Chile eram notícia quente. Augusto Pinochet poderia sair daquela clínica algemado. E lá se foi a mais nova detentora de um contrato de aluguel em Londres, correspondente internacional da maior rede de televisão brasileira, cobrir a detenção do facínora. Não tinha o casaco certo. E, sem dúvida, calcei as botas erradas.

Não reclamei. Nem passei tanto frio na porta da clínica. Pelo menos não nas primeiras horas. Meu pulôver era quente o suficiente e eu tinha um guarda-chuva. O problema eram as botas. Para perceber que vestiu o casaco errado, você precisa saber que existe o casaco certo. Mas as botas... eu nem imaginava que havia botas para o inverno e que elas eram totalmente diferentes das botas de outono. Meu solado de couro começou a endurecer. Gelar. O cinegrafista que me acompanhava dava olhadinhas marotas para minhas botas caipiras. Sérgio seria meu anjo da guarda em muitas coberturas a partir daquela.

“Solado de borracha”, disse ele, lá pelas tantas.

“Hã?”

“Borracha isola o frio”, emendou Sérgio, falando baixinho, com jeitão de aguento-qualquer-temperatura-minha-querida, depois de apontar com a cabeça a botina que tinha nos próprios pés.

Fez o gesto assim, como quem não quer nada. Tirou uma baforada do cigarro, soltou a fumaça pro outro lado, pigarreou. Discreto. Não me olhou nos olhos. Não falou em tom de conselho. Não quis me constranger. Balancei a cabeça agradecendo com a maior dignidade possível na situação e aguntei firme. Os dedos formigavam. Então veio a dor, aguda, fininha. Esfregava o dedão no vizinho, movimentava todos eles sem parar, arranhava as unhas na meia, tentava chamar meus dedos de volta. Acordem, miseráveis, o ditador já vai sair. Inútil. Sumiram. Já não sentia mais nada. A sensação de estou indo embora subiu pelas pernas. Meu pulôver também me abandonou. Meu corpo virou um pedaço de carne dura. As engrenagens da máquina começaram a emperrar. Pensava nas juntas como dobradiças velhas, rangendo. As mãos não obedeciam ao comando de segurar o microfone. Fiquei das nove da manhã às cinco da tarde naquele martírio.

“Lá vem ele”, avisou Sérgio no mesmo tom de voz tranquilo, posicionando a câmera sobre o ombro direito e apontando a lente para o carro que deslizava sobre o asfalto

molhado da saída da clínica.

Juntei todos os neurônios em reunião extraordinária e avisei: é hora de funcionar, turma. E estou falando sério! A voz saiu mecânica. Os lábios não estavam em sincronia com as cordas vocais. O carro levando Pinochet para a cadeia passou por mim enquanto eu narrava, com ar de absoluto controle da situação, o ocaso do ex-poderoso. Mandei a fita com a notícia para a redação. E corri pra casa. Abri a torneira quente da banheira. Aumentei a temperatura da calefação e só então fui dar uma olhada no tamanho do problema. Arranquei as malditas botas. As meias. E encontrei meus dedos desfigurados, esqueléticos, finos e enrugados, inteiramente brancos, dois deles meio azulados. Enfie-os na poça de água fervente do fundo da banheira. Fiquei ali mais de uma hora, massageando os pés pra despertar o fluxo sanguíneo. De novo a dor, de novo o formigamento.

Saí da banheira direto para o computador. Escrevi qualquer coisa rápida para o pai sobre o caso Pinochet. Achei que o intelectual gostaria da história. Talvez tivesse até orgulho da filha cobrindo um episódio importante. Fiz também uma descrição sucinta do probleminha dos dedos congelados. Ele, de novo, respondeu em tom de quem se declara. Desfiou o passar de seus dias solitários, em companhia apenas dos livros. Confessou seu medo de avião, única justificativa para que não fosse me ver. Falou do passado, contou boas histórias da Brasília em construção, dos tempos da loucura de JK liderando a marcha tropical para o oeste. Contou que chegou à nova capital empregado de uma seguradora. Sei lá por que a tal seguradora era dona de um hotel. O único hotel. A função do pai era administrá-lo. Para isso ele podia morar lá. E frequentar o bar do hotel, todas as noites. Foram quatro anos de planilhas durante o dia e uísque à noite. No bar dos órfãos migrantes. O único bar do único hotel.

Concluí rapidamente que herdei o fígado de meu pai. Fígado de qualidade. Piorou na mudança de geração. O meu só aguenta vinho, mas aguenta bem. O pai tem fígado de profissional. Sustentou uma aventura amadora, de um rapaz tímido, caçula parido na decadência econômica familiar. Deixou o interior de Minas Gerais aos oito anos de idade, pegou um ônibus para a capital do estado. Foi morar com o padrinho para estudar. E estudou. Mas também vadiou, namorou, trabalhou no laboratório de análises clínicas. Quis ser médico, trabalhou em jornal como copydesk, aquele que corrige os textos dos redatores. Cansou dos erros dos outros. Já advogado, mandou currículo para a empresa de seguros com sede no Norte. Foi morar em Manaus e de lá migrou para Brasília. Para o Hotel Nacional. Para o bar dos expatriados.

Naquele dia, o pai me deu uma receitinha para os pés congelados: uma boa dose de uísque, sem gelo, resolve. Foi o que eu fiz. Não era a primeira vez que papai receitava álcool para o que não tinha solução. Briga com o namorado? Uísque. Se o caso fosse muito grave, uísque com remédio pra dormir. Pela primeira vez, decidi seguir o conselho.

Personagens inventam o que querem para si. Não se envolvem. Personagem não sente. Só se diverte. Ou finge que se diverte. Naquele ano tive poucas distrações. Virei do avesso. Fiquei olhando pra dentro, investigando o personagem. Mas lá dentro não havia caricatura, era tudo dolorido, cheio de hematomas. Era feio. Tinha cortes abertos da infância solitária, da puberdade confusa, das mazelas de virar profissional imitando os homens. A casca externa aguentava tudo: as pancadas que eu levava e as que eu me autoinfligia.

Durante aquele ano fiz muitas viagens. Para dentro e para fora de mim. Conheci lugares. Revi lugares. Sérgio, o cinegrafista boa-praça, tinha cartões de milhagem de todas as companhias aéreas. Fui colecionando os meus. Era ele quem alugava o carro no

aeroporto de destino. Sabia conduzir qualquer um. Na Itália, na França, em Portugal, na Alemanha, na Índia. Eu, observava. E fui administrando o novo. Adorava ler os jornais ingleses. Aos domingos, juntava uma pilha deles e ia almoçar no restaurante da esteirinha. Um japonês. Sentada no balcão eu via desfilar na esteira rolante à minha frente os pratinhos coloridos com sushis e sashimis. E os meus preferidos. Os baby shrimps. Camarõezinhos minúsculos que desmanchavam na língua de tão macios. Ficava horas naquele lugar, devorando peixe cru e notícias. Gostava de aprender. E passei a não ter vergonha disso. A insegurança, muitas vezes, se confunde com empáfia. Cansei de bancar a dura. Adestrei a humildade. Fiquei craque. Passei a entender vexames como piadas.

Comprei um par de patins, daqueles de rodinhas em linha. Quando não estava no restaurante japonês de esteirinha ou viajando ou enfiada num museu, meus fins de semana eram no Hyde Park. Num sábado em que, adivinhe, fez muito frio, fui deslizar pra aquecer. Treinei umas duas horas. Meu tornozelo doía um pouco. Só em casa percebi o corte profundo. Muito sangue. Na pressa de calçar os patins belisquei a pele com a própria tornozeleira. Ficou uma cicatriz. Gosto dela. Minha marquinha de Londres.

Hoje gosto de mim e das minhas pequenas cicatrizes. Sei que esse processo começou em Londres. Sei que não teria feito o que fiz, que não teria tomado as decisões que tomei, que não poderia trabalhar com mulheres — com seus desejos, suas fraquezas, suas ansiedades —, se não tivesse me conhecido melhor na solidão daquele ano em que me botei à prova. A mulher dos anos 1980 foi ficando menos embrutecida.

E meu pai teve papel central nesse amadurecimento. Mesmo tendo sido companheiro desde sempre, sei quanto ele me amou e demonstrou esse amor naquela comunicação virtual transoceânica. Do Brasil, papai enviava pedaços de si mesmo. De Londres, eu me limitava a descrever meu dia a dia. No início, me esforçava em ressaltar os sucessos e esconder os fracassos nas entrelinhas. Não queria parecer desajustada em minha nova casa. Mas ele não comprava minha insensibilidade. Barganhava com memórias a filha real.

Certa vez, ele me contou que entendeu tudo quando leu uma redação que escrevi para a escola de freiras aos catorze anos. Meu tipo ideal era o título, ou algo assim. Passou pelo texto umas três vezes, contou. Não por ser um pai coruja, mas por surpresa e intuição. Viu ali meu futuro. Viu que, descrevendo minha fantasia, eu escrevia meu caminho. Eu já construía meu personagem. Uma supermulher dotada de uma capa que me protegeria de qualquer adversidade. Deve ter imaginado que eu tiraria a capa na hora certa, quando o tempo chegasse. Relaxou. Nunca mais deu bola para a contestação adolescente da filha mais velha. Soube que, de algum modo, era assim que eu viveria. Nunca me cobrou casamento. Aliança. Só emoção. E, de algum modo, combinou que, quando o tempo chegasse, tiraríamos juntos nossas capas.

A MENINA E SEU AVESSO

Havia um indiano no escritório. Ele era meio gordinho e mancava de uma perna. Paralisia infantil, por certo. Foi estudar em Londres e voltou à Índia só pra conhecer e trazer para casa a noiva arranjada pela família. Teve filhos. Era uma sombra, o indiano. Era discreto, eficiente.

O porteiro da vila onde eu morava era de Bangladesh. Não sei como ele se chamava. Eu passava todos os dias pelo seu posto, ao lado das grades que guardavam a vila.

“Good morning.”

“Good morning, ma’am.”

Não sei se troquei alguma outra frase com ele durante aquele ano. Talvez um “Bom feriado”, ou alguma coisa parecida. Meu mundo era feito de estrangeiros, como eu. Eles ocupavam prédios feitos para estrangeiros. Recebiam pensões para estrangeiros. Instalavam-se em clãs. Preservavam cultura e idioma. Comiam sua própria comida. Mudaram de lugar, mas nunca saíram de casa.

Eu saí. Meu vício de origem é observar o outro. Entender o outro era minha sobrevivência. O que o outro quer de mim. O que o outro espera de mim. O que o outro está sentindo agora. Virei jornalista por querer ser o outro. Os ciganos. E acabei sendo exatamente o que eu queria. O outro. Quem quer que ele fosse naquele momento. Mas, em Londres, meu personagem foi se transformando em uma conveniência. Só aparecia quando devidamente solicitado. No resto do tempo, eu era só eu. Eu e minhas inseguranças, minhas recordações, minha cicatriz no tornozelo.

Quando dei por mim, o choque cultural passou. Rápido como o verão na Inglaterra. Bem, não tão rápido. Acho que naquele ano o céu azul e o calor duraram uns três dias. E tenho certeza de que não caíram no fim de semana. Pisquei, e já era outono. Eu começava a trocar minhas folhas velhas também. Cada vez mais eu me apressava pra chegar em casa e abrir o computador. O pai mandava reminiscências da jovem rebelde, que dirigia furiosamente e não admitia comentário crítico a respeito. A descrição dele era divertida. E esperançosa. O que ele via em mim não combinava com o que eu pensava que ele via em mim. O que eu encarava como contestação, ele entendia como coragem. Eu era um espelho das vontades contidas de meu pai. Eu era o que ele queria ter sido. Eu era o avesso dele. Ele, intenso por dentro, comportado por fora. Eu, exuberante por fora, travada por dentro.

Nossa viagem a nós mesmos foi ganhando velocidade em direção ao passado. Papai e eu chegamos à minha infância — aquela de filme de caubói — e com ela vieram tesouros enterrados por montanhas de pedras que fui juntando pela vida. Daquela roda de seresta, das tardes nos bares, do mexido mineiro que ele preparava no fim de noite misturando as sobras do almoço e muita pimenta malagueta. Onde teria ficado aquela menina?

Aos poucos, a menina foi ganhando espaço dentro de mim. Naquele difícil ano em Londres, o tempo passou rápido. Em breve já seria Natal. E milhões de ingleses acompanhariam as cerimônias nas catedrais. A luz atravessaria os janelões de vidro colorido amplificando a solenidade da situação. A pauta da reportagem era “Como são feitos os vitrais”. Praguejei, claro. Detestava assuntos fofinhos. Resignada, acompanhei o processo. Muito lúdico. Fui incorporando a beleza da arte. Entrevistei artesãos. O vidro tinha que estar translúcido. E as cores, firmes. Planas. Sem oscilações. Aqueles homens — todos os operários eram homens — não pareciam ter pressa. O ritmo não industrial me contagiou. Fiquei mais tempo do que era preciso mergulhada na novidade. Atenta ao corte preciso do vidro. Aparando minhas arestas.

Estava de saída. Um dos operários que entrevistei me pegou na porta.

“Ma’am, this is for you.”

Entregou-me um coração de vidro vermelho, recém-cortado por ele. Pequeno, cabia na palma da mão. Parecia frágil, mas ninguém poderia parti-lo. Esse é um dos segredos dos vitrais. Agradei o gesto e escondi meu coração na carteira. Aquele coração de vidro ficou por muito tempo guardado. Viajou comigo para vários destinos. Um dia, eventualmente, poderia querer dá-lo a alguém.

NATAL E PERDÃO

Surgiu uma vaga em Nova York. Correspondente no maior escritório da emissora. Morar no centro do mundo. Imperdível. Topei.

Não alimentava mais nenhuma animosidade em relação a Londres. Apenas não gostava da cidade. Do clima. Dos ingleses. Simples assim. Londres é uma obra de arte. Uma obra realista. Talvez eu esteja mais para o impressionismo.

Voltei a Londres algumas vezes depois disso e adorei cada uma dessas visitas. A cidade faz parte da minha vida de maneira mais definitiva do que qualquer outra onde eu tenha vivido. É como aquele pretendente perfeito. Apenas não é pra mim. Juntei minhas coisinhas, feliz, e planejei minha travessia oceânica para o continente americano.

O começo do fim da minha história com a Inglaterra foi no dia 24 de dezembro de 1998. Eu já sabia que, no ano seguinte, não passaria o Natal em Londres e resolvi ter uma ceia tradicional. Comprei, dias antes, um pinheiro. Desses de verdade. Em Brasília, tínhamos uma árvore de Natal também. Basicamente um cabo de vassoura do qual brotavam arames encapados com papel alumínio desfiado. Sobre eles, chumaços de algodão. A poeira vermelha deixava tudo da cor da roupa do Papai Noel. Meu pinheiro de Londres não seria assim. Arrastei a pobre árvore para casa e subi os três andares com ela, deixando um rastro verde com cheiro de cipreste atrás de mim. Varri tudo. Éramos eu e aquela árvore agora. Linda. Mas como é que esse pinheiro fica em pé?

“Um tripé”, ensinou Sérgio, o cinegrafista. “Você não comprou o tripé?”

Voltei à loja de pinheiros. O tripé, Sir. De que tamanho? Fui pra casa medir o diâmetro do tronco. E mais uma vez à loja. E de novo pra casa. Finalmente, o símbolo do Natal feliz estava lá. Com enfeites, luzinhas e tudo. E era o que havia. Eu já estava empacotando a mudança. Inclusive as quatro cadeiras vindas do Brasil. Deixei uma do lado de fora e uma pequena mesa para servir a ceia. Providenciei um bolo de nozes e uma bela garrafa de vinho. Por fim, liguei a máquina do tempo: abri minha caixa de e-mails. Brindei com papai, que nunca foi a Londres, mas esteve lá o tempo todo.

O pai estava sozinho naquela noite de Natal. Nunca gostou de festa. De muita gente junta. Fica ressabiado. Desaba a timidez, o complexo de inferioridade. Não é do palco, o pai. É das coxias, dos bastidores. Dos botecos. Não que não pudesse ostentar conhecimento. Poderia. O que abala o pai é o desempenho da competência social. É a festa à fantasia em que todos estão vestidos de belos, vitoriosos, bem-nascidos, cercados de amigos bem relacionados. É o xadrez do marketing individual, no qual o pai é apenas um peão. Diante dos que carregam a bandeira do sucesso, meu pai se refugia na delícia do fracasso, no amor pelas misérias. É o ermitão da boa literatura, que nunca pode ser completamente compartilhada, mas que preenche todos os vazios da alma acanhada.

Acho que, em alguma parte do coração, o pai adoraria ser paparicado pelos poderosos por causa dos valores essenciais que cultivava. Mas quem é que se interessa por valores? Quão difícil pode ser realizar seu talento profissional em empresas nas quais valores são frágeis como taças de cristal? Até hoje repito a pergunta e não encontro resposta adequada.

Virtualmente acompanhado pela filha sozinha, o pai passou só aquela noite de Natal.

Lembra dos natais em Brasília, pai? Não tinham muita fantasia, não é? Lembra das viagens compridas para o interior de Minas Gerais? Naquele seu carro que parecia uma

banheira? Nas férias, o pai dirigia com uma mão só no volante, o outro braço apoiado na janela aberta, o cigarro no canto da boca. O rádio ligado transmitindo o jogo do Flamengo.

Quantos quilômetros faltam, pai? Quantos quilômetros faltam pra eu chegar onde quero? E onde fica isso? Para alcançar meu destino, tenho que voltar atrás? Se assim é, Londres foi o ponto de partida da minha lenta volta para casa. Naquele ano em Londres, eu amei meu pai. E perdoei-o. Amei aquela casa. Amei minhas imperfeições e perdoei a menina caipira e impertinente que desembarcou na Inglaterra com duas malas e quatro cadeiras. E como isso foi fundamental para que eu pudesse gostar de mim e decidir por mim, e não pelos outros, tudo mais de que eu gostaria a partir dali.

Sentei-me na cadeira solitária, tomei um gole de vinho, olhei feliz para as janelas, as paredes brancas, as escadas estreitas. E lá estava um deles. Um dos meus ratinhos miúdos. Senti por ele uma imensa simpatia. Quase ternura. Bonitinho, pequeno, assustado. Não fugiu de mim. Ficou ali, parado no degrau da escada revestida de carpete, olhando para mim, meu pedaço de bolo, minha taça de vinho. Não me mexi pra não afastá-lo com o ruído da cadeira. Queria que ele ficasse. Encarei meu convidado inesperado. Olhei nos olhos da criaturinha e tive a estúpida certeza de que ele — e Londres — se despediam de mim.

4. O amor no gelo e outras viagens

Em comparação com Londres, Nova York foi uma festa. A começar pela moradia. Aluguei um dos primeiros apartamentos que fui visitar. Primeiro andar, o último do corredor. Apartamento de quina. A corretora destrancou a porta e a luz me ofuscou os olhos. Eram dez da manhã. O sol ainda baixo do fim do inverno no Hemisfério Norte fazia o rio parecer uma represa de diamantes. O ambiente inteiro brilhava, a água invadia a sala, inundava tudo. Vou tentar explicar. O apartamento do primeiro andar ficava muito próximo do nível do rio, o East River. Separando o prédio da água, havia apenas a FDR, uma das principais avenidas da cidade, barulhenta que só ela. Mas a rua estava bem abaixo do nível térreo do prédio e os vidros das janelas eram duplos. O ruído chegava lá dentro como uma massa disforme de sons imprecisos. Em compensação, o rio praticamente fazia parte do apartamento. A claridade entrava pelas janelas que iam do chão ao teto, derramava-se sobre o piso de madeira. As barcas que deslizavam sobre as águas, em direção ao norte, faziam parte da minha vida. Da minha intimidade. Do meu café da manhã. Dos meus segredos. Era como ter um apartamento de vidro no meio da praia de Ipanema.

Pra mim, brasileira errante e traumatizada com a experiência habitacional londrina, foi amor à primeira vista. Quero viver aqui, pensei, sentada no chão, de frente para o espetáculo das águas, de frente para a Roosevelt Island, antes mesmo de investigar o resto da casa. Eu estava feliz. Eu estava plena. Eu queria aquele cheiro de água, eu queria aquela sensação de coisa fresca, eu queria aquele quê de Rio de Janeiro. Foi assim, otimista como os ingênuos, que eu cheguei a Nova York. E minha primeira grande reportagem nos Estados Unidos refletiu esse estado de espírito. Foi uma história de amor.

Não sei exatamente como fiquei sabendo que uma carioca descolada, fotógrafa, profissional bem-sucedida, tinha ido parar no norte do Alasca depois de cair de amores por um esquimó. Assunto fofinho, né? Pois é, as pessoas mudam. Deu um certo trabalho achar a pista da aventureira. Naquela época, rede social era coisa de cooperativa de pescador. As pessoas não estavam por aí, “facinhas”, com perfis públicos na internet. Depois de dezenas de telefonemas consegui o e-mail que a moça usava quando havia conexão na cidadezinha. Enquanto esperava uma resposta dela, investi nas lições básicas sobre Barrow, a última cidade do Alasca antes do polo norte geográfico. No inverno, a calota

polar alcança a costa da região. O mar congela. No verão, o gelo se quebra e as baleias sobem para respirar entre as rachaduras. Uau! O que pode ser mais exótico e inesperado que isso? Apenas uma coisa: o fato de uma carioca trocar o Jardim Botânico pelo gelo de Barrow! Isso não me saía da cabeça. Ficava ali martelando. Devia haver uma explicação. Devia haver um passado obscuro a ser escondido. Ou esquecido. Devia haver uma infelicidade latente a ser superada. Devia haver um segredo na vida de Luciana, a fotógrafa.

Não havia. O que havia era algo que precisei de muito tempo para incorporar como verdade definitiva. Um conceito que move o mundo. Algo que as pessoas não veem mas que as mantém vivas. Um sentimento que acende as funções vitais de nosso corpo, que dá sentido à existência, que nos faz mudar. Como Luciana mudou.

O Alasca, aquele pedaço de gelo apartado do território americano pelo Canadá, já é bem longe do próprio país ao qual pertence. Imagine do calor e da informalidade cariocas! Para chegar lá, desembarquei primeiro em Anchorage, a maior cidade do estado, muitas vezes confundida com a capital, Juneau. A primavera já se anunciava e só por isso a gente não congelava em dois minutos quando saía do avião.

Anchorage é uma cidade típica americana. Só que em vez de loiros e altos, os habitantes são mais morenos e de olhos puxados. Têm os cabelos escuros e escorridos e as carinhas redondas dos índios. São esquimós. Mas, por favor, não se refira a eles assim. Entre os nativos de todo o Círculo Polar Ártico há várias etnias e, para eles, misturar todas dentro do conceito simplista de esquimós é de um reducionismo imperdoável. Os nativos do Alasca fazem parte da nação Inuit. São os inupiat e estão naquela costa gelada desde a pré-história.

Andei pelas ruas de Anchorage, olhando os passantes, incorporando aquelas feições. Caminham devagar, esses inupiat. Não chegou lá aquela atitude nova-iorquina de quem está sempre com pressa, sempre perdendo tempo. Eles trocam velocidade por precaução, foi o que me pareceu. Quase sempre olham para baixo. Deve ser a programação genética. Caminhar no gelo não é passeio. Eles têm a pele dura. O vento frio bate ali e não corta. Os danados não ficam nem vermelhos.

Eu, bochechas em fogo, entrei e saí de várias lojas de esporte procurando roupas quentinhas pra enfrentar o norte do estado. Embarquei em hidroaviões e pousei em rios onde o urso persegue o salmão. Fui devidamente devorada por milhares de mosquitinhos minúsculos. Vi geleiras desabando em grandes pedaços, anunciando o derretimento iminente dos polos. Tudo isso antes de encontrar Luciana e seu mistério.

Quando a gente voa em direção ao polo norte esquece para sempre aquela noção de planeta redondinho e perfeito. A terra, lá no alto do mundo, vai rachando. Vai se abrindo em veias, depois artérias. Nos polos, ela respira. Infla com o gelo, descontrai com o degelo. Terra firme é apenas uma metáfora. É como se o solo fosse o papel que embrulha a bala: fica sempre enrugado nas pontas. Do alto daquele voo cheio de paradas até Barrow, vi a superfície da Terra amarrotar. Vi o horizonte arquear. Se o mundo tem um fim, deve ficar ali pertinho.

Quando encontrei Luciana, ela vestia um casaco de pele de urso. Era o mais bonito da cidade! A pele do bicho é a parte interna do casaco que eles chamam de parca. Por fora, cada costureira dá seu toque para quebrar a monotonia cromática local. Tecidos de florzinhas ou de um xadrez alegre. A barra é uma obra de criatividade que envolve sianinhas, fitas de cetim, ponto de cruz, linhas de várias cores. Esse arremate varia de acordo com a imaginação da artesã, que leva uns três meses para completar sua peça. A

parca de Luciana era de veludo cotelê azul-marinho por fora e os enfeites na barra eram de um bom gosto audacioso, com um despojamento quase carioca. A cara da dona. Foi um choque de beleza vê-la vestida assim. A brasileira em pele de urso era tão harmoniosa e ao mesmo tempo tão improvável que eu não conseguia tirar os olhos dela. Havia algo ali de uma irrealdade tão escandalosa quanto tranquila. A tranquilidade vinha da própria Luciana. De sua decisão e de suas certezas.

Perguntei a ela quem havia feito o casaco azul-marinho, e Luciana me contou que foi Mary, a mãe esquimó de seu marido. Depois de usar casacos ocidentais por alguns meses e continuar morrendo de frio, Luciana cedeu. Não há produto tão durável e que proteja tanto no inverno quanto a pele de um animal, daí a importância das peles no extremo norte do mundo. Como logo engravidou, Luciana já ganhou uma parca mais larga, chamada amak, que serve para que a mãe carregue o filho nas costas até que ele complete um ano. Foi ali naquele ninho quente que Luciana criou James desde o nascimento.

Eu adorei aquele casaco e aquela história mais do que uma jornalista costuma amar as histórias que narra. Imediatamente quis levar um pouco daquela sensação para casa, para minha vida. Quase caí na tentação de comprar uma parca para mim, mas, quando me imaginei desfilando minha peça étnica pelas ruas de Nova York e entrevistando pessoas com ela, lembrei-me dos tais códigos. Achei que seria um exagero.

Minha nova amiga parecia tão confortável naquela situação que, mesmo com aquele ar indisfarçavelmente brasileiro, ela não destoava da paisagem. Luciana passeava na praia gelada segurando James pela mão e fazia com que o filho se divertisse com tudo que poderia ser motivo de lamento. Depois transitava pela casa trabalhando para fazê-la mais aconchegante, sempre de acordo com as referências locais. Luciana nunca tentou imitar seu passado naquele lugar. Naquela Barrow gelada, o passado dela congelou. E o presente aquecia seu coração.

Uma das primeiras imagens que captei de Luciana poderia ser emoldurada no porta-retratos de uma definição clássica de felicidade. O que vi quando entrei em sua casa foi uma grande pele de urso branca no chão da sala e o prazer do filho pequeno, lindo, sorridente, agarrado à cabeça da criatura que ainda mostrava os dentes. James brincava com o tapete como se fosse um cachorro manso. A foto se completa com o sorriso da mãe que se orgulha do filho esquimó, do filho do frio e de tudo aquilo que a levou até ali, do filho de um amor tão intenso que explica a casa plantada no gelo, a noite que dura seis meses, as lojas de peles que fariam os casacos europeus parecerem infantis.

Quando, no inverno, um urso branco invade a comunidade por algum motivo, não há o que fazer. Não adianta discar 911. Nenhum policial vai aparecer com um dardo sonífero e transportar o bicho para um zoológico onde ele será decentemente tratado até retornar à natureza. Quando um urso ou qualquer outro animal feroz aparece, o jeito é matá-lo. Antes que ele mate alguém. E lá está o tapete de pele de urso na sala da casa de Luciana.

Naquela época eu não sabia, mas em algum lugar obscuro de mim nascia um desejo de ser diferente, de ser mais Luciana, menos Ana Paula. Eu queria entendê-la.

“Como foi que tudo começou?”, perguntei.

Luciana me contou que tudo começou quando ela foi passar férias no Alasca. A carioca desembarcou em Barrow com uma câmera fotográfica pendurada no pescoço e achou o motorista do ônibus da prefeitura bem bonito. Um jovem loiro, como ela, diferente dos nativos esquimós. Mas esquimó também. Nascido em Seattle, mudou-se pra Barrow ainda menino. Ficou por lá.

Entre os nativos é assim. Quem adota a cultura da comunidade é por ela adotado.

As famílias não se explicam pela relação de sangue. Há tantos adotados, agregados, trocados, infiltrados que é difícil explicar quem é filho de quem, quem saiu da barriga de quem. Todos deixam suas botas de neve na entrada das casas, enfiam suas meias úmidas em pantufas e se esparramam nos sofás, lavam a louça, dividem o que há para comer, todos são cúmplices na guerra contra o clima e o isolamento. Todas as casas são núcleos de resistência. Há baixas, mas há solidariedade. Há deserções, mas há o perdão. E o orgulho dos que sobrevivem, dos que não se deixam derrotar. Dos que sabem que ser esquimó é assim.

Luciana me levou para conhecer tudo sobre Barrow. Os supermercados, onde se compra desde comida até trenós motorizados e armas de fogo. Em Barrow, toda família tem uma arma. Por causa dos ursos e de outras feras perdidas. Quando se afasta um pouco da cidade, cada esquimó carrega a sua pistola. Armas, assim como chuchu, biscoitos, roupas e quase tudo mais que você possa pensar se compra lá no supermercado. O único supermercado. Em toda a cidade, há apenas oito lojas. E isso inclui a loja de peles. Se seu casaco rasgar, costure-o você mesmo. Não há serviços disponíveis nem peças de reposição. Por isso, quando a geladeira quebra, os esquimós simplesmente a jogam fora, nos fundos da casa, e compram outra. No supermercado. Qualquer coisa que deixe de funcionar vai parar no lixão do fundo das casas. Velocípedes velhos, bolas furadas, telefones mudos, colchões deformados. No inverno, a neve se acumula sobre o cemitério de bugigangas inúteis formando pequenas montanhas de objetos mortos.

Um esquimó só acumula o essencial. E, naquelas circunstâncias, a gente identifica rapidamente o que é essencial. Uma casa quente, cheia de gente para realizar tarefas muito necessárias: tirar a neve da entrada, cuidar das crianças, costurar, caçar, cozinhar. E... cozinhar o quê? Baleias, por exemplo!

Mesmo tendo geladeiras em casa, a carne de baleia é armazenada do jeito tradicional. Em buracos cavados no chão de gelo, a verdadeira geladeira do esquimó. Comi a tal carne de baleia. Achei horrível. Intragável. Crua, principalmente, é de embrulhar o estômago. Mas comi. Fiz cara boa e aceitei tudo o que me ofereceram. Luciana de fato gostava da comilança em torno da baleia. Os esquimós acreditam que a caça da baleia é sagrada e que o bicho se doa aos caçadores. Todas as comunidades esquimós do Alasca são legalmente autorizadas a caçar para sobreviver e manter a cultura. Os esquimós não são barqueiros com arpões automáticos matando baleias por prazer ou por comércio. A caça da baleia, em Barrow, é uma lição sensata, aprendida com os antepassados, que ainda viviam em iglus. Luciana compreendia.

“Se tirarem a baleia dos esquimós eles vão virar americaninhos de olhos puxados que compram carne no supermercado.”

Ela tinha razão. A caça à baleia é pouco do que ainda resta em atividades comuns num lugar do qual todo jovem quer ir embora. Todo adolescente tem seu celular e ouve música eletrônica. E quer surfar sob o sol da Califórnia. Quer ser igual a qualquer outro jovem do mundo globalizado. Perguntei a Christina, filha de um capitão de barco de caça chamado Chuck, onde ela gostaria de morar se pudesse sair dali. A resposta foi simples e objetiva: “Num lugar onde existam árvores e faça calor”.

Mas Luciana não parecia sentir falta de nada disso. Ela entendia.

“Sou facilmente adaptável”, ela dizia. “Não troco o gelo da primavera em Barrow por nada desse mundo, nem por Paris!”

Tinha toda razão, minha anfitriã, a bela que deixou os trópicos pela dedicação total a um amor de extremos. Luciana saberia ser Luciana em qualquer lugar do mundo. Seu

marido, provavelmente, só se saberia importante naquele lugar, com aquelas pessoas, naquela situação. E Luciana sabia disso. Até aquele momento, o verbo ceder era palavra em meu dicionário da independência feminina. Precisei ir a um dos extremos do mundo para apreciar a beleza de abrir mão de suas referências pelas do outro. Até então eu nunca havia nem tentado ser Luciana. Nunca havia alcançado esse despojamento. Quando viajo, no entanto, sempre incorporo a lição de pensar como o outro. Tudo que sei de mim fica em casa e me delicio na função de ser o outro. O equilíbrio é que é difícil. Ser o outro por tempo integral exige entrega em tempo integral.

Até aqueles anos de “exílio” na Inglaterra e nos Estados Unidos, eu não acreditava em algo maior que nos guia na tarefa da entrega ao amor. Minha fé no ser humano era — e de certo modo ainda é — comedida. Reticente. O outro trai. O outro é fraco. O outro, como nós, resvalará na avareza e, ainda que por amor, será egoísta. É da natureza humana. E entregar nossas réstias de dignidade a quem, um dia, nos apunhalará pelas costas é para poucos. E bons. Era assim que eu pensava. Talvez ainda pense. Mas entendi, ali em Barrow, que o amor existe, é poderoso e transformador. E, de alguma maneira, isso me salvou da solidão de ser apenas eu mesma, o que teria sido terrivelmente aborrecido.

Depois daquelas férias em que conheceu Kelly, Luciana voltou ao Rio de Janeiro. Mas nunca deixou Barrow. Ainda no avião, abriu o envelope com uma cartinha que ganhou do futuro marido. Dizia: “Feliz Dia das Mães! Você vai ser a mãe dos meus filhos”. Luciana estranhou, mas não se assustou. Kelly já tinha duas filhas, de duas mulheres diferentes e nem assim Luciana teve medo. Desmontou sua vidinha carioca, voou para Seattle, local do próximo encontro combinado entre eles. Casou-se. Engravidou já na lua de mel. Era o James. Depois veio Juliana.

Luciana era uma mulher apaixonada. Estava nos olhos dela. Na maneira como aprendeu a costurar o casaco do filho, nas fotos que fez de cada momento em que viveu no topo do mundo. Luciana e seu esquimó moraram felizes por oito anos na casinha com jeito de trailer. Ela gostava da comida deles, ficava linda naquele casaco de pele enfeitadinho, metida naquelas botas duras de borracha, o cabelo despenteado.

Luciana amou. Amou tanto que virou a Luciana do gelo. A Luciana que me recebeu com a mesma generosidade dos que a acolheram. E eu apenas não sabia, mas queria muito ser Luciana.

O esquimó de Luciana não era o príncipe num cavalo branco. Romance em tempo integral não existe. Mas amor e cumplicidade estavam ali expostos ao frio e às intempéries e resistiram durante muito tempo. O tempo suficiente. O tempo necessário. O tempo do aprendizado, para mim, pelo menos.

GUERRA E LÁGRIMAS

Pulei num avião em direção à fronteira do Kosovo com a Macedônia assim que as primeiras imagens dos refugiados apareceram nas agências de notícias internacionais. Naquele momento não havia jornalistas dentro do Kosovo. Aquela era uma zona de guerra ainda inteiramente dominada pelas tropas sérvias. Falava-se em uma limpeza étnica comandada pelo ditador da antiga Iugoslávia, Slobodan Milosevic. Todos os dias, dezenas de kosovares cruzavam, trôpegos, os postos policiais que dividem os territórios. Vi crianças entrando na Macedônia sozinhas, separadas dos pais. Crianças que não tinham mais pais e sabiam disso. Mães separadas dos filhos. Indivíduos que, depois de dias de

constrangimento físico e tortura emocional, alcançavam um lugar seguro. E esse lugar era um sem fim de barracas de lona verde montadas ao longo da linha que dividia o inferno da possibilidade de paz. O futuro, ali, era apenas uma promessa de sobrevivência. Nada além disso. Eu quase podia ver a mistura de profundo desapontamento, alívio e dor. Naquele instante, a dor sobressaía às demais emoções e seria assim para sempre. A dor da guerra não passa nunca.

Até cruzar os dois postos de fronteira e entrar na Macedônia, os kosovares que escapavam do extermínio se escondiam nas montanhas. Não havia a quem recorrer. Não havia para onde ir a não ser para o sul, a direção do país mais próximo e menos ameaçador. Eram maltrapilhos. Doentes. Traumatizados. Poucos grupos eram unidos. A maioria alcançava a Macedônia inteiramente só. Os relatos eram vagos e imprecisos. Queimaram minha casa, minha vila. Fuzilaram minha família. Torturaram meus irmãos. Meus vizinhos. Me escondi. Escapei. Fingi que estava morto. Quase todos estavam, de alguma maneira, mortos.

Não era um sofrimento barulhento, aquele. Era tão denso que imobilizava. Os refugiados moviam-se devagar. Quem não tem mais para onde ir, quando chega, simplesmente espera. É o fim antes do fim. É o limbo. Entregavam-se aos voluntários que providenciavam o socorro básico para as mazelas do corpo. Aqui e ali formavam-se acampamentos de organizações não governamentais, de exércitos, de entidades filantrópicas. Médicos, assistentes sociais, psicólogos eram os únicos que corriam de um lado para o outro. Os refugiados apenas caminhavam, devagar, para onde lhes apontavam o dedo. Depois ficavam lá. Desabavam dentro de si mesmos esperando o que não viria mais.

Acompanhar a vida dos refugiados em acampamentos é uma corda bamba emocional. Para eles e para nós, jornalistas. Provisório é uma palavra vaga, definitivo é uma sentença grave. Há transitoriedades de todos os tipos. Vi, em vários cantos do mundo, inúmeros campos de refugiados que se tornariam casas permanentes e sem sentido para os sobreviventes das guerras que os levaram até ali. E vi entidades que faziam o impossível para transformar o trauma do conflito armado em algo minimamente confortável no terreno da saúde mental dos despejados.

Na fronteira de Kosovo com a Macedônia, num desses campos de refugiados, assisti a um jogo de futebol. Coisa que sempre anima os meninos, ainda que estejam sozinhos no mundo. Vi onze contra onze se divertindo em passes, dribles e gols. Até me distraí. Mas havia um pequeno que me incomodava. Ele jogava com as mãos nos bolsos da bermuda. Não tirou as mãos dali em nenhum instante. Estariam queimadas? Teriam sido decepadas? Seriam deformadas? E eu, que só queria dois tempos de 45 minutos de paz em meu coração, acabei arrebatada pela curiosidade. Procurei o monitor da partida e ele também não sabia o que se passava com o menino. Fim de jogo. Fim de dúvida. Chamamos o menino e ele nos explicou que chegou ao campo de refugiados sozinho e sem roupas. A bermuda, doada, era grande para ele. Se tirasse as mãos do bolso ela cairia. Simples assim.

Chorei. Deixei o campo e me apoiei na cerca que limita o acampamento. Chorei sobre a sentença expressa pelo menino com um meio sorriso. Chorei minha alma, chorei minha vocação de jornalista, chorei minha sobriedade, chorei minha determinação e minha tentativa de imparcialidade depois daquele jogo. Chorei de raiva pela simplicidade daquela criança quase feliz, órfã e conformada com uma bermuda usada que não lhe servia. Chorei pela humilhação não percebida pelo menino. Chorei pela pergunta que não fiz. Teria ele

presenciado a morte dos pais? Teria ele visto a aldeia onde vivia em chamas, como frequentemente acontecia no caminho por onde passavam as tropas sérvias?

Foi a primeira vez que me deixei abalar em uma missão profissional. Olhando para trás, vejo que já estava me tornando outra pessoa. Alguém que chora. Hoje, choro até em novela das nove. E, sim, tenho um orgulho danado de dizer isso.

APRENDENDO COM OS ERROS

Voltei ao Kosovo no fim da guerra, em junho de 1999. Finalmente poderíamos entrar no território e registrar as consequências dos meses de conflito. Pristina, a capital, era uma cidade tão destruída quanto qualquer outra no pós-guerra. Milosevic, o ditador, já havia ordenado a rendição de suas tropas e, aos poucos, os soldados dos países da Organização do Tratado do Atlântico Norte, a Otan, retomavam o território kosovar e os expulsos voltavam para sua terra. Desembarcamos na Macedônia para, finalmente, entrar no Kosovo. Por terra. Mas já era tarde para alugar um carro blindado. Havia poucos no país e estavam todos com as grandes redes do mundo. BBC, CBS, ABC, CNN. Jornalistas ainda eram mortos em emboscadas dentro do Kosovo, apesar da presença das tropas internacionais. A bordo de um 4 x 4 muito pequeno, cruzamos a fronteira e alcançamos Pristina.

Tentamos nos hospedar no principal hotel. A cada passada no carpete da recepção, sentíamos a água amortecendo nossos passos. O carpete estava inundado. Ensopado do líquido que voltava dos banheiros imundos do andar térreo. A situação se repetia em todos os andares. O hotel não tinha água nem eletricidade, e ainda assim estava lotado de jornalistas, ávidos pelas notícias da retirada sérvia e de tudo que não puderam filmar e contar ao mundo nos meses anteriores. Pensando no que fazer, nos sentamos nos sofás pra trocar ideias com colegas americanos, franceses, alemães. Nenhum deles parecia se importar com o cheiro fétido do lugar. Não faltavam pautas para possíveis reportagens. Covas coletivas recém-descobertas a oeste, cidades-fantasma com pilhas de corpos em decomposição a leste e outras tantas atrocidades tão familiares aos jornalistas quanto os animais desmembrados são para os açougueiros.

Não havia vaga no hotel fedorento e só nos restou buscar abrigo alugando a casa de um kosovar por alguns dias. O apartamento não era lá essas coisas e também não tinha água ou luz elétrica. No sofá-cama da sala dormiam Sérgio, o cinegrafista boa-praça das botas-que-aguentam-tudo-meu-bem, e o motorista e tradutor que contratamos na Macedônia. O único quarto, com a única cama de verdade da casa, ficou para mim e para a Guta Nascimento, que viajou conosco como produtora e editora do material que deveríamos enviar para o Brasil todos os dias.

Conhecia a Guta dos telefonemas Rio-Brasília. Ela atuava como editora quando eu era repórter do Jornal Nacional. Encontramo-nos pessoalmente quando fui transferida de Londres para Nova York, onde ela já estava trabalhando àquela altura. Relação formal, sem maiores intimidades. Aliás, se há uma pessoa que não é muito de intimidades é a Guta. Mas viajar é quase como um casamento. Kosovo foi nossa primeira viagem juntas e foi ali que de fato nos apresentamos.

Olá, eu sou a Guta, tenho esse jeitão meio bravo mas é porque resguardo muito minha privacidade. Apesar de fazer o estilo fechadão, adoro gente. E atividades ao ar livre. Escalo montanhas, faço mergulho em profundidade, pratico power ioga. Sou de escorpião,

por isso aviso logo que sou muito rancorosa. Mas também sou amiga dos amigos — dos poucos amigos — dentro da legião de conhecidos que tenho. Sou popular. Sou eficiente. Mas não sou “facinha”, não. Sou dura. E sou muito observadora. Uso esse dom pra prever tudo que pode dar errado numa situação. Adoro banana e demoro muito pra funcionar de manhã.

Olá, sou a Ana Paula, tenho esse jeito de não-me-toque e prefiro um fim de semana inteiro trancada em casa lendo e vendo filmes do que um monte de gente em volta de uma mesa de bar. Ou um monte de gente num show de rock. Ou qualquer monte de gente junta. Escalar montanhas, ou mesmo montinho, nem pensar. Só desafio meus limites psíquicos. Os físicos: nunca. Mas, se for por uma boa história, pode me chamar pro fim do mundo que tenho uma mala pronta com as calças jeans que detesto e nunca uso e as camisetas mais surradas, faço um rabo de cavalo e encaro o que vier. Sou de sagitário, portanto sou bem-humorada e adoro tomar decisões. Sobre tudo. Sou do bem. Sou bom caráter. Mas também não sou facinha, não. Sou dura. E muito observadora. Uso esse dom pra prever tudo que pode dar certo numa situação, apesar dos riscos. Detesto banana.

Como se vê, não seria fácil. Mas a beleza da vida está no que é complexo e surpreendente. A partir daquele choque inicial de adaptação no Kosovo, Guta e eu faríamos um sem-número de viagens juntas e trabalharíamos juntas por muitos e muitos anos. Sempre muito diferentes e em algumas coisas muito iguais. Somos, ambas, de poucas palavras. Poderia passar uma semana dentro da mesma casa com ela sem que precisássemos trocar uma só sílaba para compreender uma à outra. Isso se eu aguentasse passar uma semana na bagunça que seria uma casa administrada pela Guta. E se ela suportasse a organização quase obsessiva de uma casa comandada por mim.

Ponderando as diferenças, saíamos cedo para aquilo que não faz diferença nenhuma. Alimentação. A fila dos supermercados era gigantesca nas primeiras horas da manhã. Parcialmente abastecidos de madrugada, eles vendiam todo o seu estoque antes que o sol subisse. Comprávamos pão de forma, queijo prato e... bananas. Jogadas na parte de trás do jipinho, as tais bananas, além do pão de forma e do queijo, se misturavam a caixas de equipamentos, malas e roupa suja e litros e litros de toda a água que conseguíamos encontrar, a preços de pós-guerra! Aquele cheiro de banana passada tomava conta do jipe. Argh. Mas era o que comeríamos pelos próximos dias. A postos dentro do carro, era escolher um rumo e encontrar uma boa história pra contar.

No primeiro dia de incursão pelo Kosovo, optamos pelo mais difícil e, portanto, inédito. Seguimos para o norte, para a última cidade Mitrovica, já ocupada pelas tropas da Otan. O processo de retomada do território funcionava assim: a cada dia as tropas vencedoras avançavam mais em relação ao norte e as tropas sérvias se retiravam um pouco mais na mesma direção — de volta à Sérvia. A maior parte dos jornalistas ia acompanhando esse trabalho dos soldados que “limpavam” as estradas principais de minas terrestres abrindo caminho também para a volta dos habitantes expulsos. Quase sempre encontrávamos cidades-fantasma em ruínas. E em Mitrovica não foi diferente. Filmamos o principal e continuamos um pouco mais ao norte, onde encontramos um tanque militar de soldados franceses. Eles nos deram o sinal. Havíamos chegado ao nosso limite de segurança. Nossa fronteira de garantia. A partir daquele ponto, o Kosovo ainda tinha sérvios em retirada. Agradecemos. E seguimos em frente. A bem da verdade, eu segui. Não fiz uma assembleia dentro do carro para votar nosso destino. Não dei confiança para o risco. O dia estava ensolarado. Fazia calor e os franceses estavam sorridentes. O que pode acontecer com alguém num dia tão bonito? Fui tola. Acenamos para os simpáticos

soldados e para nossa derradeira proteção. E passamos, displicentemente, por eles.

Poucos minutos depois vimos na mesma estrada um imenso comboio de ônibus vazios. Trinta deles, talvez mais. Certamente seriam usados na retirada de uma tropa sérvia. Seguimos o comboio à distância. Eu estava sentada no banco da frente do carro, ao lado do motorista, com um mapa aberto no colo. Localizei a estrada. No banco de trás estavam Sérgio, calado e atento, e Guta. Para mim, olhos no mapa, nada poderia dar errado num dia lindo se você sabe onde está. Os ônibus saíram da rota. Pegaram uma estrada vicinal. Está tudo bem, pensei, o sol ainda brilha e o caminho está no mapa. Mas vieram outras mudanças de rota. Deixei de reconhecer as estradinhas no mapa aberto no colo. Fiquei tensa. Disfarcei. Firme. O sol continuava alto e brilhante. E foi do lado direito da estrada, contra o sol, que vimos a silhueta da primeira posição sérvia. Sérgio deu o alarme. Atrás de sacos empilhados se distinguiam claramente os canos das metralhadoras. Bem, talvez alguma coisa pudesse sair do roteiro. Muitos jornalistas perderam a vida daquela mesma maneira. O silêncio no carro era profundo e constrangedor. Todos sabiam, principalmente eu, que era tarde demais para voltar atrás. Talvez os soldados não tivessem atirado por imaginar que tivéssemos sido autorizados a acompanhar o comboio. Afinal, que outra razão teria um carrinho frágil com quatro passageiros, sendo dois deles mulheres, para seguir ônibus sérvios em território ainda controlado pelos derrotados? Imaginamos, no entanto, que eles reagiriam diante de qualquer movimento brusco nosso. Como fugir, por exemplo. Fugir estava fora de questão.

Os ônibus reduziram a marcha. Pararam. Não conseguíamos ver o que havia lá na frente. Os motoristas começaram a saltar. Não discutimos. Não planejam. Sérgio, em tom de sentença, disse que iria na frente. E foi. Com a câmera na mão e uma bandeira do Brasil no ombro, abriu seu melhor sorriso de simpatia e caminhou na direção do primeiro veículo, cumprimentando cada um dos motoristas e os primeiros soldados sérvios. Eles nos olhavam com cara de interrogação. O que essa gente com câmeras faz aqui? Sérgio estabeleceu contato com um soldado.

“Somos do Brasil, somos do Brasil. No Otan, no Otan.”

Depois de meses levando bombas na cabeça lançadas pelos países da aliança do Atlântico Norte, não fazer parte desse grupo era uma espécie de bandeira branca que Sérgio usou na primeira frase aos soldados. Eles fizeram sinal para que esperássemos e foram atrás do comandante. De longe, caminhando devagar, veio o chefe. A imagem do sargento Garcia. Baixo, barrigudo e bigodudo. Emburrado. Não nos cumprimentou. Perguntou, de cara, como havíamos conseguido chegar ali.

“Seguimos o comboio de ônibus, queremos registrar o lado sérvio na guerra, queremos ouvir vocês”, disse Sérgio usando doses industriais de charme, simpatia e sorrisos.

Guta e eu nos escondíamos atrás dele. O comandante girava o corpo sobre os calcanhares. Não sabia o que fazer. Sérgio continuava falando sem parar sobre cobrir os dois lados do conflito, sobre o princípio do bom jornalismo, sobre o que os soldados haviam passado durante todos esses meses, blá, blá, blá. Resolvi ajudar. Aproximei-me, me apresentei, disse que queria conhecer as condições em que a tropa acampou, se tinham comida e como haviam sido os enfrentamentos nas vilas kosovares. Foi aí que o comandante percebeu que havia duas mulheres ali. Ficou mais cordato. Até esboçou um sorriso. E foi naquele momento que entendi que o imenso risco que corríamos era ainda maior do que eu havia calculado até então.

Surpreendentemente, o sargento Garcia disse: “Claro! Venham por aqui que eu

mostro a vocês de onde enfrentamos os kosovares!”. E foi se embrenhando mato adentro, deixando a estradinha para trás. Guta só teve tempo de gritar para mim: “Eu fico! O carro está cheio de equipamentos. Eu fico de guarda!”. Entramos na mata seguindo o comandante. Sérgio, o tradutor-motorista e eu. Caminhamos uns quinze minutos e alcançamos uma casa semidestruída. Dali os soldados tinham uma visão ampla de um vale. Apontavam as metralhadoras para quem quer que viesse caminhando. Nem perguntei o que aconteceu com os donos daquela casa. Todas as demais, que provavelmente formavam uma vila antes da chegada dos sérvios, estavam destruídas.

Enquanto o comandante narrava a rotina dos soldados durante a guerra, começamos a ouvir os tiros. Rajadas de metralhadora. Ra-ta-ta-ta-tá. Ra-ta-ta-ta-tá. Perguntei, com a entonação mais inocente do mundo, de onde viriam os tiros se o conflito já havia terminado. O sargento Garcia respondeu, sorrindo:

“São os soldados se divertindo. Eles estão liberados para vadiar e beber. Estão deprimidos.”

Troquei um olhar rápido com Sérgio. Ele entendeu tudo. Os tiros vinham da direção em que havíamos deixado o carro. E a Guta. Sérgio piscou para mim e disse que as baterias da câmera estavam no fim e que precisava buscar outras no veículo. Saiu escoltado por um soldado. Fiquei lá com o tradutor-motorista que tremia visivelmente. Havia uns vinte combatentes na casa. Todos nos olhavam. Inventei todas as perguntas possíveis para mantê-los entretidos na narrativa dos meses de guerra. Sérgio só voltou uns quarenta minutos mais tarde. Com a Guta. Pálida. Os lábios dela estavam roxos. Ela se sentou ao meu lado. Muda. Olhos arregalados.

Ainda não sei como saímos vivos dali. Quando a Guta ficou sozinha no carro, os soldados começaram a brincar de tiro ao alvo nos retrovisores. Guta lá dentro, abaixada no banco de trás. Desesperada. Eles rindo. Sérgio chegou e puxou papo com os soldados, que estavam bêbados. Tomou um gole com eles. Foi devagar até o carro. Fingiu pegar as tais baterias. Tirou Guta da linha de tiro.

Sei que fui inconsequente seguindo aquele comboio de ônibus numa área desprotegida onde outros jornalistas já haviam sido assassinados. Tive medo. E entendi que o medo é nossa melhor proteção contra o perigo. Ser competente e bem-sucedida não quer dizer nunca temer. O equilíbrio também é fruto da balança entre medo e coragem. O fracasso está na paralisia, não no medo, que é um aliado, se bem administrado.

Acabamos sendo escoltados de volta à estrada principal por tanques sérvios, com uma excelente reportagem na bagagem. Mas nem por dezenas de outras matérias assim eu correria o risco de novo. Hoje cuido bem de mim e dos amigos que tenho. Como a Guta.

AFEGANISTÃO

Na viagem ao Afeganistão eu era outra repórter. E outra mulher. Mergulhei numa pré-produção detalhada. Durante um ano li tudo que apareceu na minha frente sobre o país. Virei uma especialista. Dados históricos, geografia, diferenças étnicas, sabia tudo de cor. A certa altura, tinha o mapa do Afeganistão na cabeça em contornos mais cristalinos que o do Brasil. Coisa de gente com TOC. Anos de análise me ensinaram, mais tarde, que o transtorno obsessivo compulsivo, na versão leve, pode até ser uma vantagem competitiva. Um fardo que nos consola das agruras da solidão compulsória. Obsessivos pensam muito.

E pensar é coisa que se faz sozinho. Mas, enquanto digeria pilhas de notícias sobre meu futuro destino e planejava as reportagens que faria, mesmo não tendo nenhuma evidência de que conseguiria chegar lá, eu construía um aprendizado concreto. A preparação já era parte da viagem. Um treinamento para a jornada em si e um conforto para minha ansiedade.

Nunca tive dúvidas de que entraria no Afeganistão. Hoje acredito fortemente nessa voz profunda que nos avisa que chegaremos, ou não, a algum lugar. Alguns a chamam de sexto sentido. Outros, de inteligência emocional. Eu, essa pessoa que quase materializa o conceito de racionalidade, chamo de experiência acumulada. Ela fica ali, fermentando em algum lugar do cérebro, latente, tentando obter algum crédito. E mesmo que nunca seja convocada para o debate estratégico sobre as grandes decisões, se manifestará quando for a hora. E fará valer sua autoridade quando percebermos que, ao final, a primeira sensação sobre alguém ou alguma coisa era a mais sensata. A definitiva. A linha traçada por nós mesmos antes que soubéssemos disso.

Paralelamente às pesquisas sobre o Afeganistão, eu traçava estratégias práticas para entrar no país. Durante meses fiz contato com representantes talibãs. Não darei detalhes de como cheguei a eles para preservar a identidade de pessoas que foram fundamentais no processo. Mas posso dizer que, muitas vezes, tive que recorrer a colegas homens para travar os primeiros contatos. Mulheres não eram dignas de confiança.

Depois de tomar o país com o apoio da maior parte da população, os talibãs começaram a atrelar seu poder a uma interpretação radical do livro sagrado dos muçulmanos, o Corão. De acordo com essa visão, mulheres tinham de permanecer sob o poder de um homem e jamais sair de casa desacompanhadas ou descobertas. A burca era parte obrigatória do vestuário. Elas não poderiam mais estudar ou trabalhar, pois, nessas circunstâncias, estariam expostas aos olhares masculinos. Até em hospitais elas tinham de ser atendidas por médicas mulheres, o que gerou uma situação impraticável. Ora, se mulheres não podiam trabalhar, como uma mulher poderia ser atendida por uma médica? A consequência era lógica. Mulheres morriam trancafiadas em casa, de doença e também de fome, já que as viúvas da guerra, sem ter quem as sustentasse e impedidas de trabalhar por dinheiro, foram deixadas à própria sorte.

Também era terminantemente proibido fazer fotografias ou qualquer outro tipo de registro. O culto à imagem era um sacrilégio. A ditadura teocrática em que o movimento talibã se transformou levou a população das grandes cidades do país a um estado de miséria e medo. Não apenas as mulheres, mas também os homens, com pouquíssimas oportunidades de trabalho — já que qualquer atividade comercial foi vetada, pois o lucro, junto com os bancos e as instituições financeiras, foi banido —, ficaram sem opção de renda. O negócio da droga proliferou. Os traficantes de ópio tornaram-se os banqueiros locais. Emprstavam dinheiro para que agricultores plantassem a papoula e garantiam a compra do ópio que se extrai da flor.

Conseguimos nossos vistos de entrada depois de dezoito meses de tratativas. A bem da verdade, não eram exatamente vistos. Recebemos de nosso contato talibã um cartão de visitas e alguns rabiscos em pashtun, o idioma falado por eles, no verso. Levamos o “bilhete” a um afegão exilado em Nova York, mas as frases que ele traduziu não faziam nenhum sentido para nós. Poderia ser um código. Ou poderia ser uma armadilha. De qualquer maneira, depois de tanto tempo estudando as relações entre eles,

considere que valia a pena tentar entrar no país. Inclusive porque entraríamos pelo Paquistão, onde gozaríamos de relativa segurança e havia uma embaixada do Brasil.

Islamabad, a capital paquistanesa, lembra Brasília. Os edifícios são baixos, as avenidas são largas, os endereços são códigos. Desembarcamos numa sexta-feira e fomos recebidos pelo guia e tradutor que entraria conosco no Afeganistão assim que recebêssemos os vistos. Foi uma decepção. Nos primeiros minutos sabíamos que, com ele, a viagem não funcionaria. O homem não tinha nenhuma afinidade com coberturas jornalísticas. Nos contatos telefônicos e por e-mail eu já desconfiava disso mas, pessoalmente, o problema ficou evidente. Teríamos de encontrar outro guia. E rápido.

Do aeroporto fomos direto para a embaixada da República Popular do Afeganistão, país não reconhecido pela maioria das nações do mundo. A sorte estava a nosso favor, embora nem desconfiássemos. O local estava fechado. Sexta-feira é dia de orações para os muçulmanos e a embaixada só seria reaberta no domingo. Isso significava que teríamos que ficar por mais dois dias, pelo menos, presos em Islamabad, sem nem saber se nossos passaportes seriam carimbados.

Foi aí que conhecemos Nadja Mattoso. E Kamal. Nadja era a faz-tudo da embaixada do Brasil em Islamabad. Era o braço direito — e também o esquerdo — do então embaixador do Brasil, Abelardo Arantes. Uma mulher que transpirava iniciativa, rainha dos contatos entre pessoas. Alegre, dinâmica, inteligente. Um presente. Algumas pessoas, muitas pessoas, foram desinteressadamente importantes em minha vida. Nadja é uma delas. A funcionária do Itamaraty inventou, sem motivo aparente, uma festa na casa onde morava. Marcou para o dia seguinte, o sábado. Convidou todas as pessoas que conhecia que poderiam nos dar alguma informação sobre nosso destino. Kamal estava lá. Jornalista formado nos Estados Unidos, Kamal é um paquistanês da etnia pashtun. Isso quer dizer que ele fala o idioma, conhece os costumes e, fisicamente, é muito parecido com os talibãs. Nadja nos confidenciou, ao pé do ouvido, que Kamal entrava no Afeganistão vez por outra, e saía de lá cheio de riquíssimas reportagens sobre o país. Eu, que acompanhava havia meses todas as tentativas de incursões à região, entendi imediatamente que aquele era “o cara”. Se íamos mesmo pisar em solo afegão, teria de ser com Kamal. E assim foi.

A decisão de abandonar o guia originalmente escolhido e contratar o que me pareceu oferecer mais segurança e experiência foi determinante. Depois de cinco dias de filmagens clandestinas em Cabul, a capital do Afeganistão, os “fiscais” do governo talibã começaram a desconfiar de nós. Pediram para ver tudo que havíamos captado até ali. Orientados por Kamal, mostramos duas fitas em que não havia nada proibido e adiamos a exibição do material restante para o dia seguinte. Havíamos assinado documentos que estabeleciam as condições para a presença de jornalistas estrangeiros no país. Não poderíamos filmar nenhum cidadão. Não poderíamos entrar na casa de nenhum cidadão. Não poderíamos conversar com ninguém. E não poderíamos deixar o hotel sozinhos. Durante toda a estadia, teríamos de ser acompanhados por um representante talibã. A pena por desobediência começava em prisão e terminava em fuzilamento público.

Na noite em que prometemos levar todas as fitas de vídeo às autoridades fizemos as malas e fugimos de Cabul. Kamal usou um turbante preto, como os talibãs faziam e colocou um adesivo da ONU no vidro do carro em que nos deslocávamos.

Cruzamos os postos de checagem fingindo ser representantes das Nações Unidas, escoltados por um talibã. Fomos em direção ao sul, pelo deserto, até a cidade de Kandahar, onde Kamal tinha amigos que nos protegeriam. Quando nos procuraram no hotel em Cabul, no dia seguinte, já estávamos longe. Num país com a infraestrutura totalmente

destruída, eles não conseguiriam nos localizar.

Passamos duas semanas cruzando o país tomado pelos talibãs numa incursão calculada e bem-sucedida. Corremos riscos? Sim, é claro. Mas em nenhum momento cogitei não sair dali com minhas preciosas fitas documentando os flagrantes atentados aos direitos humanos cometidos pelos talibãs. Filmamos, com câmeras escondidas, escolas clandestinas de meninas, mulheres obrigadas a usar a burca, cooperativas de mulheres que faziam trabalho artesanal em busca de renda para se manterem vivas. Foi uma cobertura tão impactante quanto sóbria. Não havia por que exagerar diante do ineditismo do material e da eloquência das histórias. Revejo as reportagens e ainda as considero valiosas. Nenhuma emissora do mundo cobriu tão bem aquele momento histórico — e não vejo por que usar aqui uma falsa modéstia.

Depois de catorze anos de profissão, foi no Afeganistão que me tornei uma jornalista completa. E não foi um acaso. Havia uma pré-produção detalhada. Havia uma equipe competente. Havia sensatez. Havia uma profissional completa e não uma camicase da notícia. Havia uma mulher madura.

No fim da viagem, já no sul do país, cobrimos o drama da seca na região desértica do Rajastão. Desde 1998, populações nômades locais enfrentavam a maior estiagem já registrada no país e os grupos de ciganos giravam em círculos tentando achar ajuda ou água. Finalmente, éramos eu e os ciganos. Os redemoinhos de poeira, as tendas coloridas, os tecidos de seda e as mulheres enfeitadas por colares e tatuagens me traziam de volta aquela infância quase irreal no planalto central do Brasil. Muçulmanos costumam ser muito gentis como anfitriões; mesmo não tendo nada, dividem o que restou com os visitantes. Quiseram matar uma galinha magra para nos oferecer uma canja. Não aceitamos, embora isso tenha parecido rude a eles. Os homens me contavam da nobreza de seu passado e das dificuldades em manter seus costumes diante dos rigores da natureza. As mulheres, secas, misturavam água e farinha para alimentar as crianças. Boa parte dos rebanhos definhou. Havia poucas cabras, galinhas e camelos. Ofereceram-me um dos animais. Um camelo esquelético e sarmento.

Eu poderia ter seguido os ciganos. Os nômades kochi. Eu bem poderia ter ficado ali sonhando com algum oásis esperando por mim atrás dos montes baixos de areia e pedras. Ardendo a febre contente da falta de perspectivas. E poderia até ter gostado disso. Fantasio sobre se não teria optado por um caminho parecido em outro momento da minha vida. Mas ali eu já não era mais a menina da janela. Eu desejava o que jamais havia sentido e, sem querer, planejava o que jamais havia imaginado. Deixei para trás grupos nômades, o presente que me ofereceram e a menina infeliz da janela. Deixei o Afeganistão com a maior conquista da minha vida. E ela não está naquelas fitas de vídeo, está dentro de mim.

Voltei para Nova York exausta, mas com um sentimento profundo de paz. Precisava fazer as malas para voltar ao Brasil. Já havia aceitado o posto de âncora do Jornal da Globo e transitava entre as sensações de dever cumprido e de quero mais. Estava saudosa do que passou e feliz pelo que viria. As duas coisas nunca se misturaram em mim. Às vezes — no meu caso, muitas vezes — a gente só descobre a felicidade quando ela já passou.

É preciso maturidade para diferenciar a felicidade de uma alegria qualquer. A felicidade é mansa. Não faz barulho, mas ao mesmo tempo é farta. Quando chega, ocupa um espaço danado. Apesar disso, a gente quase não repara que ela está ali. Se chamar a atenção, não é ela. É euforia. Ou um reles frenesi. A felicidade é discreta, inimiga da ansiedade que nos acompanha quando estamos muito inseguros ou somos muito jovens. Ou ambos.

Desde Nova York, por causa de Luciana, a carioca do Alasca, estudo muito a felicidade. Sei que é complicado reconhecê-la de cara. Em geral, tenho mais facilidade em perceber que fui feliz depois. Do futuro, olho o passado e reconheço: "Nossa, como eu fui feliz naquela época". No presente, posso andar por aí, feliz da vida, e nem saber que estou nesse estado.

Acumulei, contudo, algumas pistas — e tenho melhorado bastante. A felicidade de verdade, quando vem, não vem de passagem. Não dura para sempre mas dura um tempinho. De uns tempos pra cá, dei para fazer uma lista de momentos felizes que tive. Ter morado em Nova York certamente foi um deles. E credito parte dessa felicidade a ter errado no Kosovo, a ter acertado no Afeganistão e a ter conhecido Luciana. Ter entendido seu amor desinteressado, completo, quase servil, no bom sentido. No melhor sentido.

Sei lá quantas festas dei naquele apartamento do primeiro andar em Nova York. Luciana, que se transformou em amiga da minha alma, participou de uma dessas reuniões quando estava de passagem pela cidade. Muitos amigos, bons amigos, participaram das reuniões do primeiro andar. Mas mesmo quando estava sozinha eu festejava. No inverno, o condomínio enfeitava as árvores em frente ao prédio com luzinhas douradas e eu ganhava árvores de natal instantâneas. A neve se depositava nos galhos secos e eu estava numa casa de vidro nas montanhas. Abria um bom vinho tinto e brindava à vida ao som de "Baby, It's Cold Outside". No verão, o ar-condicionado funcionava a toda. Eu acompanhava, fresquinha, os veleiros dos ricos descendo o East River como se estivesse na varanda de um sobrado em Angra dos Reis. Abria um champanhe gelado e brindava à vida ao som de Bebel Gilberto. Minha casa em Nova York nunca teve cortinas.

5. Vamos falar honestamente?

Eram cerca de duzentas mulheres na plateia. Não foi dos maiores públicos que já enfrentei, mas certamente era um dos mais exigentes. As integrantes do MEX, o Espaço Mulheres Executivas do Paraná, são profissionais experientes e maduras. Trabalham em grupo, voluntariamente, para que as empresas instaladas no estado invistam em seu capital humano feminino com ações e programas voltados à condição da mulher executiva.

Falei de mulheres. Falei de mim também. De como meu percurso está inserido na história da minha geração. Narrei todas as dúvidas que tive entre investir na vida pessoal, investir na carreira e investir em mim, na pessoa Ana Paula, e em que ordem de prioridade eu fiz minhas escolhas. Demonstrei quanto, em vários momentos diferentes, minhas angústias não encontravam eco nos locais onde eu trabalhava. E como é difícil dizer não sem que desmorone sobre você uma pressão imensa, uma avalanche de cobranças e um acesso de culpa. E que, afinal, seguir sua prioridade naquele momento é a atitude mais honesta que cada uma pode ter consigo.

Honestidade deveria ser um conceito simples, reto, claro. Ninguém precisa abrir um dicionário para saber o que ela é. Mas a vida real projeta sombras justamente naquilo que deveria derramar luz. Sua vida é honesta? Claro que sim, você não rouba, não mata. Não mente? Não, a não ser que seja necessário. Uma mentira necessária é menos ou mais honesta que uma mentira premeditada? Depende do interlocutor? Aquele chefe para quem você está devendo um relatório pode engolir a mentira necessária porque, no fim, ele terá o relatório e será um trabalho bem-feito. Certo? O trabalho só não ficou pronto porque você estava cansada demais naquele dia depois de uma noite toda acordada com o caçula ardendo em febre. Certo? A honestidade, nesse caso, apesar de correta, seria menos palatável? Mais simples dizer que os dados da matriz não chegaram a tempo? O marido precisa mesmo saber que você chegou tarde porque estava terminando o relatório atrasado? Talvez a rotina conjugal fique mais leve se você disser que encontrou com a Patrícia na saída do escritório e que ela estava tão deprimida que você decidiu dedicar algumas horas a uma amiga querida. Sim ou não? Quando o filho pede “Mamãe, não vai...”, você diz que não vai, se esconde e depois some? Ou vai, mas diz que volta rapidinho, sabendo que serão sete dias de reuniões fora do país? Aquela honestidade de que falávamos não parece mais labiríntica agora?

Ser 100% honesto com os outros é um desafio. A mentira social é razoavelmente aceitável. A inversão nessa curva é quando a honestidade começa a ser um conceito frouxo para você. Você é honesto consigo mesmo? O tempo todo? De que instrumentos você precisa para praticar a honestidade? Saber o que quer e o que não quer? Do que gosta e do que não gosta? Quais são os seus limites? Mentir — de levinho — para atender as expectativas do outro em relação a você pode ser prático e confortável. Afinal, temos tanta coisa para fazer. E é tão mais difícil explicar tudo que aconteceu... Mas mentir para si mesmo é o ponto de largada numa corrida de cem metros rasos para a infelicidade. Mulheres tendem a saber o que se espera delas. E tendem a entregar essa expectativa. Não será preciso muito tempo para que, das 24 horas do seu dia, restem apenas poucas migalhas de minutos para você. E mesmo nesses instantes você estará tão cansada que não admitirá a desonestidade. A infelicidade vai latejar. Vai doer um pouco. Mas você já aguenta tanta coisa. Uma dorzinha a mais... O tempo cura!

O TEMPO E A CULPA

Tempo, todo mundo sabe, é uma questão de prioridade. O difícil é estabelecê-las. Tenho ministrado palestras como essa, em Curitiba, pelo menos duas vezes por semana, fazendo alterações de acordo com o público e com os dados atualizados das pesquisas que encomendo. Ganhei muito em performance de palco — afinal, passei a vida falando para uma lente e não para pessoas na minha frente. Como já admiti muitas vezes, sempre fui mais tímida do que gostaria e vencer essa barreira é um exercício diário. Agora, durante as apresentações, não me distraio e já nos cinco primeiros minutos entendo a plateia e passo a falar para ela. Mas naquele dia, em Curitiba, um fato me desconcertou. Uma daquelas convidadas, sentada à esquerda do palco lá pela sexta ou sétima fileira, começou a chorar. Não conseguia conter as lágrimas e enxugava os olhos o tempo todo. E as lágrimas continuavam vindo. O que quer que eu tenha dito falou direto ao coração daquela mulher. Fiquei atordoada. Passei a fazer contato visual com ela numa tentativa de consolá-la. Quando terminei a apresentação tirei muitas fotos com cada uma das executivas. Recebi muitos abraços, muitos cumprimentos, flores. Foi uma manhã inspiradora para todas nós. E aquela mulher também veio falar comigo. Abracei-a e perguntei, baixinho:

“Você se emocionou tanto... por quê?”

A resposta foi perturbadora.

“Chorei porque entendi que não estou sozinha. Muitas vezes me senti única nas minhas angústias, na minha ansiedade e na minha culpa. Culpa por não corresponder ao que a empresa esperava de mim, que eu fosse uma funcionária 100% presente. Mas eu sinto que também quero ser mulher, mãe, amiga. Não tenho tempo para tudo isso. E agora eu percebi, na sua palestra, que não sou só eu. É toda uma geração de mulheres permanentemente culpadas sem nem saber o porquê.”

Aquele desabafo sacudiu alguma coisa dentro de mim. Falar sobre minhas próprias dificuldades e sobre todas as vezes em que tento ser honesta comigo aproximava as ouvintes das mesmas. Pouco tempo antes estive em Belo Horizonte para outra apresentação. Dessa vez eram diretoras e diretores da área de recursos humanos de empresas mineiras. Também no final, uma dessas executivas veio falar comigo, visivelmente tocada.

“Ouvir você dizer que há tantas mulheres no Brasil e no mundo que querem ser

mais equilibradas me confortou, Ana Paula. Quando estou trabalhando e meu filho está doente, fico muito dividida entre estar com ele ou estar na empresa. Mas nunca tive coragem de dizer isso aos meus chefes. Sentia que não era correto. Agora sei que não preciso me sentir tão culpada por isso.”

O que será que empresas como a dessa executiva esperam de nós? Que sejamos pessoas-produtivas-e-não-honestas, pessoas-incrivelmente-produtivas-que-vivem-unicamente-para-a-empresa? Ou pessoas de verdade? Afinal, mulheres são tanto mais interessantes quanto mais universos, curiosidades e conexões conseguem costurar em torno de si. Mas é claro que cada uma de nós precisa selar consigo mesma o pacto da honestidade.

Todas nós temos nossos momentos. Regra geral, há três tipos de relação entre a mulher e sua carreira. A primeira é a da mulher que adia a vida pessoal em nome de uma evolução mais rápida no trabalho. Há riscos nessa escolha: o tempo pode engolir qualquer projeto pessoal, a maternidade pode não acontecer, a mulher pode se acostumar tanto com a rotina intensa que talvez não seja capaz de, mais tarde, desacelerar. A segunda opção que algumas de nós fazemos é não crescer na carreira. A mulher alcança uma posição média, confortável o suficiente para ter tempo de criar os filhos e investir na relação com marido e amigos. Será preciso dizer não às promoções, aos aumentos de salário e ela pode até ser “esquecida” pela empresa, que já não a vê mais como opção para projetos ousados. No Brasil, o que tenho visto com frequência é a terceira via: mulheres que acabam saindo da corporação para abrir um negócio próprio, ou que trocam de emprego na tentativa de ser mais honestas consigo mesmas. Às vezes um projeto profissional novo é o espaço que elas precisam para ser mães, companheiras, amigas e viver todos os aspectos de sua vida em período integral, honestamente.

Almocei um dia com a diretora de redação da revista Claudia, o veículo impresso que há tanto tempo representa os desejos e prioridades da mulher brasileira. Ela assumira o cargo havia pouco tempo. Paula Mageste me contou um episódio que tocou meu coração.

“Eu estava em casa de manhã quando ouvi minha filha ler sua primeira frase completa. Eu estava lá. Eu ouvi! E isso não tem preço.”

Acho essa história gostosa, de mãe coruja. Pareceu-me tão bela pelo contraste com tantas outras que já ouvi na vida sobre mães que não tiveram tempo para ver os primeiros passos de seus filhos, as primeiras gargalhadas, os primeiros medos. Paula é uma pessoa madura que perseguiu, em sua carreira, uma situação de conforto para a mulher que ela é, em todos os seus aspectos.

Esse é meu principal interesse hoje. Buscar a honestidade dentro de mim e vê-la emergir no outro. Todos nós somos pessoas complexas. Homens e mulheres. A complexidade masculina, no entanto, tende a ser mais homogênea. A feminina está atrelada a mudanças muito radicais num curto espaço de tempo. A rotina nos faz perder a perspectiva histórica dessa revolução. Dediquei anos ao estudo do comportamento feminino. Queria conversar com as mulheres e, para isso, precisava entendê-las. Comecei por mim e continuei. Por fim, montei uma empresa para dialogar com mulheres. A Tempo de Mulher, segunda empresa que abri em menos de uma década. Mas antes de me tornar empreendedora, eu ainda teria uma longa e desafiadora jornada pessoal.

Empreender sempre esteve nos meus planos. Eu só não sabia se seria capaz. Este é um drama pelo qual todo empreendedor passa: "Será que eu consigo?". O primeiro passo, para mim, veio mais como oportunidade que como decisão.

Ter remontado o departamento de jornalismo do SBT, logo depois que deixei a Globo, em 2005, me trouxe lições poderosas. Contamos com a ajuda de todos os departamentos da emissora. Foi uma grande união envolvendo várias áreas, do departamento comercial à assessoria de comunicação. Houve um importantíssimo esforço por parte do Silvio Santos para que todos trabalhassem pelo projeto. Foi necessário renovar equipamentos e estar em dia com as novas tecnologias. E, fundamentalmente, era vital restabelecer o relacionamento com as afiliadas da emissora no país inteiro. Pessoas são o mais importante. E elas precisavam acreditar e comprar a ideia.

A experiência ampliou de forma incalculável meus conhecimentos sobre todas as outras áreas que cercam uma empresa de mídia. De jornalista em tempo integral pulei para o estágio de gestora de um grande projeto. Precisei conhecer a diferença e o impacto entre escolher este ou aquele equipamento, os diversos tipos de transmissão via internet, e, acima de tudo, o peso que este ou aquele apresentador pode ter no faturamento de um telejornal. Como é fácil deduzir, performance não é tudo na TV. Aliás, é só uma pequena parte do bolo. Digamos que ter experiência e carisma só fazem você entrar no jogo. Mas o que realmente vai dizer se uma produção terá ou não um bom retorno comercial é quanto as empresas patrocinadoras acreditam naquele apresentador. Quanto maior a credibilidade dele no mercado, maior o valor que as marcas pagam por um intervalo comercial naquele horário. O SBT tinha em mãos uma pesquisa que mostrava meu "valor de mercado" como um produto de TV. Foi só então que entendi o que minha amiga quis dizer quando comentou, no momento em que decidi mudar de emprego, que: "Agora você vai saber o tamanho que realmente tem". Bem, aparentemente eu estava bem no ranking comercial. Os anunciantes vieram em peso. A emissora estava bastante satisfeita e nós conseguimos montar uma rotina que sobrevive até hoje movida por outros competentes colaboradores do atual departamento de jornalismo.

Menos ingênua sobre o funcionamento do mercado como um todo, vi a chance de montar minha própria empresa. Depois de dois anos de bancada, pedi ao Silvio que executássemos a segunda parte do plano: eu queria partir para um programa semanal de grandes reportagens. Mas minha proposta continha ainda uma novidade. Eu queria produzir os especiais com minha própria equipe de profissionais, contratados por mim. Nascia a Touareg Agência de Conteúdo. Com um primeiro cliente forte, o SBT, começamos a operar em janeiro de 2007 e ao longo dos dois anos seguintes coproduzimos com a emissora 52 programas exibidos no SBT Realidade. Toda a pré-produção, produção, captação, edição e finalização era feita pela Touareg com equipamentos do departamento de jornalismo do SBT. Durante esse período, mostramos ao mercado corporativo nossa expertise em contar boas histórias com qualidade técnica e tempero jornalístico. O marketing de conteúdo começava a virar assunto nas agências de publicidade, e entre os anunciantes havia muita expectativa sobre uma nova maneira de mostrar a cultura em torno de um produto. Crescemos enveredando por este caminho do storytelling, algo que não era comum na época. Foi assim que aprendi a ser empresária. Na prática, aproveitando uma brecha de mercado e uma boa oportunidade comercial.

Era mais uma mudança na vida que eu mesma havia provocado. Construir a Tempo de Mulher foi um processo diferente. E que só se mostrou bem-sucedido pelo alicerce em conhecimento acumulado pela Touareg. Além de uma vasta pesquisa sobre comportamento

e tendências de consumo para mulheres, estudamos nossa concorrência e o momento do mercado. Não foi uma questão de oportunidade, como no caso da Touareg. Foi a realização de um desejo.

O PODER DO NÃO

Apesar de todo o ruído provocado pela minha decisão de deixar a Globo, a grande virada em minha carreira viria mais tarde e demandaria muito mais em termos de planejamento. Em 2009, quando meu contrato de quatro anos com o SBT chegava ao fim, achei que já era chegada a hora. Não era. Eu queria muito interromper meu período como apresentadora de telejornais diários. Queria mais tempo para investir em outras ideias e outros projetos. Mas imediatamente depois que se tornou público que eu não renovaria meu acordo com Silvio Santos, recebi três convites de três emissoras diferentes. Todos para a mesma função. Apresentadora de telejornal. Todas ofertas atraentes, tanto financeiramente quanto em condições de trabalho.

Era como se o mercado de comunicação estivesse dizendo não para os meus planos. Não, não queremos você fora da bancada. Sim, pagamos bem para que você continue fazendo o que faz. Senti-me frustrada e insegura. Conversei muito com alguns bons amigos e com Walter, meu marido. Ele disse a frase que me fez entender que eu não estava errada em meus desejos, mas talvez estivesse traçando mal minha estratégia:

“Se o mercado continua te chamando para a bancada dos telejornais é porque só vê você nesta função. Cabe a você mudar isso.”

Claro. Óbvio. Ouvir um não dói. Mas nos faz ponderar. Esse não significaria que eu estava errada em minha escolha? Não sei. Talvez eu não fosse mesmo capaz de realizar outro projeto. Talvez tivesse sido talhada apenas para aquela função. Ou talvez fosse uma sandice abdicar de tanto tempo investido numa carreira tão bem administrada para mergulhar em outro projeto que ainda era uma incógnita. Mas também é possível que eu estivesse traçando uma estratégia equivocada. O caminho direto do desejo é o mais curto, mas nem sempre o mais fácil. Às vezes é preciso fazer um desvio, ganhar tempo, planejar com cuidado o que se quer fazer. De novo, a honestidade. Ela é uma boa escolha, mas pode não ser uma trilha estável e pavimentada.

O não sempre foi recorrente em minha vida. Com recursos limitados para sustentar uma casa com três filhos, meu pai disse não para vários de meus sonhos. Ainda menina, estudante do colégio de freiras, em Brasília, vivia embalada pelo desejo de muitas crianças: ver a neve! Nas temporadas de inverno, uma agência de viagens era autorizada pela irmã-diretora a entrar nas salas de aula e distribuir prospectos de um passeio a Bariloche, na Argentina. História de contos de fadas para quem tinha doze anos e só havia chegado às praias do Espírito Santo.

Só conheci Bariloche e a neve numa viagem a trabalho, depois dos 26 anos. Na adolescência, a convivência com filhos de diplomatas naquela Brasília colorida de culturas me despertou a vontade de conhecer Londres. A Inglaterra também foi um plano adiado para muito mais tarde, quando minhas obrigações profissionais me levaram até lá.

Meu pai, apesar de ter uma alma liberal e de ter sido bastante tolerante com a filha, mostrou-se um especialista em dizer não nas pequenas coisas do dia a dia durante minha adolescência. Era uma espécie de alavanca de segurança. Na dúvida, diga não. Não às festinhas. Não aos acampamentos. Não, não pode passar a noite na casa da amiga. E sim,

só pode tirar mais do que oito em todas as disciplinas curriculares. Demorei pra perceber que falávamos idiomas diferentes. Os nãoos de meu pai eram um escudo contra os riscos do sim. Quantas vezes isso se repetiria em minha vida com outros interlocutores? Todos nós nos protegemos daquilo que mais tememos. No caso dele, o medo de errar na educação da filha. O fracasso. Os nãoos do pai foram um estágio completo para outros nãoos que eu ouviria. E a cada um deles eu apenas ponderava se o que se escondia ali era maturidade ou insegurança. Generosidade ou ciúme.

Quando minha mãe costurava para mim, abríamos os moldes em papéis enormes e precisávamos entender onde estava o desenho da manga, que ficava em cor diferente sobre o desenho da parte da frente da camisa, que também se sobrepunha ao desenho do punho. Um quebra-cabeça de linhas e pontilhados que, no fim, formava uma roupa. Mesmo nunca tendo sentado diante de uma máquina de costura, enquanto estudava aqueles pedaços de pano cortados aprendi que os tecidos em viés têm um caimento muito melhor. Eles ganham movimento, graça, ficam mais fluidos. Pessoas em viés são igualmente especiais, mas para que a comunicação se estabeleça com elas, alguém tem de ceder. E compreender. Não tenho ódio diante do não. Tenho, sim, muita curiosidade. De onde veio esse não? O que ele significa?

Um gigantesco não veio a meu encontro antes da maturidade. E poderia ter mudado a minha vida. Ainda como repórter iniciante na TV Brasília, e mesmo não tendo como meta abraçar a telinha, fiz o que todo jornalista jovem tentou naquele momento: uma vaga na TV Bandeirantes, a nova sucursal que abria recentemente em Brasília. Na porta do escritório, filas de jornalistas recém-formados entregavam suas fitas VHS (alguém se lembra disso?) para avaliação daqueles que desembarcavam no mercado brasiliense. Eu era uma dessas aspirantes à vaga. Deixei meu material e fui orientada a voltar em uma semana.

No dia D lá estava eu, entre confiante e amedrontada, sentada na frente de uma mulher com cara de brava, mas que foi, devo dizer, bastante cordial comigo. Ela me disse que havia avaliado meu material com atenção e que tinha um conselho a me dar:

“Menina, desista da TV! Você nunca será uma repórter de televisão. Não quero dizer com isso que você não possa ser uma jornalista num veículo impresso, ou mesmo no rádio. Mas você não foi feita para o vídeo. Nunca será. Estou dizendo isso para o seu próprio bem!”

Não, eu não chorei nem me desesperei. Como a TV não estava em meus planos, ouvi e assimilei o não conformada. Cinco meses depois, sem que eu fizesse um único gesto nessa direção, recebi um convite e fui contratada pela Globo. Destino? Prefiro acreditar que nem todo não é absoluto. E que não há unanimidades. Nada é definitivo. Confiar na opinião de pessoas mais experientes é louvável, mas nem sempre elas têm 100% de razão. Confiar na própria intuição, ter capacidade crítica e optar por um atalho quando a estrada principal parece bloqueada exige paciência, humildade e resiliência. Atributos preciosos na vida — e no trabalho.

Contei essa história ao dono da TV Bandeirantes. Num almoço agradável, Johnny Saad riu muito da situação e perguntou se poderia arriscar um palpite: “Vou dizer a você agora o nome da editora que rejeitou seu material!”. E disse! Ele estava certo! Um quarto de século depois ele sabia identificar quem, entre seus funcionários, cometeria aquela avaliação. Sinal de que julgamentos incongruentes podem ter sido um traço na personalidade daquela profissional. Ou seja, o não que poderia ter me derrotado não era fruto da minha inadequação ao mundo da TV.

Houve outro não essencial na trajetória da minha carreira. Quando comecei a me interessar pela história do Afeganistão, consegui o contato de um talibã clandestino. Eu morava em Londres naquela época. Era correspondente e estava determinada a botar a mão num visto de entrada no país. Foi mais ou menos assim.

Estávamos num restaurante recém-aberto na cidade. O pessoal da TV: alguns colegas jornalistas, produtores, esposas. Um deles me perguntou, casualmente:

“Que reportagem você mais gostaria de fazer nesse seu período como correspondente internacional, Ana?”

E eu, casualmente, respondi:

“Quero entrar no Afeganistão.”

Constrangimento. Silêncio. Olhares. Um risinho. E o comentário que definiu os próximos meses da minha vida. Feito por um colega. Um homem.

“Desista, querida. Uma mulher no Afeganistão? Os talibãs jamais te darão um visto. Você não vai conseguir. E, além de tudo, seria muito perigoso.”

A combinação das palavras “desista”, “jamais” e “perigoso” teve um efeito bumerangue em minhas emoções. Ela veio e voltou, na mesma velocidade, em sentido contrário. Se não é pra ir, é pra lá que eu vou, decidi. Na hora. Foi um balde de certeza despejado em minha cabeça. Lembro do lugar. Das pessoas. Da posição em que estavam na mesa. Das roupas que vestiam. E sinto, como se fosse hoje, o mesmo arrepio de convicção. Eu entraria naquele país e sairia de lá inteira e com várias imagens na bagagem. Foi o que eu fiz.

Não há como negar que os não da minha vida mais me ajudaram do que atrapalharam. O que me intriga até hoje é que, no momento daquele comentário, eu não tenha dito nada. Calei. Sorri, até. Como se aquele fosse um bom conselho e eu devesse segui-lo. Se fosse hoje, talvez eu agisse diferente. Aprendi que não estou num concurso de Miss Simpatia e que posso reagir ao que considero um descrédito à minha pessoa. Na época eu era uma quase menina e interpretei como um atestado de incompetência o que pode ter sido simplesmente uma sugestão ajuizada de um colega. Ainda assim me senti ofendida. O conselho soou como uma demonstração de machismo disfarçada de preocupação. Talvez seja força do hábito desmerecer a ousadia, a coragem e a impetuosidade do outro, principalmente quando vêm de uma mulher. Afinal, o que é a piada machista senão uma diversão aceita culturalmente?

O FIM DO MACHISMO?

Não é raro as mulheres terem de enfrentar piadas machistas no ambiente de trabalho. É ainda mais comum que os autores das piadas achem tudo isso muito natural. Numa reunião de conselho de um grande banco mundial presente no Brasil, a única mulher à mesa, a diretora de recursos humanos, ouvia calada. Os homens iam chegando, tomando seus lugares e entrando na conversa. O tema era um rosário de gracejos sobre loiras burras e outros estereótipos femininos. Ela mesma me contou que, quando perceberam sua presença, os demais diretores perguntaram, ainda entre gargalhadas:

“Você não liga, não é? Você já tá acostumada com nosso senso de humor...”

A resposta de minha amiga é a de quem já pensou bastante sobre o assunto e não

vê mais razão para compactuar com aquilo que acha repulsivo. Ela é uma das honestas.

“Não ligo, imagine! Eu apenas gravei tudo aqui no meu celular para mandar para as filhas de vocês. Vou enviar também um bilheteinho recomendando a elas que torçam bastante para que seus futuros colegas de trabalho sejam diferentes de seus pais. Assim elas jamais terão que passar pelo que eu passo aqui.”

Alguns de vocês acharão a reação exagerada. Outros vão considerá-la justíssima. O que me ocupa a cabeça, no entanto, não é a reação da mulher diante do fato. O que me afeta e me impressiona muitíssimo é a repetição do comportamento masculino em relação à mulher. Mesmo que seja só uma piada. Nós nos adaptamos, respondendo no mesmo tom ou calando e fingindo que já não nos importamos. Eles, não. Não mudam. Não cedem. Não nos enxergam como iguais quando fazem esse tipo de comentário em nossa presença.

Em minhas tentativas de decifrar o comportamento feminino, tive acesso a uma incrível rede de segmentos interessados na mulher. Nos últimos anos, empresas de coaching para mulheres executivas surgiram em grande quantidade. Cada uma tem uma determinada expertise. Um método de mudança de comportamento que facilita a formatação da carreira. Uma avaliação de características individuais que podem atuar contra ou a favor da mulher na escalada profissional. Comum a todas as consultorias é a promessa de que, sendo mais confiante e segura, a mulher terá chances maiores de chegar aos cargos mais altos das empresas.

Certa vez, um desses consultores de carreira afirmou, numa conversa comigo, sem nenhuma fagulha de desconforto, que: “Algumas mulheres acham que, se estão numa festa da empresa, na mesa dos homens, podem se comportar da maneira como eles se comportam. Se eles falam palavrão, elas podem falar também. Eu digo que falando palavrão com colegas de trabalho, elas só vão poluir a imagem que a empresa tem delas”.

Imaginem minha cara ouvindo isso. Fiquei ali tentando digerir o que aquele consultor de carreira, um homem experiente que durante muitos anos foi presidente de grandes corporações, pensava de fato sobre nós e sobre “coaching de carreira”. Quer dizer então que para ser uma boa funcionária para a empresa a mulher tem de seguir o modelo “boa moça para casar”? Aquele tipo que não fala palavrão e, pior, fica corada quando colegas de trabalho usam esse tipo de “linguagem não apropriada” em público? É claro que falar o que vem à cabeça atrapalha. Afinal, o trabalho não é uma rede social onde o público e o privado se confundem e se anulam. Mas levar o personagem “boa moça” para o trabalho também não fará nenhuma de nós feliz, além de só contribuir para os estereótipos que nos aprisionam há séculos.

Cada vez mais acredito que não há “faça isso” ou “não faça aquilo” na construção de uma carreira em equilíbrio com a vida pessoal. Honestidade é uma bandeira permanente e, se hasteada em local visível em sua vida, será um termômetro confiável para tomar decisões. Aprender a ouvir um não e não desviar da sua intuição é sinal de esperteza. Códigos são importantes, como eu disse antes, mas apenas para que você se proteja da ignorância sobre eles, o que poderia trazer muitos prejuízos. Esses códigos, no entanto, não devem jamais ser disfarces de quem você é. Usar o personagem público é uma estratégia eficiente para evitar enfrentamentos. Não conseguir sair do personagem é loucura e gera infelicidade.

Sim, todas nós sofremos um pouco por não ser queridas o tempo todo. Mas todo mundo sabe que a unanimidade é uma chatice, não é? O belo é a diversidade, que se manifesta em formatos menos ou mais adequados à nossa personalidade. Se todos

gostassem do vermelho, o que seria do pobre amarelo? O que precisamos é de sensatez para usar quem somos a nosso favor. E nunca nos afastar da honestidade de sermos nós mesmos. No fim do dia, bom senso, malícia, honestidade e ética são nossos melhores conselheiros. Se você é extravagante, uma parte de você se exibirá no trabalho. Se você é tímida, sua natureza discreta vai suplantiar o desejo de ser um pavão corporativo. Se você é bonita, tentar se enfeiar não mudará a lógica da carreira. O preconceito se manifesta onde menos se espera.

Uma colega executiva, diretora de uma empresa mundial de consultoria, confessou-me outro dia — entre envergonhada e corajosa — que desconfiou de uma nova funcionária da empresa, bonita demais para ser tão inteligente. A moça havia ganhado a promoção na metade do tempo de outras contratadas. E, além disso, era solteira. Saía com quem bem entendesse. Escolhia o que fazer de acordo com seu humor. Desfilava sua felicidade na passarela das colegas de trabalho cinquentonas e frustradas com casamentos cansados, aqueles que de segunda a sexta não saem do sofá.

“Provoquei uma reunião em que ela precisava estar presente. Queria confrontá-la. Queria saber se, além de linda, bem resolvida, intensa e ainda por cima discreta, ela era preparada para o cargo que estava assumindo. Sei que fui cretina. Mas eu tinha que saber.”

Felizmente, minha amiga teve uma lição de solidariedade de gênero. E foi esperta o bastante para aproveitá-la. A bonitona tinha uma cabeça cheia de boas ideias e conhecia os caminhos para concretizá-las sem traumas para a empresa onde trabalhava. Não usava nada que a deixasse excessivamente sedutora, mas nem seria preciso. A moça exalava sedução — e isso transparecia. Não fazia comentários sobre a vida pessoal, sabia-se livre para as próprias escolhas e fazia bom uso dessa segurança tão rara entre nós, mulheres. Enfim, minha colega, a que me contou tudo isso, tinha inveja da companheira de trabalho. E eu também tenho, confesso.

O drama da culpa, inadequação e desonestidade pode ser apenas uma questão atrelada à minha geração. Espero profundamente que dentro de 25 anos, o tempo de uma geração, estejamos falando sobre outros temas. Jovens como a bonitona da empresa de consultoria cresceram vendo mamãe e papai trabalharem. Cresceram vendo mamãe e papai se respeitarem. Cresceram dividindo com o irmão a responsabilidade sobre fazer a cama e lavar a louça todos os dias, sabendo que têm tanto poder sobre seu corpo e suas escolhas quanto o irmão, sabendo que as diferenças entre eles só os fazem parceiros nos desafios da sobrevivência. Sejamos, portanto, generosas com nossas filhas. Vamos dar a elas o que não tivemos: armas para montar e domar a insegurança. E fazer isso com o máximo de charme possível. Afinal, somos ou não mulheres? Nem sempre nos permitimos ser.

Em um dos seminários para mulheres promovido pela segunda empresa que fundei, a Tempo de Mulher, discutiu-se se a profissional tem que ser considerada brava para ser respeitada. O presidente da Renault do Brasil, Olivier Murguet, disse que “pode parecer que elas são bravas, mas é que elas não têm tempo para gastar com papinho”. Opinião muito parecida com a do presidente da Oracle, Cyro Diehl: “A mulher é prática, não gosta de gerúndio”.

De certa maneira, me impressionou e consolou ver quanto esses líderes de empresas no Brasil aprenderam a conhecer a alma da mulher que trabalha e todas as suas dificuldades na administração do tempo. Todos eles têm razão. Para dar conta de tudo, não nos permitimos cafezinho no corredor. O que é um erro estratégico. É ali que a maior parte das arestas empresariais é resolvida. É ali que a informação circula. E é ali que

poderíamos exercitar uma faceta que nos beneficia no jogo corporativo: a capacidade de compreender o outro, olhar para além do que ele diz e enxergar o que ele é. Estabelecer relações. Em resumo, uma frase desse painel de discussão me pareceu bastante sensata. E também veio de um homem, o presidente da Unilever Brasil, Fernando Fernandez: "Não queremos a bravura do jeito masculino, mas sim do jeito feminino".

UM CAMINHO FEMININO

Queriam-me na bancada. Apresentando telejornais. Eu não queria a bancada. Não estava sendo honesta comigo apresentando telejornais. O não do mercado, no entanto, como o não ao Afeganistão, apenas me empurraram para uma estratégia distinta a fim de atingir meu grande objetivo: ser fiel a mim.

Depois de deixar o SBT aceitei o convite da Record para apresentar, durante quatro anos, o Jornal da Record, o principal telejornal da emissora. E seriam aqueles quatro anos. O contrato nem sequer previa algum tipo de extensão. Desde o início, eu e eles sabíamos que seria apenas aquele período. E foi um tempo muito interessante para que eu estruturasse, com muita pesquisa, meu novo negócio. Esses quatro anos foram muito produtivos também no que se refere a outro objetivo meu: conhecer e me aproximar da mulher da nova classe média brasileira. No Jornal da Record eu estava mais perto de um retrato fiel dessa mulher. As reportagens levadas ao ar refletiam o dia a dia das famílias menos abastadas, moradoras dos bairros periféricos das grandes cidades. Dessa forma, minha imagem também ganhou em transversalidade. Eu, que havia consolidado minha carreira com uma superexposição junto às classes A e B, atuando principalmente na cobertura de assuntos de interesse desse segmento da população, como macroeconomia, política e coberturas internacionais, precisava chegar mais perto da mulher que, na minha opinião, decidirá o futuro do Brasil.

A passagem pelo SBT havia começado essa aproximação. Mas foi na Record que, viajando por vários estados e preparando inúmeras reportagens sobre saúde pública, educação, moradores de rua, segurança, presídios, drogas e outros desafios brasileiros, ganhei intimidade com as aflições da nova classe média brasileira. Não poderia prever que isso aconteceria. Mas isso também faz parte da evolução na carreira. Ela não se faz sozinha. Tem de ser planejada. Só que às vezes esse planejamento inclui, além das ambições pessoais, as circunstâncias do momento. É aí que a sorte, como diria meu irmão, ajuda.

Tereza Kitty, vice-presidente da Hewlett Packard Software no Brasil, conta uma passagem interessante sobre como o planejamento de carreira pode transformar desvantagens em vantagens. Durante o período em que trabalhou na IBM, nos Estados Unidos, ela teve um mentor que a ajudou a traçar metas para o futuro. E foi ele quem chamou a atenção da executiva para o momento em que um não pode se transformar num sim!

É hora de você usar o fato de ser mulher e latina como uma alavanca, Tereza! Depois de tudo que você passou para chegar até aqui, de todos os pecados adicionais por ser mulher e brasileira, isso pode ser uma maneira de se destacar! Você é competente e conseguiu um currículo invejável. Agora, na disputa por um grande

cargo, essas dificuldades passarão a ser um atrativo nas grandes empresas que precisam mostrar diversidade em postos de comando!

Tereza sempre diz que, “no meio dos negócios, quando um homem entra em uma sala ele já tem credibilidade, a mulher ainda precisa conquistá-la”. Isso é jogar o jogo, e Tereza já tinha maturidade suficiente para aceitar as regras e usá-las a seu favor.

No meu caso, foi o que fiz naqueles quatro anos a mais na bancada. Aceitei o fato como um tempo de preparação e investimento. Quando entrei na Record, eu já desenvolvia pesquisas sobre as mulheres havia algum tempo e, acima de tudo, acreditava que existia uma oportunidade de mercado no diálogo com elas. E que eu poderia ser uma interlocutora adequada. Na emissora, mais próxima da mulher emergente, fui direcionando as pesquisas para entender melhor esse universo, até encontrar, na própria pesquisa, qual deveria ser o modelo do negócio, o espaço que poderia ser ocupado e que relevância teriam essas mulheres para qualquer empresa que quisesse fincar o pé num Brasil muito mais feminino.

Acredito verdadeiramente que é difícil falar do Brasil do futuro se não falarmos dessa mulher da nova classe média. A mulher que deixou de trabalhar meio período e agora passa o dia longe de casa. A mulher que ganha de quatrocentos a 1100 reais por mês. A mulher que movimentou, com sua renda, cerca de 1,2 trilhão de reais em 2013. Essa mulher, pela primeira vez, prioriza a educação de seus filhos e sua própria formação. Para ela, educar-se não é um gasto, é um investimento! E, inserida em novos contextos, ela precisa de repertório para se sentir cada vez mais incluída. A internet é, para essa mulher emergente, a grande forma de comunicação nos dias de hoje. É lá que ela troca informações, dá e recebe dicas das amigas, mostra sua opinião sobre produtos, marcas e fatos. De certa maneira, ela substituiu o convívio diário que tinha com sua comunidade por uma rede comunitária virtual.

A mulher brasileira dessa nova classe média é gregária, inclusiva, solidária e dinâmica. Mas é também mais conservadora e familiar. Sua renda, que em 2013 representava pelo menos 42% do orçamento doméstico, dava a ela um poder inédito. O poder de decidir quais seriam as despesas familiares e como elas seriam realizadas. Mas, ao contrário da mulher-ombreira dos anos 1980, ela não precisa, necessariamente, mostrar que é poderosa. Talvez nem tenha consciência desse poder. A harmonia do grupo é seu objetivo final. Para ela, o trabalho não é um fim em si mesmo mas apenas um meio para alcançar conforto e felicidade. Ela não luta por um cargo importante na empresa, ela luta para realizar sonhos repescados: o primeiro carro, a viagem ao exterior, o filho na universidade.

Essa mulher é maleável em seus relacionamentos. Ainda que sua renda seja maior que a de seu companheiro, isso não precisa virar notícia no bairro. Em 2013, uma das pesquisas da Tempo de Mulher apontou que em 77% dos casos as mulheres casadas ou que moram com um companheiro declaram que ele tem uma renda maior que a dela. Pessoalmente — e não tenho como provar isso com números ou dados de pesquisa — acredito que as mulheres das camadas mais conservadoras da população brasileira tendem a omitir determinados fatos, ou alterá-los um tantinho, para dar status ao marido. No caso específico dessa pesquisa, acho 77% um índice um tanto exagerado. Em pesquisas quantitativas, já conheci mulheres que apontaram o marido como chefe da família, mas que, na intimidade do lar, claramente tomavam todas as decisões importantes da casa. De um lado, essa é uma estratégia usada pela mulher para manter a família em equilíbrio. Outra interpretação possível é a de que a mulher se sinta pouco capaz de enfrentar a vida

sozinha pela submissão histórica a que foi submetida e tenha necessidade de contar uma mentirinha ingênua para não desarranjar os papéis sociais estabelecidos há séculos e repetidos pelas avós, mães e muitas vezes ensinados às filhas.

Acompanhei durante várias semanas a rotina de algumas dessas personagens corajosas, lutadoras, mas também muito suaves, ainda não inteiramente cientes do imenso poder que detêm nos dias de hoje. Uma delas trabalha como segurança particular num shopping center. Em uma sexta-feira, depois de encerrado o expediente, ela passou em uma das lojas e comprou um vestido novo e um colar para combinar. Já no domingo, vi que ela usou a roupa nova pela primeira vez. Na igreja, encontrou uma vizinha, que elogiou o modelito.

“Você gostou? Foi meu marido que me deu...”

Ficou fácil entender do que estou falando, não é? Não concordo inteiramente com os métodos, não os considero compatíveis com minha teoria da honestidade. Ainda assim compreendo o momento inteiramente novo que essa mulher vive hoje e a gangorra que uma vida tão diferente daquela que teve sua mãe provoca em sua autoestima. A mulher da nova classe média tem poder econômico e faz bom uso dele. Mas não confia inteiramente em seu poder feminino, em sua força como líder, em sua capacidade de promover o bom, o justo, o correto. Todas essas sensações são constantemente desafiadas pela falta de conhecimento, sobre si e sobre o mundo. A falta de educação formal de qualidade e tantas lacunas de informação fazem com que essa mulher esteja sempre titubeando diante de si mesma. Será que consigo? Será que posso? Será que devo? Ela está muito perto de se saber poderosa e usar plenamente esse poder. Falta apenas um empurrãozinho na autoestima!

É TEMPO DE MULHER

Pensando nisso e tentando iniciar um diálogo permanente com essa nova mulher brasileira, resolvi novamente empreender e, junto com uma equipe de profissionais muito competentes, lancei um portal feminino. O Tempo de Mulher nasceu para abordar questões identificadas em pesquisas como essenciais para a adequação da mulher a todas essas novas realidades. Saúde, educação, drogas, relacionamento, empreendedorismo e tantos outros temas. Meu desejo é que essa mulher encontre no site aquilo que a faz individualmente feliz e inteira. Aquilo que possa dar a ela autonomia para entrar para o clube da honestidade, se assim quiser. Dar a ela a chance de não ter que mentir para manter as aparências, perpetuando, assim, uma situação que mina sua própria capacidade de se desenvolver.

Também fez parte da pesquisa o layout do portal. A princípio, minha equipe e eu escolhemos o vermelho e o preto como cores principais do site, apenas para descobrir que as mulheres emergentes identificam essas cores como masculinas. Elas de fato preferem o rosa e os tons pastéis. O portal ficou lilás. Minhas fotos também foram consideradas muito sérias por elas. Voltei para o estúdio, usei roupas mais joviais, deixei o cabelo mais cacheado, caprichei no sorriso. Elas aprovaram. Minha capacidade de representá-las também passou por testes. Verificamos em pesquisas do Instituto Data Popular que sou reconhecida por 96,8% das mulheres de classe média no Brasil. Entre elas, 85% me consideram inteligente, 81,1% acham que eu falo de um jeito que elas entendem e 78,3% dizem que eu tenho credibilidade.

Já no primeiro mês alcançamos mais de 20 milhões de visualizações e continuamos a realizar pesquisas com base no imenso banco de dados que rapidamente formamos com nossas leitoras. E, a partir desse conhecimento, ajudamos muitas empresas a traçar estratégias de diálogo com essa camada da população, em qualquer plataforma. E essa é apenas a ponta do iceberg. Sabendo quanto a internet é importante no cotidiano dessa mulher média e quanto podemos entregar a ela um conteúdo fundamental para seu dia a dia, estamos avançando nesse diálogo, sempre buscando dar à mulher da nova classe média instrumentos de autoestima que a façam sentir-se segura o suficiente para aquilo que deseje realizar sendo apenas ela mesma. Não a esposa de seu marido. Não a mãe de seu filho ou a filha de seu pai. Ela, um ser único, individual, capaz e produtivo.

Certa vez, ouvi do presidente da Avon no Brasil, David Legher, uma frase dita com muita convicção:

“É preciso acreditar nessa mulher. Eu sei do que ela é capaz com os instrumentos corretos à mão. Mas a gente tem que acreditar e investir nela!”

David disse o que eu sinto todos os dias. Mas apenas sensações não me levariam a construir um negócio em torno da mulher da base da pirâmide no Brasil: todos os meus estudos e pesquisas apontam para a formação de uma nova classe média que não tem como lastro apenas seu recém-conquistado poder de consumo. A força da mudança está presente na permanente ansiedade dessas pessoas com aquilo que consideram errado, pouco, limitado, injusto. Com alguma educação e muita autoconfiança, as mulheres, principalmente, podem mudar o país. De comunidade em comunidade, de bairro em bairro, elas estão em busca de líderes que as orientem sobre como elas também podem se tornar líderes. As mulheres estão em condições de decidir melhor seu voto e influenciar na decisão alheia. Elas podem construir histórias novas de relacionamentos sadios e equânimes com seus companheiros. E, certamente, podem educar seus filhos para que sejam cidadãos mais críticos e plenamente cientes de seu valor individual.

O alcance dessa primeira iniciativa nos levou a seguir mais uma vez a pesquisa e lançar nossa segunda plataforma: encontros presenciais, fóruns organizados pela empresa Tempo de Mulher. Dessa vez, queríamos conversar com as executivas sobre tantas questões que são objeto de dúvida e aflição, mas também dar a elas momentos de pura inspiração. Contamos histórias de empresas que efetivamente se preocupam em dar à mulher um modelo de gestão que lhe seja confortável. Mas também contamos histórias de outras mulheres — e homens — que se destacam em suas áreas de atuação como defensores do “empoderamento” feminino.

Toda essa engenharia de pesquisas e metas fez a Tempo de Mulher decolar numa velocidade que eu mesma não esperava. Minha aerodinâmica foi testada ao extremo. Detesto, com força de dogma, as lições de vida. E se sou esse ser mutante, que adora tentar o que nunca foi feito, como posso corroborar as trajetórias que se repetem e terminam com a famosa “moral da história”? Pois é. A exceção confirma a regra. Meu coração estava dividido. Meus amigos da Record, meus relacionamentos profissionais, minha capacidade de colaborar para que o produto final estivesse tão afinado quanto possível com nosso público foi uma missão que abracei com prazer e entusiasmo.

Por outro lado, o trabalho na Record era uma das minhas atividades diárias. Além dele, duas empresas que eu mesma havia criado, muitas planilhas, estratégia e networking me esperavam nas primeiras horas do dia quer o Jornal da Record tivesse saído do ar às 22h, 22h30 ou até mais tarde. Foram quatro anos de muito esforço e pouco sono. E eu, que já havia proclamado aos quatro ventos não ter a ambição de ser uma supermulher,

prevariquei. Achei que poderia lidar com tudo ao mesmo tempo, mas nenhum de nós pode.

No dia 27 de agosto de 2012, bati de frente com meus limites. Eu errei. E isso me fez muito bem.

O FIM DA MULHER PERFEITA

Era o momento mais importante do início da cobertura dos Jogos Olímpicos de Londres. A Record tinha os direitos exclusivos de transmissão do evento para o Brasil e deslocou para a Inglaterra mais de cem funcionários. Os estúdios estavam entre os maiores do centro de imprensa, ocupado por centenas de TVs credenciadas do mundo inteiro. A cerimônia de abertura seria um dos grandes momentos da cobertura — inédita para a Record.

Minha função ali era a de participar da narração da festa e, poucos minutos antes do fim do evento, subir os 120 degraus que separavam a posição de comentarista do estúdio montado no alto do estádio. Dali, eu apresentaria o Jornal da Record, ao vivo. Essa parte até que foi fácil. Fazia muito frio, ventava e havia muito barulho com todos querendo sair do estádio ao mesmo tempo. Mas nada com que eu já não estivesse muito acostumada.

Sentei-me na cadeira da apresentação, retoquei a maquiagem, repassei mentalmente, em poucos minutos, as reportagens que iriam ao ar. Seria tudo no improviso já que não havia teleprompter, aquele equipamento que ajuda o âncora a ler a chamada para as reportagens que serão exibidas.

Comecei bem. A imagem atrás de mim era belíssima, o estádio iluminado, a chama olímpica acesa: tudo perfeito. Só eu me sentia deslocada. Na abertura do jornal, de improviso, comecei a narrar os fatos que haviam se passado no estádio minutos antes. Foi quando eu disse: “Você está assistindo ao Jornal da Globo ao vivo de dentro do estádio olímpico de Londres!”. Sim, num ato falho, em plena rede nacional, troquei Jornal da Record por Jornal da Globo!

Segundos depois, a gravação do erro já estava em todas as redes sociais e milhares de pessoas se perguntavam se minha gafe não revelaria uma saudade reprimida do meu antigo emprego. Na hora fiquei preocupada. O que estaria acontecendo comigo?

No dia seguinte, depois de umas seis horas de sono tranquilo, escrevi um artigo para a revista Isto É, que transcrevo a seguir.

Xi... Errei!

Errar é ruim. Errar publicamente é pior. Errar no maior evento esportivo do planeta é um problemão. Mas acontece. Aconteceu comigo. Não preciso entrar em detalhes pois tenho certeza de que, se alguém não viu, ficou sabendo.

Aí é que está. Meu erro, por imperdoável que seja, alcançou uma projeção que eu nem sabia que tinha. E que certamente não teria na outra bancada. Curioso esse motor de informações das redes sociais. Talvez o erro seja mais querido que a boa performance. O erro faz com que o personagem televisivo se torne real. E eu mesma sou mais de verdade cada vez que erro. Não que eu goste de errar. Mas gosto muito de parecer de verdade. E a verdade atrai uma solidariedade coletiva. Uma sensação de “ela é como nós!”.

Nesses últimos dias lembrei do meu antigo emprego. Por causa da diferença de

fuso horário, o Jornal da Record entra no ar perto da meia-noite em Londres, de onde acompanhamos, com exclusividade, os Jogos Olímpicos. A sensação de já-passei-por-isso-antes deve ter ficado boiando em algum canto remoto da minha consciência e surgiu, subitamente, no ar. Ao vivo.

Muita gente que encontro, todos os dias, me diz que eu pareço tão mais feliz hoje do que no passado. Agradeço pela sensibilidade dos que percebem que todos fazemos nossas escolhas e que elas podem nos deixar mais felizes, ainda que desafiem o senso comum. Estou, sim, mais feliz. Mais solta. Mais relaxada. Mais humana. E mais impecável, como qualquer um. Erro. E aprendo a gostar de mim também quando erro.

Tanto é assim que tive vontade de escrever sobre isso. Dividir a sensação. A perfeição tem um peso absurdo. A perfeição é muito maior do que nós. É muito poderosa e muito cruel. Ela arrasta você para o buraco escuro da solidão. Por mais ensolarada que você seja por fora, torna-se sombria por dentro. É de lá que vem a primeira cobrança, a primeira crítica, o primeiro julgamento. São todos destrutivos. Vão roendo suas entranhas até que reste só uma casca. Bonita e oca. Além de desejar o melhor e se esforçar pelo melhor, você se torna refém dela. Da perfeição. Acabo de ver a queda de um atleta da ginástica artística numa prova importante. Ele termina a apresentação chorando. Sei o que ele sente. Eu já quis ser perfeita. Mas isso passou. Ainda bem que passou. Por isso perdoo meus erros e faço piada deles.

Amigas e amigos, divirtam-se! Riam de mim do jeito que eu mesma fiz. Parei em frente do espelho e disse pra mim mesma: O que é que você foi fazer, doida? De onde saiu aquela frase? E ri. De mim mesma. Ri pela felicidade de ser quem eu sou. Essa pessoa que tem uma história, pública. Uma história tão minha e tão pública que seria impossível negá-la ou apagá-la. Uma história que muita gente entende, mas que não agrada a todos. Por isso eu ri. Pela felicidade de não ser uma unanimidade e de não ter que arrastar por aí uma personagem de mim mesma. Podem acreditar em mim: é uma tranquilidade não desejar ser querida por ser impecável e se saber querida inclusive nas falhas.

É isso. Foi engraçado. De certa maneira também foi trágico. Claro que eu já havia errado antes, muitas vezes. Já chamei senador de deputado, já me distraí com o eco da minha própria voz em transmissões ao vivo, já fiz apostas em resultados de votações e perdi feio! E também já me incomodei mais com o erro. A imaturidade distorce a gravidade das situações. Deixa muito maior aquilo que é apenas um pequeno detalhe da história da sua vida.

No trabalho, algumas de nós, mulheres, tendemos a sofrer em demasia por aquilo que não merece mais do que cinco minutos de mea-culpa. Num dos vários eventos organizados pela Tempo de Mulher, a atriz Mel Lisboa participou de um dos painéis. Discutíamos exatamente o esforço acentuado de muitas mulheres na direção da perfeição. Mel tem uma carreira pouco comum: despontou como protagonista de uma minissérie de muito sucesso na TV e descobriu que as obrigações da fama repentina a incomodavam além do que ela poderia suportar. Naquele dia, diante da plateia, Mel surgiu com os cabelos presos e praticamente sem maquiagem. Havia deixado seu bebê de apenas dois meses em um dos quartos do hotel onde se realizava o seminário para amamentá-lo assim que terminasse sua participação. Estava linda. Uma jovem mulher que, de verdade, queria ter tudo. Na dose certa. O que ela disse, com a voz doce, foi uma inspiração.

“Não que tenhamos que nos acomodar, mas temos que diminuir as pressões, a velocidade, a exigência. Temos que desacelerar e delegar para encontrar o equilíbrio.”

Em outras palavras, “dá para ter tudo, mas não ao mesmo tempo”, como sempre diz a vice-presidente global da Unilever, Aline Santos. Além do mais, é oneroso ser sempre aquilo que os outros esperam de nós. Muitos fãs ainda me pedem que eu corte o cabelo no estilo Chanel, como costumava usar quando apresentava o Jornal da Globo. Um corte clássico, quase austero, que não cabe mais em quem eu sou agora. Corresponder a expectativas geradas por um terceiro — seja ele seu filho, marido ou chefe —, só é bom se essa expectativa for a sua também. Mel Lisboa decidiu não incorporar seu primeiro personagem em nome do sucesso. Preferiu ser ela mesma. Continua sendo uma grande atriz e, certamente, uma mulher mais feliz.

Eu cumpri o que havia traçado e encerrei meu período como âncora de TV ao fim do contrato com a Record. Dessa vez, ninguém estranhou. Não vieram outros convites para atuar como apresentadora de telejornal, o mercado havia entendido. Não precisei explicar demais que eu saía do telejornalismo diário para me dedicar às minhas empresas e que meu foco de atenção estava voltado para as causas da mulher. Não que eu tenha deixado de ser jornalista em dito adeus às telinhas. Estava apenas focada em outras notícias. Mulher é notícia hoje e eu quero participar dessa história. E contá-la. Apresentando um telejornal diariamente eu jamais conseguiria conciliar as duas coisas. E, sendo apenas empresária, pelo menos durante um tempo, eu poderia usar a credibilidade que acumulei ao longo de 27 anos na mídia da maneira que acreditava ser mais coerente com meus novos negócios.

O tempo também trabalhou a meu favor para que o lançamento da Tempo de Mulher se desse no momento ideal. As empresas identificavam, àquela altura, o quanto a mulher, de qualquer classe social, se tornava importante no mercado consumidor. E meus estudos me davam uma vantagem competitiva sobre quem estava começando a levantar os primeiros dados sobre o assunto. A Tempo de Mulher, em menos de dois anos, já oferecia muito mais produtos ao mercado e ao público-alvo do que eu poderia prever no lançamento. Como sempre diz minha grande amiga Luiza Helena Trajano: “Nada como uma ideia que vem no momento certo”. Eu me sentia no lugar certo e na hora certa. O vice-presidente comercial da Record, Walter Zagari, um dos mais experientes em sua área no Brasil, me perguntou, pouco antes do fim do meu contrato:

“Por que você demorou tanto a lançar seu próprio negócio?”

Minha resposta foi simples. “Eu queria ter certeza do que me faria feliz.”

EVITANDO O CINISMO

Fazer uma mudança radical numa carreira bem-sucedida provoca as mais distintas reações nas pessoas que nos cercam. Ouvi a frase “você é louca” um sem-número de vezes quando deixei a Record. Felizmente, também ouvi “como você é corajosa”.

Acho que as duas faces dessa moeda estão corretas. Inclusive porque, como já disse aqui, o sucesso é diferente para cada um de nós. Mas prefiro mudar um pouco esses adjetivos. Louca ou corajosa são adjetivos extremados demais para quem planejou tanto tempo uma nova rotina. Eu diria que meu movimento misturou alguma impetuosidade com muito planejamento. Não foi uma ousadia intempestiva. Romper com hábitos enraizados é doloroso, mas é possível.

No meu caso, foram 27 anos de jornalismo diário no modelo das grandes TVs abertas. Atuei catorze anos como repórter e treze como editora e apresentadora de telejornais. Não é pouco tempo. Era uma rotina a ser quebrada. Mas rompi com ela e não senti falta do passado porque já havia colocado outra coisa em seu lugar. O planejamento da mudança foi ocupando tanto espaço em minha vida que, quando percebi, já havia mudado. E o novo, quando desejado, é espaçoso. Ele não te dá tempo para outras distrações nem nostalgias. Vejo-me fazendo o que faço na Tempo de Mulher por muitos anos que ainda virão. Enxergo os joelhos enrugados de uma mulher de oitenta anos ainda advogando pela causa do “empoderamento” feminino, fazendo palestras, usando minha trajetória como inspiração.

Meu bom amigo Ronan Soares, jornalista da velha — e sábia — guarda, me disse certa vez que “uma das coisas mais sofridas da vida é romper uma rotina, ainda que seja uma rotina ruim”. É o conforto de saber o que vem depois que nos mantém ali, na esteira do caminho já tantas vezes trilhado. A rotina é uma algema e, ainda que as algemas sejam de ouro, continuarão te prendendo a algo que você não deseja mais.

A vice-presidente de recursos humanos da Avon, Alessandra Ginante, tem uma ótima definição para empregos que duram tempo demais.

“O problema de ficar muitos anos numa mesma empresa ou numa mesma tarefa é que vamos ficando cínicos.”

O cinismo é um sintoma de quem já não briga mais pelas coisas em que acredita. Sua causa está lá. Você a defende. Insiste. Argumenta. Você usa todas as armas que tem. Depois, aos poucos, desiste de lutar. E o cinismo toma conta do seu comportamento dali para a frente. Você morreu como combatente. Desertou.

Para mim, mudar é quase um vício. O coração precisa estar no que quer que eu esteja fazendo. Exatamente como aqueles ciganos. Sou um soldado permanentemente. Não tiro folga. Não abandono o posto. E eu não queria ficar cínica em relação ao jornalismo diário. Muitos colegas meus dizem que a crise na imprensa vai matar o jornalismo. Não creio na tese e não a apoio, mas estou convencida de que o modelo de negócios em torno do jornalismo terá de mudar. A rotina da mídia é como uma linha de produção em pane. Faz-se um conserto hoje, uma manutenção alternativa amanhã, mas só uma máquina nova resolve o problema. O produto é ótimo e insubstituível. Não há como negar um produto chamado notícia. Ela move o mundo.

Jornais com hora marcada, contudo, nesses tempos em que somos bombardeados por informação a todo instante, só fazem sentido do ponto de vista comercial. É a hora em que trinta segundos de anúncio no intervalo valem mais. Só que não dá pra combinar esse jogo com o telespectador. Ele vê o que quer, na hora em que deseja. O novo precisa vir. O jornalismo diário tem de fazer sua revolução para atender aos novos clientes da notícia. Clientes que já não esperam, como no passado, o telejornal que contará a ele os acontecimentos mais importantes do Brasil e do mundo.

Creio que a mesma regra se aplica aos anunciantes. Para lançar um produto novo, apresentá-lo ao maior número possível de pessoas e inseri-lo definitivamente nas prateleiras, a mídia das TVs abertas é um excelente caminho. São trinta segundos que custam caro, mas compensam em exposição ao mercado. Já para construir uma história em torno desse produto, para fazê-lo querido entre os consumidores, para anexar a ele causas que o sustentem no longo prazo, outras estratégias podem ser tão ou mais eficientes. É o que me dizem os empresários.

“Depois que investi numa ação na internet para promover um dos produtos em

catálogo e tive uma reversão gigantesca em compras não vejo mais sentido em comunicar algumas ofertas no horário nobre da TV aberta”, disse o vice-presidente de marketing de uma grande fabricante de eletroeletrônicos para quem quisesse ouvir em um seminário em São Paulo.

A construção de uma marca trafega, hoje, em uma via de mão dupla. Mais do que anunciar é preciso conversar. E conversar pressupõe ouvir e não apenas falar. Consumidores são os grandes protagonistas daquilo que se vende em torno daquilo que eles mesmos compram. Confuso? Não para quem frequenta redes sociais e mídias alternativas. Isso não é moda, isso é história. E a história contada por Darwin diz que só os que puderem se adaptar sobreviverão.

Tenho a impressão e, pairando sobre ela, a esperança, de que a parte mais nobre do jornalismo esteja entre esses sobreviventes da grande revolução. A reportagem é o pilar do que nos acostumamos a chamar de jornalismo. A arte de contar histórias é sublime. Todo bom jornalista é apenas isto: um bom contador de histórias. E para isso é preciso preparo, experiência, maturidade, vida. Todos temos nossas referências e emoções. Imparcialidade é uma regra criada para conter opiniões que derivam do viés ideológico daquele que narra o fato. É uma lei sábia, mas não definitiva. Não pela insurgência contra ela mas pela impossibilidade de aderir de corpo e alma à sua ditadura. Ser humano é ser parcial. E ser profissional é disfarçar a torcida natural por este ou aquele lado. O bom jornalista é aquele que melhor conta sua história de modo a tocar quem dela toma conhecimento mas ainda assim deixar o cliente tirar suas próprias conclusões. O bom jornalista é um artista: transforma o fato, tal qual uma tela branca, num belo quadro a ser exposto ao público em jornais, TVs, na internet ou em qualquer outra plataforma que se apresente. Quem vê o trabalho pronto, pode dele gostar ou não. A obra estará pronta independentemente do paladar de quem a vê. Contra o fato, qualquer que seja sua narração, não há argumento. Por isso sei que a reportagem jamais se extinguirá.

Usar o celular para filmar uma manifestação de rua e postar o resultado nas redes sociais é, sim, publicar um fato. Contar uma história em torno de qualquer fato é bastante diferente disso. Há uma distância imensa no mercado de mídia dos dias atuais entre o tempo de formação de um repórter e a necessidade de produtividade e lucro. Mas o verdadeiro repórter é como um médico. Tem vocação. E vocação não tem hora, não tira férias, não troca de emprego. Se escrevo este livro é pelo profundo desejo de contar uma história. A história das mulheres emergentes no Brasil, a história das mulheres da minha geração. A minha história.

Não sou capaz de dizer quem comandará essa grande mudança no jornalismo, mudança que já está em curso. Provavelmente não será um indivíduo, mas o coletivo que tem onde mostrar sua cara, seus gostos, suas opiniões. Por isso, aquela Ana Paula que se apresentava todos os dias na bancada estava sentada em uma cadeira de pregos. Não me custava um esforço monumental ir ao ar e conduzir o desfile dos fatos do dia. Mas era muito caro, sim, ficar frente a frente com o cinismo. Afinal, sou do time das honestas. Minha causa era, e continua sendo, a notícia. O fato. O conteúdo. A história. O telejornalismo diário apenas deixou de ser meu campo de batalha.

6. O amor chegou tarde em minha vida

Naquela manhã específica eu tive o que hoje chamo de memória do futuro. Não havia nada de mais programado para aquele dia. Era apenas mais um em minha rotina semanal. Uma manhã como outra qualquer. Mas eu me lembro de cada detalhe. Como se, no futuro, tudo que eu fizesse naquelas horas fosse ganhar uma importância distinta. Como se minha memória já soubesse disso. Como se um pressentimento ativasse o registro da lembrança. Não se esqueça. Não subestime. Parece igual mas vai ser diferente.

Fui dormir tarde na madrugada anterior. Mais uma das muitas noites de insônia depois de apresentar o Jornal da Globo. Saía do trabalho cansada, porém cheia de adrenalina depois de uma operação ao vivo. Quem assiste ao telejornal já descansando, em casa, pode até pegar no sono logo depois do boa-noite. Para quem sai do trabalho a essa hora, não há como dormir antes do “processo de descompressão”. A volta para casa com música suave no carro, um bom banho quente, um lanche leve. Mesmo assim é comum que a ansiedade só baixe a guarda horas mais tarde.

Naquela noite fiquei ali vagando pela internet, “zapeando” canais na TV, esperando o sono ganhar terreno. Acordei com o despertador às dez da manhã. A preguiça bateu. Não queria enfrentar o dia. Menos de cinco horas de sono, mas tinha um almoço marcado. Poderia ter ligado para a assessora do tal presidente da empresa, poderia ter dito que havia acordado indisposta. Pura verdade. Mas eu não fiz nada disso. Levantei, tomei um banho. Reduzi o número de tarefas que exigiriam qualquer esforço extra. Não lavei o cabelo para não ter de secá-lo depois. Prendi num rabo de cavalo. Escolhi o terninho mais careta do armário. Nada de combinações complexas. Tomei café, comi um pedaço de queijo. Li os jornais sem muita atenção. E lá fui eu para a sede do Lloyds Asset Management, bem perto da Globo, onde eu trabalhava.

Era um prédio moderno na região que nascia para se tornar o novo polo empresarial da cidade de São Paulo. Imagino que a empresa de gestão de fundos de investimentos tenha sido uma das primeiras a se mudar para a avenida Berrini. Ainda não havia muitos edifícios como aquele na vizinhança.

Esperei uns cinco minutos na recepção do último andar antes que ele viesse me cumprimentar. O presidente era um homem alto de sorriso largo. Usava uns óculos que o

deixavam mais velho do que de fato deveria ser e um corte de cabelo careta. Mas havia aquele sorriso intrigante, aberto, franco. Tinha charme. Ele agradeceu minha presença, disse que almoçaríamos na própria sede da empresa, no restaurante da diretoria. Ele gentilmente me apontou a direção e caminhamos devagar pelo corredor cheio de fotos na parede. Ele desempenhou o papel de anfitrião, contou-me alguns detalhes do que estava registrado nas imagens penduradas. A história do banco, o Lloyds, dono da gestora de fundos. Eu mal ouvia. Sorria por delicadeza e treino. Cansaço. Sono. Desânimo. Mais um almoço de trabalho.

Sentamos numa mesa redonda, afastada das demais por um biombo. Ele de um lado, eu do lado oposto, de costas para a grande janela de vidro. Nunca gostei de ficar de costas para o lado de fora, sinto-me oprimida. Como se buscar, de vez em quando, o horizonte — ou um pedaço de céu, ou a janela do prédio da frente, que seja —, me desse um intervalo conveniente para pensar na próxima frase. Na posição em que estava, eu via apenas o presidente e o biombo atrás dele. À minha direita, um assistente da diretoria e a assessora de imprensa que me encaminhou o convite. À minha esquerda, mais dois economistas, um rapaz que me pareceu muito jovem e uma mulher, altíssima, magra, simpática, quase bonita — uma dessas pessoas que imediatamente chamam a atenção onde quer que estejam.

A coreografia desses encontros era sempre a mesma. Assim que os cartões de visita fossem trocados e uma meia dúzia de amenidades fosse dita, começaria a exibição dos talentos individuais. Todos se mostrariam disponíveis para ajudar nas reportagens econômicas que iam ao ar todos os dias no jornal que eu apresentava. Todos fariam perguntas sobre a condução da política econômica do governo, que eu responderia vagamente. Alguém teceria alguma crítica. Todos se calariam quando o chefe emitisse uma opinião. Eu seria simpática e profissional. Algum segredinho inocente seria contado por alguém para fortalecer os laços entre imprensa e fonte de informação. E voltaríamos dali para nossas vidinhas cotidianas.

Naquele dia, contudo, o roteiro foi inteiramente diferente. Meu estado de espírito se elevou conforme a conversa andava. Walter, o presidente, falava bastante, mas não sobre economia. Lembrou viagens que eu havia feito e que ele havia testemunhado como telespectador. Contou das suas. Falamos de música, de shows de jazz, de cinema. Os filmes preferidos dele, os meus. Os economistas na mesa estavam meio sem assunto, quietos, observando. Talvez estranhando que a fase das simpatias iniciais se arrastasse além do natural nessas ocasiões. Esperando para entrar no tema que havia levado todos até ali. Afinal, sobre o que mais poderiam conversar o presidente de um fundo de gestão de investimentos e a âncora de um telejornal focado em economia?

Mas a economia ficou fora do papo. O cafezinho chegou e Walter ainda falava sobre os prazeres da vida. Arte, literatura. Aquele sorriso. Era bonito, o presidente. Só reparei quando já estava inteiramente envolvida na conversa. “Mais um cafezinho”, pediu ele. Era o mês de fevereiro de 2001. Não, ele não sairia de São Paulo no carnaval, não gosta da festa. “Vou guardar alguns dias das férias para viajar com meu filho na Semana Santa.”

Três cafezinhos depois achei que seria de bom-tom me despedir ou o almoço não acabaria nunca. Os economistas consultavam seus relógios. Ele sorria e contava mais uma história. Eu disse que tinha que ir, meus compromissos com o jornal começariam logo. Levantamo-nos todos. Ele fez questão de me levar até o carro. O mesmo sorriso estampado no rosto. Muito estranho aquele homem, muito fora do convencional. Vai viajar com o filho na Semana Santa. Será divorciado? E o que é que você tem com isso, Ana

Paula? Nada.

Entreí na sede da Globo, esqueci o assunto, virei a página do almoço. E por meses não tive notícias do economista sorridente que não falava de economia.

Em algum momento do fim desse mesmo ano de 2001, em mais um dia sem acontecimentos memoráveis, mais uma reportagem sobre economia iria ao ar no Jornal da Globo. O editor responsável pelo material veio me consultar.

“Um economista chamado Walter Mundell vem aqui dar uma entrevista para a Globo News. Podemos ouvi-lo para a nossa matéria?”

Era ele. O do sorriso. Dos assuntos culturais. Dos três cafezinhos no mesmo almoço. Claro, claro que podem entrevistá-lo.

Já passava das nove da noite, eu voltava do camarim para minha mesa na redação e o vi de longe. Conversava com o editor. Aproximei-me. A gravação com ele havia sido feita. Ainda assim, muito didaticamente, ele se ofereceu para destrinchar uma charada econômica qualquer que acrescentaria bastante ao conteúdo do material que tínhamos para a edição daquela noite e por isso ainda conversava com o profissional que editaria a reportagem. Quanta simpatia, pensei eu, interrompendo a aula para agradecer.

“Oi, Walter, lembra de mim?”

Claro que me lembro, que almoço agradável, há quanto tempo/ muito obrigada pela entrevista de hoje/ por nada/ e pela aula grátis também/ é um prazer/ como vai você?/ muito bem, obrigado/ tenho que gravar a chamada do jornal agora, mas só demoro dez minutos/ claro, fique à vontade/ se você tiver tempo, espere que conversamos um pouco mais/ sim, estarei por aqui.

Gravei a chamada um pouquinho mais rápido que nos outros dias. Quando terminei, ele havia ido embora. Óbvio. Era tarde. Pessoas têm famílias, compromissos. Não me esperou, por que esperaria? Aquele ano terminou sem que eu tivesse mais notícias do meu futuro marido.

MULHERES SOLITÁRIAS, HOMENS CORAJOSOS

Já havia sido casada antes. Tinha 23 anos quando saí da casa de minha mãe para a casa alugada com meu marido.

Meninas deveriam esperar o tempo da maturidade para escolher seus companheiros de vida. Meninas tendem a acreditar que, com elas, ele vai ser diferente. Mais feliz, mais fiel, mais comprometido. Era evidente para qualquer amigo que eu não havia encontrado meu companheiro de vida naquela união. Mesmo assim a mantive por uma década.

Nunca foi um bom casamento, mas devo admitir que aprendi muito com ele. Principalmente sobre o que não deve ser um relacionamento. Aprendi sobre a distância e o egoísmo. E, da forma como o mundo se apresentava para a menina que só pensava em trabalho, a conclusão lógica acabou sendo: casamentos estão fadados ao fracasso, são o máximo da hipocrisia social, são uma invenção conveniente. Saí daquela relação descrente do amor. Desdenhando do amor. Isso é coisa de poeta, pensava.

Aquela era a Ana Paula que tinha muita dificuldade em reconhecer a própria infelicidade. Era o personagem não-só-consigo-enfrentar-como-sou-capaz-de-reverter-essa-situação. A capa de heroína me levou a aguentar muito mais infelicidade do que seria razoável em qualquer casamento. Eu era outra pessoa. Era tola. Construía minha história não sobre um alicerce de felicidade, mas sobre o maior número de tijolos que conseguisse

carregar. Se me livrasse da carga, o que sobraria de mim? Nada. Eu era o meu escudo.

Mulheres tendem a romantizar o início da relação. Quanto mais recente é o namoro, mais damos ao pretendente um ar de príncipe encantado. E assim vamos ajeitando um problema daqui e desculpando uma falha dali. Para compor o enredo de conto de fadas, alteramos nossa própria personalidade. Ficamos mais doces, mais compreensivas, mais disponíveis, mais frágeis. Ficamos surdas à voz interior que grita: “Ei, esse não é o cara certo, você não está vendo?”.

Em geral, homens e mulheres são muito diferentes nesse quesito. Depois do primeiro encontro, ainda que ele não tenha sido perfeito, ainda que não tenha sido minimamente bom, mulheres esperam o telefonema do dia seguinte. Homens, quando não gostam, não ligam. Somem.

Depois do primeiro casamento, fiquei mais seletiva. Tive alguns namorados, claro, não é que evitasse relações. Apenas não acreditava nelas, não apostava. Eram uma distração. Eu me convencia de que poderia encontrar um companheiro agradável desde que não houvesse nenhuma dificuldade no processo. Esse prazer fútil durava até o primeiro embate. Ainda que fosse sobre “que filme vamos ver hoje?”. Ali eu erguia as barreiras e nenhum bom sentimento as derrubaria de novo.

Meu compromisso era comigo. Conheci homens honestos, inteligentes, com qualidades e defeitos. Meus critérios de percepção da realidade, contudo, estavam desbalanceados: eu não fazia concessões. O primeiro casamento havia cristalizado em mim um alerta de desconfiança. Mas houve também o exílio em Londres, e tudo que aquela solidão me mostrou sobre mim. Houve Luciana, no Alasca, e a fé que passei a ter em um sentimento maior, ainda que raro e talvez impossível para mim. Eu estava mais inteira quando voltei ao Brasil. Mais sozinha do que nunca, porém mais fortalecida. Eu já sabia, ao menos, o que não me fazia feliz. E isso contava muito, afinal.

Não chego a defender, como várias executivas que conheço, que a escolha do marido deva levar em conta que tipo de trabalho você tem e que tipo de carreira deseja construir. Afinal, Luciana largou tudo o que tinha e foi feliz desse jeito. As fórmulas prontas são apenas frases de efeito. O fundamental é que você se conheça e saiba, ao menos, o que não pode suportar.

Nunca tive certeza de que jamais me casaria novamente. Mas também não tinha nenhuma convicção de que encontraria alguém com quem desejasse dividir a vida. E, se nunca acontecesse, tudo bem. Eu estava em paz. Um tanto cética, um tanto esperançosa, mais ou menos como todo mundo. Querendo que sim, querendo que não. Acima de tudo, porém, eu estava bem — estar sozinha não era um incômodo. Não sou uma pessoa de muitas pessoas. Gosto da casa cheia, gosto de receber, adoro trabalhar em grupo. Mas não sou, por definição, uma pessoa coletiva. Se tivesse que me definir, diria que sou uma pessoa no singular. Penso muito sozinha. Aliás, penso muito detidamente antes de dizer ou antes de realizar qualquer coisa. Tenho muitos filtros. Talvez seja por isso que estar sozinha nunca tenha me afligido — e até hoje é assim. Gosto de viver a dois, mas preciso de momentos de solidão.

Mas, naquele momento, havia outra questão — circunstancial — paralela. Quando voltei ao Brasil, me descobri uma pessoa pública. Era estranho ser reconhecida em todos os lugares aonde ia. Em Brasília, minha cidade, eu conhecia praticamente todo mundo e todos me conheciam não necessariamente por causa da exposição na TV. Eu nasci naquele lugar, aquela cidade era a minha casa. Em Londres e em Nova York era o contrário: eu era uma anônima, ninguém me conhecia. Quando cheguei a São Paulo para ocupar a cadeira

que antes pertencia à respeitadíssima Lillian Witte Fibe, virei o foco das atenções. Essa janela de publicidade cria facilidades, claro, mas também cria inúmeros constrangimentos. Não é todo mundo que trata uma pessoa pública de forma natural. Na maioria das vezes as reações se alternam em opostos: ou você é recebido com uma certa frieza pelos que não querem parecer “súditos” do estrelato ou é tratado com um grau artificial de suavidade e paparicação. É estranho. Foi estranho para mim. Um solavanco. De uma hora para outra, eu, a repórter de TV, aquela que queria contar as histórias do mundo, virei a superestrela do Jornal da Globo.

Muitas amigas me perguntavam: “Nossa, você deve ser superpaquerada!”.

Surpresa! Não era. Não acredito que teria sido simples para qualquer homem se aproximar de mim. O poder do que eu representava me precedia. Imagino que seja complexo para um homem se relacionar com uma mulher com tantos apêndices. O trabalho, a fama, o reconhecimento. Não chego a acreditar que homens fogem de mulheres poderosas, como já ouvi de muitas pessoas. Acho simplista demais. Mas há, certamente, um estranhamento. Homens tendem a ser galantes com mulheres nas quais estão interessados. Mas é correto ser galante com uma mulher poderosa? Ou uma mulher poderosa passa a ser uma igual e deve ser tratada como uma igual? Veja bem, essas são indagações que considero masculinas e que imagino que se passem na psique de um homem quando se interessa por uma mulher associada a uma situação de poder. Considerações do tipo “Ela vai ser reconhecida e cumprimentada antes de mim”, ou “Vão querer tirar fotos com ela o tempo todo, vão querer conversar apenas com ela e eu vou ficar de lado”, ou, ainda pior, “Como foi que ela conseguiu chegar aonde chegou?”. É o velho questionamento sobre se mulheres podem ser competentes o suficiente sem que outros atributos entrem no jogo da ascensão profissional. O paradigma final lançado pelos machistas que perdem no jogo da sedução: atacar moralmente a mulher bonita e bem-sucedida. Uma afronta pela qual quase toda mulher que tem carreira e cuida de si já passou.

Em resumo, para namorar aquela Ana Paula Padrão o homem teria que ter coragem. Quando começamos a nos relacionar, Walter desabafou com a mãe. Dona Heda é uma mulher esperta. Foi dona de casa boa parte da vida e, com os dois filhos criados, decidiu estudar. Formou-se em psicologia, virou terapeuta. Quando a conheci, ainda tinha muitos pacientes que recusavam a alta, apesar de dona Heda argumentar que chegara a hora de sua própria aposentadoria. Dona Heda sabe muito sobre as pessoas, sobre como se comportam. Ela aplaudiu a decisão do filho. Confessou que era minha fã, contou de sua admiração profissional por mim e disse que Walter tinha feito uma excelente escolha. E, finalmente, perguntou, usando o coração de mãe:

“Mas você está preparado, meu filho, para deixar de ser o Walter Mundell e passar a ser o marido da Ana Paula Padrão?”

Mudar a dinâmica de papéis exige firmeza e dá trabalho. Numa sociedade machista como a brasileira, homens são a referência, não os referidos. Nos convites, o socialmente aceitável é que se escreva “Sr. e Sra. Walter Mundell”. Mas quantos convites já recebemos para a “Sra. Ana Paula Padrão e marido”? A mulher de um homem bem-sucedido é talhada para ser sua sombra. O marido de uma mulher pública — ainda que muito bem-sucedido —, fica na sombra pela força da mídia, que arrasta tudo e todos à ditadura da fama.

Barbara Franklin, a republicana de quem falei no início deste livro e que nunca se absteve de uma carreira política de sucesso em nome de uma família estável, disse-me algo muito marcante sobre poder e relacionamentos:

“Tive três casamentos, Ana. E este último só está dando certo há tantos anos porque, quando me casei, ele já era um CEO aposentado. Ele, que é bem mais velho que eu, não precisava mais mostrar poder, ostentar poder, viver o poder. Já havia optado por outro caminho, queria aproveitar os momentos tranquilos que a vida pode oferecer a quem já havia trabalhado tanto e não precisava mais ganhar dinheiro. Por isso ele foi maduro o suficiente para não se deixar sucumbir a uma mulher que ainda trabalhava — e em cargos de relevância pública. Não teria dado certo entre nós dois se não fosse assim. Os Estados Unidos ainda são muito conservadores nesse sentido.”

A honestidade de Barbara em me contar isso de maneira tão aberta ainda me impressiona. Diante dessa declaração, não há como imaginar que as questões de gênero estejam mais bem equacionadas nos Estados Unidos do que aqui. Barbara é a referência, não a referida. Eu, quando desembarquei de volta ao Brasil, passei a ser a referência. Ainda que minha rotina não dependesse disso. Ainda que eu estivesse — e continue — muito distante da definição de celebridade. Ainda que eu nunca tenha tido no reconhecimento público uma parte relevante da minha vaidade. Ainda que a fama não tenha entrado na equação que me levou ao jornalismo e que o modelo de “pessoa conhecida” não me sirva muito bem e sempre tenha provocado em mim um razoável incômodo. Enfim, ainda que eu dê pouca importância a esse fato, seria hipócrita dizer que isso tem nenhum impacto sobre meus interlocutores.

Eu sabia, portanto, por experiência própria e por dedução lógica, que não seria fácil conhecer alguém inteiramente distante do meu ambiente de trabalho e minimamente equilibrado que topasse esse “pacote celebridade” na íntegra. Meus namorados, nesse período entre o primeiro casamento, os anos no exterior e a volta ao Brasil, foram todos jornalistas, pessoas que eu já conhecia e que já me conheciam.

A SÍNDROME DA IMPOSTORA

No começo de 2002, um e-mail dele piscou em minha caixa postal. “Walter Mundell comunica que abriu sua própria consultoria em gestão de investimentos” etc. etc. etc. Era uma mensagem coletiva. Um desses avisos que a gente manda para todos os contatos. Dizia que ele havia realizado a venda da Lloyds Asset com sucesso e que agora trabalhava de maneira independente. Arqueei. Dois meses depois, fui lá procurar a mensagem na caixa postal. Precisava de alguém para uma entrevista, era ano de eleição presidencial. Uma disputa feroz, com chances reais para o candidato de esquerda, Luiz Inácio Lula da Silva. Eu estava preparando uma reportagem especial sobre o efeito das pesquisas eleitorais na economia. Pensei nele. Um consultor.

Também era ano de Copa do Mundo, a infeliz coincidência que se repete no Brasil a cada quatro anos. Eu havia sido convocada, meu nome estava na lista. Essa é uma piada de jornalistas. Quando uma Copa do Mundo se aproxima, a lista dos jornalistas “convocados” para a cobertura é aguardada com expectativa nas redações. Os jogos aconteceriam na Coreia do Sul e no Japão. Uma viagem longa e de logística complexa. Os voos sairiam do Brasil para Seul, na Coreia, com escala em Paris. Pensei em aproveitar a ocasião para tirar uma semana de férias antes do evento e passear com minha mãe.

Ela ainda morava em Brasília, eu estava em São Paulo. Poderíamos embarcar juntas para Paris, cidade que ela não conhecia. Depois eu seguiria para o trabalho, e ela voltaria para casa. Isso significaria, para mim, ainda mais tempo longe do Brasil. Como os jogos

naquele ano começariam em 31 de maio, e os jornalistas precisam estar no local com alguma antecedência, no começo do mês eu já estava de malas prontas. E minha mãe também.

Durante muitos anos tentei proporcionar à minha mãe coisas que ela não teve e sonhava ter. Presentes que eu podia comprar, viagens que eu podia oferecer a uma dona de casa de Brasília. Dona Shirley me visitou algumas vezes quando eu morava em Londres, e eu a apresentei a todos os tipos de iogurtes e coalhadas e outras comidinhas que não se encontram em Brasília e que ela adora. Em Nova York, caminhamos durante duas tardes inteiras procurando árvores de Ginkgo biloba que, sei lá por que razão, ela fazia questão de ver. Eram gestos de gratidão. Eram também aspectos da culpa que toda mulher carrega quando se torna o que sua mãe gostaria de ter sido.

A culpa é uma faceta da personalidade feminina. Ela faz aparições cotidianas, em especial quando um sucesso se concretiza. A síndrome da impostora não chega a ser um distúrbio psicológico, mas já foi objeto de várias publicações médicas. E quase sempre está relacionada às mulheres que alcançam sucesso em territórios tradicionalmente masculinos. Você já deve ter passado por isso ou conhece alguém que já passou. Ganhou uma promoção? Um aumento de salário? "Ah, é porque eles gostam de mim..."; ou "Eu dei muita sorte mesmo." O merecimento raramente é uma alternativa real para o crédito alcançado. Tendemos a justificar nosso sucesso pela benevolência de alguém, pela bondade do outro. Pela configuração dos astros no céu naquele momento. Qualquer razão absurda tende a ser mais verdadeira para nós, mulheres, do que nosso talento, nossa dedicação, nosso empenho, nossa competência. Mais grave ainda é o fato de muitas de nós sentirmos que somos, no fundo, impostoras e um dia seremos desmascaradas. Somos uma fraude, não há dúvida, seremos punidas quando nos descobrirem. Falo eventualmente sobre isso em minhas palestras e invariavelmente as mulheres com mais de quarenta anos se identificam com a personagem.

Demorei alguns anos para superar minha síndrome pessoal da impostora. Tudo que conquistei tentava dividir com outros personagens que seriam igualmente responsáveis pelo meu sucesso. Principalmente o personagem central, que abriu mão de tudo que poderia ter sido para criar seus três filhos, para ficar em casa, para apoiar o marido. Minha mãe. Eu tentava compulsivamente compensar minha mãe pelo seu sacrifício. Em todas as viagens que fiz até um determinado ponto da minha vida, eu me lembrava com pesar da minha mãe, que não estava ali. Comprava coisas que achava que ela iria gostar. Errei em pelo menos metade das vezes. Sempre que era possível, eu a levava para viajar comigo. Mesmo sabendo que ela poderia perfeitamente programar férias sozinha ou com outras amigas. Não era apenas generosidade, não era apenas pela boa companhia nas viagens. Tudo isso era real mas eclipsado pela culpa que movia a engrenagem das compensações. Fiz muitos anos de análise para entender que não tenho culpa, fiz o que julguei correto para ser feliz. Minha mãe também fez escolhas. Eu não precisava repor o que ela não teve porque tomou decisões distintas das minhas. Nenhuma de nós, filhas bem-sucedidas, precisa.

Hoje me dou ao luxo de estar com ela ou com qualquer outra pessoa por prazer. Nunca por culpa, piedade ou compensação. Por isso é muito mais fácil ser verdadeiramente feliz na companhia do outro. E muito mais leve.

Embarcávamos para Paris numa quarta-feira. Na sexta-feira anterior eu entrevistaria o economista Walter Mundell. Já havia gravado o depoimento de outras autoridades em finanças e política. O material para minha reportagem sobre os sobressaltos que cada ponto percentual nas pesquisas eleitorais provocava nos índices econômicos estava praticamente pronto. Fazia frio em São Paulo naquela sexta. Vesti um terno preto elegante com uma blusa de lã, também preta, por dentro. A equipe de gravação foi me pegar em casa e de lá fomos para a sede da WMundell Consultores.

O sr. Sorriso me recebeu como das duas vezes em que havíamos nos encontrado. Falou de maneira simpática com todos da equipe de gravação. Montamos tudo. Acendemos as luzes. Play. Gravando. Perguntas. Respostas. Perguntas. Respostas. Stop. End. Tudo desmontado. Hora de voltar para a redação.

“Quer um café, Ana?”

A equipe foi para o carro, me esperariam lá. Eu fiquei para o café e para uma conversa deliciosa sobre todos os assuntos possíveis. A ilusão da fama, a ilusão do mercado financeiro. O que realmente vale a pena na vida. Viagens. Culturas distintas. Se eu tenho namorado? Nããããã. Ele também era divorciado. Um filho. Adolescente. Eu embarcaria dentro de cinco dias para Paris. Com minha mãe. E de lá para várias cidades da Coreia e do Japão. Para cobrir a Copa do Mundo. Sim, muito tempo fora do país. Meu telefone? Está aqui. O seu eu já tenho.

Bem, vamos ser objetivos. Aquele não havia sido um diálogo profissional e ponto final. Também não foi um encontro de pessoas que tinham interesses comuns e poderiam vir a ser amigos no futuro. Aquilo foi um flerte. Sei reconhecer um quando vejo. E deixei acontecer. O treino profissional do jornalista nos dá uma sensação muito clara de como será uma conversa desde seu início. E também de como dirigir seu interlocutor para o caminho da informação. Com simpatia, com afetuosidade, mas sempre na trilha da notícia. Com Walter eu fui longe, muito mais longe do que isso. Gostei daquele homem, estava interessada nele. Ali, no escritório da consultoria, me lembrei do nosso primeiro encontro, mais de um ano antes. O almoço no banco de investimentos que ele dirigia. Naquela ocasião, apesar da curiosidade que o executivo sorridente provocou em mim, mantive a distância regulamentar entre entrevistado e entrevistadora. Dessa vez era diferente. Eu dei espaço para mais. Eu flertei.

E, considerando que — 1. Eu viajaria na semana seguinte; 2. Era numa sexta-feira à noite; e 3. Ele pediu meu telefone celular — a conclusão evidente era... ele vai me ligar para sairmos no fim de semana! Certo? Errado.

Sábado, malas quase fechadas. Espalhei sobre a mesa da sala de jantar todo o material de estudo que eu havia montado sobre a Coreia do Sul, o Japão e sobre a Copa. Precisava mergulhar nas pesquisas. Aproveitaria o dia para isso. A noite estava reservada para outro programa. O celular estava ao lado. Tudo pronto. Manhã, trabalho, hora do almoço. Saladinha básica com queijo muçarela de búfala. Água de coco. Três da tarde. Quatro. Cinco. Nada. Telefone mudo. O sol caía exatamente em frente à minha janela. Senti-me estúpida. Como é que uma mulher tão experiente ainda cai numa conversa dessa? Como é possível que eu estivesse ali, sentada, esperando um telefonema? Fui dormir pensando se os flertes haviam mudado, se eu estava fora de forma ou se não seria melhor dar uma lustrada na velha armadura e evitar decepções como aquela.

Domingo. Bem, ele poderia ter compromissos no sábado. Domingo ainda seria um bom dia para um programa qualquer. Afinal, sábado parece mesmo meio diabólico.

Domingo é um dia mais neutro, menos ousado. Poderia ser essa a mensagem. Ele teria esperado o domingo para não parecer aflito demais. O.k., iria funcionar. Afinal, não é possível que meu radar tivesse me enganado completamente em relação àquele homem.

Livros sobre a mesa. Computador ligado. Pesquisas. Três da tarde. Quatro. Cinco. Passamos da hora limite para um telefonema no domingo. Eu estava errada. Eu havia me enganado. Precisaria esquecer essa história. Iria para Paris dentro de três dias e depois disso passaria semanas na Coreia do Sul e no Japão. Seria adeus, sr. economista-cheio-de-sorrisos. Você teve sua chance.

Nada de arrependimentos na segunda-feira de manhã. Tudo muito ao meu gosto. Tratei de deixar tudo pronto para passar bastante tempo longe de casa. Liguei para minha mãe várias vezes para combinar nossa semana em Paris! Meu apartamento de solteira, recém-comprado, havia passado por uma reforma e estava em fase de acabamento. Ficaria lindo e estaria pronto na minha volta. Tudo organizado. A imensa lista de coisas-a-fazer-antes-de-viajar ia diminuindo visivelmente. Aquela Ana Paula adorava listas. E adorava vencer as listas, torná-las menores, acabar com elas. Não que hoje eu as ignore, ainda gosto delas, pobres listas. Mas, definitivamente, perco menos tempo dessa forma.

Terça-feira. Meio da tarde. Ainda um último jornal para editar e levar ao ar. Em meio às tarefas, o telefone toca. Era aquele telefonema, eu sabia. Lembrava-me do número. Meio atrasado, não? Atendi, mais por curiosidade que por outro motivo qualquer. Não havia mais motivo, não havia mais tempo, não havia mais razão. Então, ligo por quê?

"Qual o seu hotel em Paris?"

Ah, agora ele quer saber em que hotel eu vou me hospedar em Paris? Agora? A menos de 24 horas do meu embarque? Agora ele vai esperar um pouquinho.

"Não sei, Walter, foi minha mãe quem fez as reservas... Vou tentar falar com ela e te mando um e-mail. Mas por que a pergunta? Você vai estar em Paris esses dias?"

Talvez, foi a resposta dele. Talvez. Sujeito estranho. Ainda assim, no dia seguinte, às vésperas do embarque, mandei a mensagem com telefone e endereço. E dessa vez ele ligou, três dias depois, no sábado. O assunto já estava ofuscado em minha memória diante da beleza de Paris. Havíamos almoçado, minha mãe e eu, e voltado ao hotel. Havia um recado dele, dizia que estava em Paris, pedia um retorno. Retornei. Ele atendeu e eu praticamente vi aquele tal sorriso do outro lado da linha.

"Então você está em Paris, Walter? O que te traz, trabalho?"

"Na verdade, Ana, eu vim a Paris apenas para te convidar para jantar."

Silêncio. Uma fração de segundos. Ninguém atravessa um oceano só para convidar uma mulher para jantar, então essa possibilidade estava fora de cogitação. E, se é assim, o que é que ele quer de verdade? Pode ter vindo para um compromisso profissional e aproveitou para dar um passeio com a moça da TV. Ou, hummm, pode ser sequestro!

"Ana, cheguei hoje e vou embora amanhã. Por favor, aceite meu convite, eu realmente só tenho esta noite. E só estou em Paris por esse motivo."

"Mas eu estou com minha mãe..."

"Sua mãe será muito bem-vinda!"

Jogada de mestre. Mamãe convidada. A essa altura ela já fazia sinal de não com o dedo. Nem sabia direito que história era aquela, mas já dizia que estava cansada para mais um passeio. Enfim, aceitei. Marcamos às oito. Desliguei e expliquei a situação para mamãe e para a Guta, que, por coincidência, também passava férias na cidade e havia acabado de chegar ao nosso hotel.

"Como é que você mal chegou a Paris e já tem um encontro marcado?"

Ambas pareciam animadíssimas. Eu, mais que desconfiada. Roupa para jantar era um problema. Além da mala cheia de uniformes para a Copa do Mundo eu tinha um smoking preto que levei para o caso de uma eventualidade na Coreia do Sul ou no Japão. E o vestido vermelho. Novo. Havia comprado naquele dia. Lindo. Justo. Não muito curto. Um vestido sensual. Enquete. Mamãe e Guta votaram no vestido vermelho. Eu me decidi pelo smoking preto.

Vou lá sair com alguém que mal conheço, que inventa uma história absurda de que voou de São Paulo até ali para me ver, que tem aquele sorriso lindo e franco, de vestido vermelho? O homem vai achar que estou desesperada. Nem pensar.

Olhando do ponto de vista de mais de uma década de distância, a situação ainda é emblemática. Minha mãe e minha melhor amiga não viram nada de estranho naquele convite para jantar. Consideraram charmoso o gesto do desconhecido. E nem passava pela cabeça delas que eu não fosse merecedora de um plano de conquista como aquele.

Era eu que não me considerava interessante o bastante para uma viagem transatlântica e relâmpago como aquela. Ou pelo menos não conseguia vestir o modelito romântico. E muito menos o vestido vermelho. Afinal, qual era o problema do vestido vermelho?

Era a mensagem que ele passava. Para mim, seria como dizer a Walter: “Eu gostei desse convite, você me surpreendeu, eu esperei que você ligasse, eu queria sair com você, estou lisonjeada com sua atitude”. Vestida de vermelho eu seria uma mulher a ponto de perder o controle. Vestida de vermelho eu estaria quase frágil. O smoking preto me protegeria como um escudo de segurança, de autossuficiência, de independência e autoafirmação. O smoking dizia “Não, não estou aflita por uma aventura romântica em Paris, inclusive porque estou indo para o outro lado do mundo e só volto em 45 dias. Além disso, não confio inteiramente em você”. Havia algo de masculino naquele smoking e algo de masculino naquela Ana Paula.

SERÁ UM SEQUESTRO?

Pobres homens que nem imaginam tantas preocupações por trás da roupa do primeiro encontro. Mas eles intuem. Uma roupa diz muito sobre uma mulher em qualquer situação. A sensação masculina diante de uma mulher bem-vestida é imediata e direta. Naquele dia, poderia ser: “Uau, que mulher linda de vestido vermelho!”, e eu preferia passar a mensagem: “Uau, que mulher interessante de smoking preto!”.

Há, de fato, dois estereótipos para a mulher bem-sucedida: a mulher modelo, belíssima, cabelos longos e bem cuidados, a mulher que usa o poder sexy para se impor às demais. E o estereótipo da mulher firme, determinada, objetiva, quase masculina, a mulher que pode até ser bela, mas jamais usará atributos físicos para estabelecer seu lugar no mundo.

No cinema, na mídia, nos livros, há muito menos nuances para personalidades femininas do que para as masculinas. Os heróis masculinos podem ser másculos ou atrapalhados, arrojados ou tímidos, fortes ou frágeis. O espaço de interpretação dos papéis femininos é bem menos amplo e, naquela época, eu ainda precisava representar um desses papéis. Apesar de ser muito diferente hoje, acho que tomei a decisão correta e falo bastante sobre isso com outras mulheres. Que impressão queremos passar quando nos vestimos? Talvez hoje eu optasse pelo meio-termo. Um vestido de outra cor. Um terno

mais claro. Ou uma camisa justa. Mas eu não tinha nada parecido na mala. Conheço muitas executivas que, ainda hoje, só usam ternos. Eu tenho pouquíssimos ternos hoje. Minha segurança, que antes precisava estar fortemente validada por um dos estereótipos vigentes para descrever uma mulher poderosa, hoje está assentada no prazer de ser mulher. Uma mulher sensata o suficiente para usar bem o grau ideal de sensualidade que desejava naquele momento. Qualquer que seja a roupa que use.

Saí do quarto do hotel embalada no smoking preto assim que ele ligou avisando que já me esperava no lobby. Essa cena jamais se perderá de mim. E poderia estar em qualquer filme hollywoodiano. Quando a porta do elevador se abriu, eu o vi exatamente na minha frente, sentado numa poltrona Luis XV, olhando fixamente para mim. Tinha as pernas cruzadas e parecia confortável, usava calça e blazer azuis, camisa branca. Roupa de executivo. Ele sorriu ao me ver. Ali, naquela hora, eu tive a intuição de que seria ele — e seria para sempre. Anos depois, em outra viagem a Paris, Walter reencontrou o hotel onde minha mãe e eu nos hospedamos. As poltronas ainda estão em frente aos elevadores. Ele sentou-se em uma delas, como naquele dia, meu marido, um romântico inveterado. Ele também soube, naquele momento, e voltou até lá para reviver a certeza.

Depois do como-vai-você, tudo-bem, saímos andando a esmo e o acaso nos levou a um dos passeios mais lindos de Paris, margeando o Jardim das Tulherias em direção à avenida Champs-Élysées. Ainda era dia, o sol cai tarde nessa época do ano no Hemisfério Norte. Não me lembro de nada do que falamos, mas me lembro do caminho, da maneira orgulhosa como ele me ofereceu o braço e me conduziu pela calçada, de como caminhava de cabeça erguida. Paramos num bar enorme, nos acomodamos no balcão, brindamos com champagne e ele perguntou, então, se eu conhecia um restaurante chamado Le Petit Robinson. Nunca tinha ouvido falar. Ele sorriu satisfeito, sugeriu que pegássemos um táxi, tínhamos reserva no local. E foi nesse táxi que as ideias estranhas sobre sequestro me voltaram à mente. O carro começou a deixar a cidade. Mas que raio de restaurante é esse, fora de Paris? “É um lugar tradicional, fica na periferia”, respondeu ele, segurando minha mão.

Sou dessas pessoas que se perde dentro de casa. Já cometi desatinos indescritíveis por falta absoluta de senso de direção. Quando me mudei para São Paulo, essa cidade na qual até paulistano se perde, demorei um ano para juntar coragem e comprar um carro. Tinha medo de nunca conseguir chegar a lugar nenhum. Os argumentos a favor da minha “motorização”, digamos assim, eram de que a capital paulista é plena de placas, basta segui-las! Tentei. Segui a placa onde se lia Santo Amaro imaginando que chegaria à principal avenida próxima ao bairro onde eu morava. Fui parar no fim da zona sul da cidade e tive que pagar um táxi para me guiar de volta. Um dia resolvi passear no domingo, a pé, no bairro. Nada feito: me perdi. Ameaçava chover forte. Imagine a manchete: “Famosa jornalista de TV perdida em seu próprio bairro pergunta a pedestre como chegar em casa”. Não dá, né? Achei um supermercado. Comprei meia dúzia de coisas e pedi entrega em domicílio. E fui seguindo o entregador até meu endereço. Certa vez, dirigindo de Belo Horizonte para Brasília, parei para abastecer. Acabei saindo do posto pela entrada e voltei na estrada por 150 quilômetros, até reparar que as coisas estavam meio repetitivas. Sou uma eterna preocupação para os amigos que me conhecem. Eles sabem que vou me perder, em qualquer lugar! Já me perdi indo do camarim da TV Globo no Rio para o estúdio de onde era apresentado o Jornal Hoje. Uma lástima. Quando finalmente fui encontrada, mal tive tempo de pregar o microfone na camisa. Correu-se o risco de, pela primeira vez na história da TV, um jornal não ir ao ar porque a apresentadora se perdeu nos corredores

da emissora! Ou seja, meu caso é grave. E não me orgulho nem um pouco dessa ausência total de GPS em meu DNA. Só narro os fatos acima para contar que, mesmo não tendo a menor ideia de para onde aquele táxi estivesse indo, comecei a mencionar os locais por onde passávamos como se os conhecesse muito bem. Estava morrendo de medo. Tive certeza, naquela corrida de táxi, que toda aquela encenação era, afinal, um sequestro. Só isso fazia sentido.

“Estamos a caminho de Lesigny, não é mesmo senhor?“, eu disse ao motorista. “Conheço bem esse caminho, Walter, cobri a Copa de 1998 aqui, fazia muito esse trajeto, sei exatamente onde estamos.”

Walter não se abalou. Estava feliz e isso transparecia. É um ator, pensava eu, apavorada. Felizmente — ou infelizmente — o motorista do carro era do meu time e também se perdeu ao tentar encontrar o endereço do restaurante. Continuamos o trajeto a pé e foi quando eu comecei a achar que, para um sequestro, a situação era estranha. Já era noite, então. Caminhávamos à beira de um canal e, subitamente, uma lua imensa e amarela surgiu no horizonte à nossa frente. Nem eu, a definição do ceticismo, consegui manter o coração gelado. Se fosse uma armadilha, já teria valido a pena. Andamos na direção da lua sem pressa e sem nenhuma certeza de que o trajeto nos levaria ao lugar correto. Aliás, àquela altura, qualquer lugar seria o lugar correto. Foi quando a música chegou aos nossos ouvidos.

“Estamos perto! É a orquestra do restaurante.”

Walter havia buscado um lugar surpreendente. Achou que não ganharia minha atenção me levando a endereços manjados, por mais sofisticados que fossem. Optou pelo risco. E sempre foi assim, desde então. Le Petit Robinson é um restaurante simples, de bairro, frequentado unicamente pelos moradores da vizinhança. Em geral casais mais velhos — eles de terno e gravata, elas de vestido florido — que gostam de dançar juntinhos ao som da tradicional música francesa tocada ao vivo. Não é lugar de turismo. E por isso mesmo, no Le Petit Robinson, nós fomos a atração da noite.

Mais champagne, mais papo agradável. Walter é um homem extremamente inteligente, além de muito culto. Isso eu já sabia. A grande surpresa da noite? Ele sabe dançar.

Tenho o péssimo hábito de, na pista de dança, acabar levando meu par. Fui bailarina, conheço os compassos, aquele é meu terreno. Instintivamente, tentei comandar. Ele parou, me olhou nos olhos e sentenciou: “Eu levo”.

Nesse ponto da narrativa, já imagino feministas com tacapes em punho para me escalar e os teóricos da fraude da independência feminina comemorando a chegada de uma aliada. Calma, gente. O eloquente no gesto não foi a voz de comando do homem sobre a mulher nem a tese de que boa parte das mulheres independentes do mundo está louca para encontrar um parceiro que mande nelas. No meu caso, naquele dia, o que admirei naquele homem foi a coragem. Desde o começo, ele fez tudo que não seria aconselhável. Não me ligou quando eu esperava que fizesse isso, atravessou o Atlântico para me fazer um convite inesperado correndo o grande risco de ouvir um não. Evitou a obviedade na escolha do programa e deixou claro que toma suas decisões diante de quem quer que seja. Por mais importante, legítima e bem-vinda que seja a igualdade de gêneros, confesso que há coisas que suporto melhor numa mulher do que num homem. Mulheres covardes são apenas coitadinhas. Homens covardes não são qualificáveis. Nem entram no jogo.

DIFERENTES PORÉM IGUAIS

Sim, entre uma música e outra nós nos beijamos e fomos o último casal a deixar o restaurante. A dona do lugar, encantada com a aura de romance que contagiou todos os casais naquela noite, convocou um amigo para nos levar de volta a Paris, já que não havia mais táxis disponíveis àquela hora. Na porta do meu hotel, Walter se despediu com aquele sorriso que não era de triunfo, não era de vitória, não era de um personagem, era o sorriso que me ganhou desde o início, farto e honesto e perguntou se podia nos acompanhar, à minha mãe e a mim, no passeio do domingo. Eu disse que sim, sorri, virei de costas subindo vagar os andares da escadaria que levava à entrada principal quando ouvi:

“Ana, muito cuidado para atravessar a rua!”

Uau, aquele era um homem muito estranho! Que espécie de despedida era aquela? Cuidado para atravessar a rua? Que rua? Walter cuida de mim desde aquele dia. Essa é uma de suas maneiras de demonstrar amor. Cuidar da saúde, da segurança, da autoestima de quem ama. Não deixei de viajar, inclusive para regiões perigosas do mundo, depois que nos casamos. E ele não deixou de se preocupar. Nunca abdiquei da minha vocação cigana. Ele nunca tentou impedir, mas também nunca fingiu tranquilidade. Viajei, para vários cantos do mundo, enfrentando a aflição evidente de meu marido e seu óbvio sofrimento com minha ausência. O respeito pelo que cada um de nós é e a admiração pelo que construímos individualmente a partir do que somos nos mantêm juntos, doze anos depois. Somos muito diferentes em muitas questões importantes da personalidade. E muito parecidos naquilo que não é negociável. Valores. Walter sabe o que quer, sempre soube. Mais do que eu, que ainda luto diariamente para saber o que não quero de jeito nenhum.

No dia seguinte àquele primeiro encontro, saímos por Paris num passeio com minha mãe. Visitamos a catedral de Notre Dame, a ilha de Saint-Louis, embarcamos num tour pelo Sena e vimos as luzes mudando de cor, deixando a cidade amarelada no fim do dia.

Já sozinhos, procurando um restaurante simpático para jantar, atravessávamos uma das pontes sobre o rio quando Walter parou, olhou no fundo dos meus olhos e me disse que viajou até ali apenas para me entregar sua vida. Disse-me que sabia, desde nosso primeiro encontro, que eu era a mulher para ele, mesmo que nunca ficassemos juntos. Que muitas vezes foi até a Globo dar entrevistas, apenas para me ver de longe. Que esperou o meu tempo. O meu interesse. E que esperaria mais, se fosse preciso. Esse talvez tenha sido o momento mais romântico da minha vida inteira. E o que eu fiz? Tive raiva. Sim, tive raiva dele diante daquelas palavras. Que motivo leva um homem a dizer coisas assim para uma mulher que sabe que isso não é real? Não existe?

“Desculpe, Walter, não acredito em Papai Noel, você não é um ET e tem alguma coisa muito errada aqui.”

Ele riu. E continuou caminhando ao meu lado. Não havia nada errado.

A CONQUISTA DE NÓS DOIS

Casamo-nos exatos 125 dias depois desse diálogo de sonho na Pont Neuf. Destes, não nos vimos durante os cinquenta dias em que fiquei entre Coreia do Sul e Japão. Falávamos longas horas pelo telefone. Tentávamos nos conhecer, realmente, via Embratel. Os diálogos eram tão longos que, um dia, Walter recebeu uma ligação da companhia

telefônica! Disseram a ele que, dado o valor altíssimo da conta, a companhia teria que emitir um boleto para pagamento antes do fim do mês. E que passariam a emitir cobranças semanais caso os gastos se mantivessem naquele nível. Eu comprava cartões telefônicos de cem dólares e gastava um por telefonema.

Walter prestava muita atenção a tudo que eu dizia. Reclamei, um dia, da dificuldade de comer qualquer coisa no café da manhã dos hotéis coreanos. Os hábitos alimentares locais eram muito diferentes dos meus. Pois ele mandou para mim uma caixa de água de coco, que eu adoro tomar no desjejum. Claro que os Correios não permitem o envio desse tipo de encomenda mas, depois de desfiar sua história de amor para o atendente do posto, Walter comoveu o funcionário que deu um jeitinho na situação.

Passamos por situações hilárias! Os jornalistas especializados em esporte diziam que o Brasil não passaria das quartas de final. A seleção brasileira, afirmavam os entendidos, apesar das grandes estrelas com que contava, era fraca como um grupo. Um ano antes havia sido eliminada da Copa América jogando contra Honduras! Se o Brasil fosse desclassificado da Copa, a apresentação do Jornal da Globo, lá, do outro lado do mundo, deixaria de fazer sentido e eu poderia voltar para casa. Conteí isso a Walter e, a partir daí, pensamos em torcer para que o Brasil perdesse, coisa que nunca conseguimos cumprir. Cada confronto era um sofrimento. Ele, em São Paulo, vendo a transmissão pela TV ao lado do filho, Pedro, um fanático pelo esporte que tinha no pai o grande companheiro para cada partida. Eu, que via todos os jogos no campo onde se realizavam, quase sempre chorava ao fim da partida — de orgulho do time e de tristeza por saber que o projeto-volta-para-casa ficava um pouquinho mais distante.

Até hoje ficam muito dessa fase. Os craques do Brasil foram até o fim e trouxeram o pentacampeonato. Isso manteve a distância física entre mim e Walter por um tempo maior, mas acentuou a relação que desenvolvíamos atrás do escudo do telefone. Divertíamos-nos mantendo nossos segredos sussurrados ao ouvido. Nossa cumplicidade via satélite. As surpresas e a convicção com que ele tratava sua disposição em estar comigo, mesmo tão longe de mim, foram implodindo minhas defesas. Ainda assim, tivemos muito que compreender um sobre o outro e fizemos isso já casados. Nunca consegui que ele fizesse as coisas do meu jeito. Ele só faz o que quer. Ele nunca conseguiu que eu assumisse uma personalidade mais serena e traçasse planos pessoais de longo prazo. Sou do hoje. Esse é um dos saudáveis desafios que nos unem. Qualquer união duradoura é o contrário da acomodação. Sabemos que pertencemos, de alguma maneira, um ao outro. Mas sabemos também que não comandamos um ao outro. E que todos os dias precisamos nos empenhar para manter o que já conquistamos de nós dois.

O CORAÇÃO DE VIDRO MUDA DE MÃOS

A volta ao Brasil foi um encontro de pessoas que já sabiam muito um sobre o outro e ainda assim conheciam-se pouco. Eu havia visto aquele homem quatro vezes na vida e vice-versa. Fazia calor, eu me lembro, apesar de ser inverno. Ele usava uma camisa amarela e calça jeans. Eu não queria chegar usando uniforme e corri para comprar uma roupa nova em Tóquio. Um terninho, claro. Ele me esperava na área de desembarque de passageiros do aeroporto de Guarulhos, em São Paulo. Nos reconhecemos, claro, mas ainda assim nos estranhamos. Lembro-me de um abraço forte embora acanhado e de um certo constrangimento no passo seguinte. Um beijo? Sim, um beijo entre duas pessoas

praticamente desconhecidas e que se amavam. Fomos para o apartamento dele, dias depois para o meu e nunca mais nos separamos.

Logo depois do casamento, em novembro de 2002, embarquei para três semanas na África. Acompanharíamos o trabalho do Comitê Internacional da Cruz Vermelha em várias regiões de conflito e fome. Na fronteira do Quênia com o Sudão, que recebia inúmeros feridos de guerra num hospital improvisado, presenciei, pela primeira vez na vida, quatro cirurgias simultâneas na mesma sala, uma tenda de lona. Enquanto uma perna era amputada na primeira maca, uma bala de fuzil era retirada da cabeça de um sudanês na segunda e assim por diante. Entre as mesas cirúrgicas, circulava um enfermeiro que tinha papel fundamental: ele usava um mata-moscas para abater os insetos e evitar mais infecções. Fomos também ao Congo, na fronteira com Ruanda, país onde se deu um dos mais sangrentos genocídios da história: a matança entre as etnias hutu e tutsi. Milhares de corpos foram atirados no lago Kivu. A cidade de Goma, perto dali, havia sido devastada pela erupção do vulcão Nyiragongo. A guerrilha usava crianças-soldado para desafiar o governo central. Estivemos na Etiópia, perto da fronteira com a Somália, na região atingida por uma das maiores crises de fome da história. Enquanto eu me assombrava com tudo que via, Walter definhava no Brasil. Perdeu oito quilos durante esse período em que fiquei fora. A dificuldade de comunicação era dramática. Mesmo antes de embarcar eu sabia que ele ficaria deprimido. Intuíamos nossa primeira grande dificuldade de adequação. Walter se dividia entre o orgulho da mulher jornalista e a preocupação com a mulher com quem havia acabado de se casar. Eu me dividia entre a felicidade da lua de mel e os compromissos assumidos no trabalho muito antes do casamento.

Foi quando me lembrei do coração de vidro. O coração vermelho cortado naquela fábrica de vitrais e que ficou desde então na minha carteira. Sempre pensei que pudesse dá-lo a alguém. E Walter o merecia. Eu estaria longe, mas meu coração ficaria com ele. Eu tinha vontade de dizer e viver todos os clichês de amor que sempre critiquei. Era hora de sentir coisas nas quais eu nem acreditava. Papai Noel. ET. Um homem honesto e apaixonado. A quem eu confiei meu coração de vidro como o bem mais frágil e poderoso que eu tinha.

O RADICALISMO DO AMOR

Walter é um homem muito seguro de si. Sabe quais são seus limites e reluta em alterar essas fronteiras. Eu sou uma insegura em potencial. Tudo que fiz foi por coragem, pelo desafio de vencer o medo, pelo desejo de suplantar meus limites, inclusive o da insegurança.

Limite, portanto, é um terreno movediço para mim. As diferenças entre nós são incontáveis. Eu nunca abro janelas e nunca fecho portas. Ele abre todas as janelas assim que acorda, tranca todas as portas assim que entra em casa. Depois do casamento, o acordo mais demorado foi sobre os guarda-roupas. Portas abertas atrapalham tudo. Portas fechadas me fazem muito infeliz. Mas chegamos ao consenso: eliminamos as portas. Os amigos acham meio estranho, mas é assim que é. Um guarda-roupa sem portas. Além disso, eu aprendi a abrir as janelas toda manhã. Mas, quando ele viaja, confesso que ainda deixo as portas destrancadas.

Temos dois tipos de cobertor na cama. Um bem levinho, porque ele é calorento. Um bem quente e pesado, porque eu sou friorenta. Travesseiros altos e firmes pra ele.

Travesseiros molinhos e finos pra mim. É só uma questão de adaptação. Ele gosta de free jazz. Eu gosto de música pop. E soul. E forró. E sertanejo universitário. E qualquer coisa que as pessoas com quem eu estou estejam ouvindo. Sou a adaptável.

Sou de sagitário, saio atirando flechas por aí. Ele é capricorniano, pondera sobre tudo. Ele é contemplativo. Eu sou dinâmica, mas agora reparo na lua. E, de onde estou na minha vida maluca, mando uma mensagem pra ele olhar também. Apreendi com ele a delícia de um longo abraço, mas demorou. Em geral ele usa a força física pra me segurar ali, contra o peito dele, até que eu me acalme e desista de arrumar mais uma prateleira ou responder outro e-mail. E aí, pasmem, eu gosto. E me submeto. Ele gosta de exercício, eu sou preguiçosa. Ele é plural, eu, obsessiva. Ele é italiano, sofre. Eu, quase alemã, me escudo. Nosso amor é uma gangorra. Mas existe e é honesto em todas as diferenças. As pequenas grandes diferenças que eu amo nele. E que ele deve amar em mim. A gente se entende porque quando ele perde as chaves, eu acho. E quando eu perco a cabeça, ele entende. Walter é a minha bússola.

Por causa dele finquei âncora numa cidade como São Paulo, um dos centros urbanos mais assustadores que tive oportunidade de conhecer. Morar nessa megalópole depois do período em que fui correspondente no exterior foi um choque. Era apavorante abrir a janela do hotel onde fiquei algum tempo, assim que cheguei, e não saber nem pra que lado fica o Norte. Aluguei um apartamento no bairro que me indicaram. Trabalhava de segunda a sábado. Mais de doze horas por dia. No domingo, exausta, respirava fundo e me obrigava a sair de casa, mas raramente me arriscava a sair daquele bairro. Comprava os jornais e revistas na banca mais próxima. Virava à esquerda e caminhava um quarteirão, de cabeça erguida, até um restaurante simpático do qual virei cliente. Não posso dizer que tenha sido um período fácil.

Nunca fui de temer o desconhecido. Já mudei muito de cidade, mudei muito de casa. O problema é que fincar raízes não é meu ponto forte. Saí da minha terra natal sabendo que nunca pertenci a ela. E, a partir daí, acampeí, alegremente, pelo mundo. Morei em lugares que amei, outros nem tanto. Não importava muito. O destino era a viagem. Dormi nas camas mais esquisitas: carpete de aeroporto, saco de dormir no deserto, quarto de hotel chinfrim com baratas, rede pendurada em barco. Não é que eu seja boa de sono, a insônia é antiga companheira. A solidão também. As duas dividem espaço comigo desde sempre. E nos gostamos, apesar dos pesares.

Não foi isso que mudou depois do Walter. Minha relação emocional com a vida mudou. Agora eu pertenco a um lugar. Sou de São Paulo. Como talvez nunca tenha sido de lugar nenhum. Walter me ensinou a reconhecer os caminhos, a diferenciar os bairros pelas suas características tão especiais. Ensinou-me a reconhecer qual, entre tantas opções, é a que mais se parece comigo. Walter me ajudou a entender a lógica do caos paulistano. E a gostar, pela primeira vez na vida, dessa sensação de pertencimento. O que ele me deu não é mensurável. Walter me deu a segurança de ser quem eu sou e me saber capaz de ser amada não importando o que eu faça ou o que aconteça. Sem condições. Com ele, e por causa dele, deixei de temer a estabilidade de ser de alguém, de algum lugar, de alguma causa. A associação que eu fazia entre liberdade e acampamentos ciganos foi substituída por outra, aquela assentada no fato de que a liberdade não está na forma, mas na essência.

Adoro viajar e sei que isso nunca vai mudar. Eventualmente, levo a insônia e a solidão comigo. São antigas companheiras, já arrastamos nossas chinelas juntas mundo afora tantas vezes! Mas é bom saber que tenho para onde voltar. Para casa. Para São

Paulo. Para minhas lutas, minhas dúvidas e raízes que finalmente desenvolvi por vontade espontânea. Para o meu marido.

Sim, o amor chegou tarde em minha vida. Mas eu me perdoei também por essa demora. O amor exige uma delicadeza que a idade me ensinou a ter e que não é compatível com a luta em tempo integral por espaço, por equidade, por respeito. Para amar o outro precisamos nos amar densamente. Amar nossos defeitos, inclusive. O amor é exigente com a verdade. E quem é que encontra motivos para cuidar da verdade todos os dias se está num campo de guerra? Olhar-se no espelho, ver ali o que é essencial e o que é descartável e nunca usar os apêndices no amor ao outro? Isso exige tempo, um bem não renovável, escasso e caríssimo.

Amar é um desafio permanente, é viver a dor do equilíbrio. Os extremos são mais simples por serem mais óbvios. O meio-termo é complexo e rico. Já fui uma extremada. Abracei o desejo do equilíbrio na maturidade e só então pude viver o radicalismo do amor.

Posfácio:

Nós, as mulheres do mundo

Mondeví ria de tudo, mas principalmente de mim. Quando me perguntou se eu era casada, aponteí minha aliança no dedo anular esquerdo e fiz que sim com a cabeça. Ela emendou outra pergunta:

“E quantos maridos você tem?”

Olhei para o tradutor. É isso mesmo que ela quer saber? Sim. Encarei Mondeví e respondi, mostrando agora o indicador:

“Um!”

Ela caiu na gargalhada, e todas as outras riram também. Mondeví era uma das mais velhas. Se ela achou graça, as outras achariam. Mas além do respeito pela matriarca da vila, a situação era divertida de verdade. Eu, uma ocidental vestindo jeans, contando que tinha só um marido; e elas, indianas trajando vestidos coloridos e muito rodados, enfeitadas com lenços na cabeça, colares, pulseiras e brincos no nariz, rindo da minha incapacidade de atrair homens em boa quantidade. Deve ser a roupa, deduziram elas. Mondeví mandou que me vestissem com algo mais apropriado. Uma bata amarela com detalhes dourados e uma imensa saia escura, forrada de várias outras bem franzidas na cintura. E o tal lenço prendendo o cabelo. Quando me vi no espelho, lembrei de um bujão de gás que havia na cozinha da casa da minha avó. Elas concordaram que assim eu teria mais chances quando voltasse para casa.

Naquelas vilas muito isoladas, fincadas nas montanhas do Himalaia indiano, bem no norte do país, já pertinho do Tibet, não há TV, rádio ou outro meio de comunicação. São comunidades muito pequenas e pobres que dependem integralmente do que se planta ali, das criações de animais e da proteção oferecida pelas casas de madeira maciça que precisam resistir ao rigor do inverno. Tentei enviar a elas as fotos que tirei na visita, mas o envelope voltou ao Brasil. Endereço não localizado. Elas certamente não poderiam saber que em outras cidades e países mulheres não se casam com vários homens ao mesmo tempo.

Aquelas mulheres com quem passei três dias muito interessantes são poliândricas. Poliandria é o contrário da poligamia. Um costume que ainda resiste em pouquíssimos lugares do mundo. Na tradição local, quando o filho mais velho de uma determinada família

se interessa por uma jovem de outra família e é correspondido, o casamento é realizado e a noite de núpcias acontece logo depois da imensa festa, que pode durar até três dias. Mas, assim que o ato se consuma, o noivo permite que todos os seus irmãos mais novos venham morar com o casal e tenham, com a esposa dele, o mesmo tipo de relação que ele tem. Não se trata de um costume religioso nem de um hábito cultural que ignora a vontade da mulher. Ela pode se interessar pelo futuro marido inclusive levando em consideração quantos irmãos ele tem e qual deles mais a interessa. Se ela assim desejar, pode levar uma de suas irmãs para ajudá-la na nova vida.

Foi o que aconteceu com Mondeví. Ela se casou com o mais velho de cinco irmãos. Como eram muitos, ela achou melhor incluir a irmã mais nova no arranjo. Por muitos anos, Mondeví viveu um casamento feliz de duas esposas com cinco maridos que, juntos, tiveram oito filhos. Minha anfitriã tinha no rosto marcas profundas, de quem viveu bem mais do que seus cinquenta e poucos anos. A irmã e dois dos maridos já eram falecidos quando conheci a família. E, apesar das dificuldades, da pobreza e das limitações impostas pela geografia, Mondeví era uma mulher alegre e sorridente, uma dessas pessoas que usam bem a ironia para fazer piada de si mesma e dos outros.

Cheguei a essas vilas poliândricas certa de que traria de volta uma história de submissão feminina. Imaginei, levada por minha própria percepção da realidade, que as poliândricas seriam vítimas de um arranjo econômico para que as terras, escassas, não fossem divididas e que viveriam como escravas sexuais dos vários homens de uma mesma família. Pois bem, essa imagem não combinava em nada com as faceiras e sorridentes esposas que encontrei por lá. Não precisei de meia hora para entender que as grandes beneficiárias do acordo — não previsto em nenhuma lei, é claro — eram elas!

Para aquelas mulheres era um divertimento ter tantos homens em casa. O comando das funções a serem desempenhadas por cada marido, de acordo com o talento de cada um, era definido por elas. Assim, aquele que elas considerassem o mais talhado para os trabalhos no campo se dedicaria à lavoura. O mais forte iria para o exército. O mais paciente ajudaria com as crianças. Todos eles recebem atenção sexual da esposa ou esposas numa escala organizada e definida, mas que também leva em conta as preferências delas. Sim, é perfeitamente possível que um deles seja o “eleito” e merecedor de atenções especiais.

Preconceitos limitam as potencialidades. Imaginar que só se pode ser feliz desta ou daquela maneira é um reducionismo pobre. Para aquelas poliândricas, a felicidade não está ancorada no amor romântico da Hollywood ocidental. Mas, se ampliarmos o conceito, não há fórmula de felicidade que deva ser seguida por todas as mulheres do mundo — a não ser aquela que delimita o respeito que devemos ter por nós mesmas. O mesmo que, teoricamente, dedicamos ao outro.

No Butão, uma monarquia instalada em um minúsculo território vizinho da Índia e da China, encontrei famílias estáveis e felizes, mas que também não se formam de maneira convencional. A religião oficial é o budismo tântrico, que aceita o sexo como instrumento de elevação espiritual. O órgão genital masculino é venerado pelos habitantes do reino, que o esculpem em madeira, algumas vezes com asas, e o penduram nos quatro cantos dos telhados das casas para atrair proteção. Alguns o penduram no pescoço para espantar a energia ruim.

Em uma determinada noite do ano, jovens que se aproximam da idade ideal para o casamento são autorizadas pelos pais a “esquecer” a janela de seu quarto aberta. Naquela madrugada, o rapaz que mais a interessa pode pular direto para a cama da jovem para

uma espécie de ensaio do que será o relacionamento futuro. Se tudo correr bem, o casamento se concretiza. Se o casal concluir que não há, digamos, empatia suficiente entre eles, uma nova tentativa é feita no ano seguinte. Virgindade não é um valor importante. Fundamental é que marido e mulher se relacionem bem em todos os sentidos e assim formem uma família harmoniosa e unida.

A astrologia também ajuda. Os mosteiros, as mais importantes instituições do Butão depois da realeza, formam monges astrólogos que são consultados para tudo. Desde a data ideal para uma celebração até o nome que deve ser dado a um bebê. Curiosamente, apesar da liberdade sexual das mulheres, filhos homens são mais valorizados. A explicação é religiosa. Os grandes deuses e gurus são homens. Só homens podem estudar o budismo e disseminá-lo. Mulheres ficam à sombra desse poder divino. Um dos monges astrólogos que conheci me disse que poderia dar um jeito para que eu conseguisse voltar como homem em minha próxima encarnação. Agradei, mas declinei. Adoro ser mulher e continuaria adorando em qualquer lugar do mundo, nesta ou em qualquer outra vida.

As butanesas e as poliândricas vivem realidades inteiramente diferentes. E também não se pode comparar a vida que levam à das sauditas sob a abaya* ou à das sudanesas expostas à fome e à guerra. Na Islândia, conheci mulheres que viram bruxas quando adotam os rituais do paganismo. Elas conversam com duendes e deuses tão brincalhões que até escondem coisas só para se divertir enquanto os pobres mortais procuram o objeto desesperadamente. Na China, há pequenas cidades onde o matriarcado é regra. Todos os bens materiais da família são herdados pelas mulheres, que podem ter filhos com quantos homens quiserem e levar para a própria casa o companheiro que desejarem naquele momento.

Muita gente me pergunta se não me senti aviltada pelas limitações impostas às mulheres quando visitei o Afeganistão sob o regime talibã. Claro que sim. Sofri e me solidarizei com cada mulher impedida de trabalhar ou estudar. Isso não me impede de adorar civilizações e suas diferenças. Mesmo sob a burca, no interior do Afeganistão, uma parte das mulheres sentia-se protegida e amparada pelos maridos e considerava o uso obrigatório daquela peça do vestuário uma forma de se fazer respeitável socialmente. De que serviria impor a essa mulher o jeito ocidental de encarar a equidade de gêneros? A beleza do mundo está no que é distinto.

Tenho muita preguiça de tentativas de imposição de modelos genéricos de prazer, sucesso ou felicidade. A tal globalização é o fenômeno de ampliação das possibilidades de cada um pela facilidade de acesso à informação. Se a informação é boa e sua disseminação é democrática, o indivíduo que a consome cresce. E escolhe. Um mundo globalizado não é um mundo plano e igual. E tecnológico não é antônimo de humanístico. Não acredito em movimentos ou líderes que não considerem a liberdade de escolha e a essência exclusiva do indivíduo. O poder é individual e seu único valor é o da escolha que nasce dele. Essa é a verdadeira felicidade. "Aquilo que você nunca quer que acabe", diz o professor de ética Clóvis de Barros Filho. Momentos que você gostaria de preservar por neles ter sido "mais você" e ter vivido "o prazer de ser único e pleno em suas potencialidades".

SOMOS TODAS IGUAIS?

Apesar das diferenças, hoje penso que é possível identificar um traço comum à

imensa maioria das mulheres, em qualquer canto do planeta. É na maternidade que elas se igualam e se comportam de forma previsível. É a partir da necessidade de proteger a cria e seguir o ritual de perpetuação da espécie que a mulher desenha sua principal característica justamente por ser comum a todas e compor nossa homogeneidade: o fato de sermos gregárias. A comunidade é a melhor proteção aos bebês na ausência da mãe. Ela pensa nisso e, instintivamente, prepara para eles um berço seguro traçando laços sociais estáveis ainda que não consiga preservar a própria vida. O sedentarismo deve ter sido uma vitória feminina na história da humanidade. Por mais que eu adore os ciganos devo aceitar que é menos perigoso ser sedentária.

Esse único traço biológico de nosso caráter foi responsável, em grande parte, por todos os nossos infortúnios como fêmeas.

“Mulheres são como Midas ao contrário, o que elas tocam vira nada!”

A frase, que eu adoro, é da escritora Rosiska Darcy de Oliveira e traduz inteiramente a história — ou a não história — da mulher. Os homens iam à guerra, nós ficávamos à espera de quem poderia nunca retornar. Os homens se deslocavam em longas caçadas, nós nos uníamos umas às outras na angústia da dependência do alimento. O que eles faziam virava lenda. Enquanto isso, nós aprendíamos a ouvir durante o sono, a ver com os olhos fechados, a multiplicar nossas funções no mesmo espaço de tempo.

Tudo que é generoso o suficiente para garantir a vida na Terra, a lógica da força masculina transformou em fragilidade e submissão. Passamos a ser associadas apenas à emoção e ao caos, enquanto os homens representavam a razão e a ordem. De fato, a mulher nunca existiu de direito, sua importância nunca foi registrada. Nossa existência não aconteceu na história escrita. Não éramos ninguém. Quando vieram as leis, viramos acessórios previstos nas regras sociais. Desde a Grécia antiga já não éramos consideradas cidadãs, não tínhamos direitos civis e só podíamos comprar ou vender algum bem representadas por um tutor. O direito romano nos ensinou, mais tarde, que nossa fraqueza intelectual justificava que estivéssemos sempre sob o poder de um homem. E muitos continuam a defender que significamos mais quando nos posicionamos nos bastidores, quando não somos nada senão a atenção que damos ao outro e a suas demandas.

Este livro está longe de ser um manifesto feminista — embora eu acredite veementemente que todos aqueles que cultivam a equidade de gênero são feministas. E me incluo, orgulhosa, nesse grupo. Quando se apresentou como movimento, no século passado, o feminismo levantou bandeiras radicais de igualdade entre os sexos. Apesar de saber que não somos e jamais seremos iguais, sei que não há como provocar mudanças importantes na sociedade sem exagerar na dose das manifestações. Toda revolução ultrapassa algum limite. No caso do feminismo, quanto mais nos aproximássemos das características masculinas nas sociedades ocidentais, mais ganharíamos em espaço de independência.

Permito-me levantar a questão: seriam aqueles homens independentes? Quando penso no papel de provedores que os chefes de família dos anos 1950 desempenhavam só o que sinto é piedade e tristeza. Ser homem significava ser bem-sucedido, liderar equipes com segurança e competência, fazer carreira em uma empresa estável e escalar os mais altos postos de comando, ganhando salários cada vez melhores. No âmbito doméstico, era imprescindível ter uma esposa bonita, bem-vestida e perfeitamente ajustada ao desempenho de suas funções de dona de casa e mãe, e morar numa casa confortável e espaçosa o suficiente para ser exibida aos amigos e vizinhos. Crises, profissionais ou familiares, não poderiam constar no script do homem. Aqueles que não se adequassem a

esse perfil eram os perdedores sociais, os párias, os fracassados. Ser homem era carregar o imenso fardo do sucesso obrigatório que só leva a um poço de solidão ou a uma vida paralela. Elas — e também elas — eram todos personagens dos papéis possíveis naquele momento histórico. Nós, mulheres, talvez desejássemos aquilo que não era de todo real.

De qualquer maneira o feminismo, ajudado pelo advento da pílula anticoncepcional, fez com que chegássemos perto daquilo que mais invejávamos nos homens: a tal liberdade (que, vista bem de perto, poderia ser apenas outro tipo de prisão). Aprendemos a ser como eles, se assim quiséssemos, embora eles não tenham adquirido nenhuma das características consideradas femininas. Em vez de nos tornarmos iguais, como pregava o feminismo, mulheres e homens ficaram ainda mais diferentes e distantes. Mudou apenas o contexto.

Para Rosiska Darcy, a maior consequência de nossa “transgressão” para entrar no mundo do trabalho foi “ocultar o mundo do privado”.

“Nós aceitamos as condições que nossa revolução causaria e não colocamos na mesa de negociações o tempo social. Só nos restou tratar o tempo como coisa elástica. Mas o tempo não é inesgotável. Mesmo o homem mais rico do mundo não pode comprá-lo porque a morte não o vende. A aceleração no ritmo de vida, principalmente das mulheres, transborda as 24 horas, provoca angústia e torna nossa vida insustentável.”

Ouvi essas frases da escritora, integrante da Academia Brasileira de Letras desde 2013, em um seminário sobre o valor do tempo na sociedade moderna. Mas li pela primeira vez as teses da imortal sobre o tema em 2003, à época do lançamento de seu livro *A reengenharia do tempo* (Rocco, 2003). A leitura foi um ponto de inflexão em minha vida. Depois daquele livro eu descobri parte daquilo que tanto me faltava: tempo.

Não levamos em conta o tempo da paixão, da criança, do ócio ou da beleza quando mimetizamos os homens. Precisamos renegociar os termos da nossa própria revolução. Sabemos agora, ou pelo menos algumas de nós intuem, que o tempo é algo não cambiável e que é preciosíssimo dentro da escala feminina de valores.

No início deste capítulo, quis acentuar que, mesmo muito diferentes, nós, mulheres, temos atributos comuns a todas. Atributos que por muito tempo renegamos influenciadas pela sensação de que eles nos aprisionavam e diminuía. Acredito ser importante reafirmar que tudo aquilo que aprendemos ser objeto de desqualificação é parte de um conjunto de virtudes. Não é preciso apagar quem somos para sermos melhores. Temos características, inclusive biológicas, das quais deveríamos nos orgulhar. Mas todo o longo período em que vivemos submetidas à depreciação e à crítica pesa muito na balança da nossa própria avaliação.

O fato é que o passado ainda nos ronda. Ele deixa suas digitais no presente das mulheres e contamina de incertezas nosso futuro. Precisamos aprender a ser mulheres. Temos que acreditar que não há limites determinados pelo gênero. Temos que fincar nossas unhas no que conhecemos de nós e naquilo que é mais belo em nós. O que nos define não nos delimita. Ou, como disse a irlandesa Caroline Casey em um dos eventos da *Tempo de Mulher* realizado em São Paulo, “impossível é apenas uma opinião”.

A IMPORTÂNCIA DE AMAR A SI MESMA

Caroline é uma personagem absolutamente especial. Sua palestra arrancou cinco minutos de aplausos das 1200 pessoas, em sua maioria mulheres, que lotavam o auditório.

Caroline contou sua história de vida. Teve uma infância corriqueira, estudou em uma escola com tantas outras de seu país, foi uma criança sonhadora e aventureira. Só se deu conta de que era diferente quando, aos dezessete anos de idade, cismou de aprender a dirigir. Foi quando, ao lado dos pais, ouviu de seu oftalmologista que havia nascido com uma doença genética chamada albinismo ocular. Caroline, apesar de conseguir enxergar objetos que estejam a menos de cinquenta centímetros de distância do seu rosto (e ainda assim como sombras embaçadas), é legalmente cega. E jamais poderia dirigir um automóvel. Não poderia fazer centenas de outras coisas que exigem a visão. Mas seus pais, audaciosamente, preferiram nunca impor à filha tais limitações. Não só nunca disseram a ela, de maneira objetiva, que ela não podia ver, como nunca a proibiram de realizar qualquer tarefa por causa da ausência desse sentido. Ela cresceu como uma menina normal e sentia-se capaz de tudo. Essa foi a grande vantagem competitiva de Caroline. Ela nunca se sentiu impedida, nunca aprendeu a não gostar de si.

“Não somos vítimas! Não precisamos ter permissão de ninguém. O poder é nosso!”, disse ela no seminário, dirigindo-se às mulheres da plateia como se nunca tivesse ocorrido a ela mesma que a falta da visão pudesse ser uma deficiência.

Estou convencida de que parte das nossas limitações como mulheres e aquilo que consideramos deficiências foi herdada da condição histórica feminina e aprendida na infância. Esse aprendizado perpetua códigos do passado e decorre de, basicamente, duas situações.

A primeira delas: precisamos aprender a amar. Amar o outro e amar a nós mesmas. E o amor não se aprende na escola, nem nos livros, nem na observação do outro. Amar só se aprende amando. Portanto, só quem recebe afeto é capaz de saber o que ele é e como compartilhá-lo. Mulheres são mais vulneráveis à ausência do amor na infância por várias razões. Em situações de pobreza extrema, são as primeiras a ter que colaborar no trabalho doméstico, como pequenas escravas da família. São também as mais sujeitas à violência, inclusive sexual. Em determinadas culturas, a mulher tem menos valor e percebe isso desde cedo. Ela nasce sabendo-se inferior. Mas o desamor às meninas também atinge famílias abastadas. Casais desajustados tendem a transmitir angústias e neuroses aos filhos pequenos. É muito comum a situação da mãe que disputa com a filha a atenção do marido e mina a autoestima da criança para desvalorizá-la diante de si mesma. E uma menina não amada pela mãe não amará a si mesma durante a vida adulta. Muitas mães tratam de maneira inteiramente distinta o filho homem e a filha mulher. O menino ganha mais contato físico, é mais beijado e abraçado. Para uma criança muito pequena, conexão física com os pais é sinônimo de amor. A mãe, neste caso, está ensinando o menino a amar. Apenas o menino. A menina não só não aprende como o amor se manifesta como ainda assimila a sensação de que não é digna daquele tipo de atenção. Ela aprende a não gostar de si mesma. A alienação parental é outra causa da distorção na autoconfiança das crianças, nesse caso meninas e meninos. Mães que passam por divórcios traumáticos e denigrem a imagem do pai diante das crianças, por vingança, fazem com que elas internalizem a imagem do homem egoísta e da mãe dádiva.

Além da falta de amor, mulheres aprendem muito cedo a ignorar a própria autoestima. Nos meninos, sentimentos de orgulho e honra são incentivados mas, nas meninas, o que se estimula é o aprendizado do servir ao outro. Se uma menina é útil a alguém, ela será necessária e protegida. Para se fazer necessária ela deve aprender do que o outro gosta, o que o outro deseja, o que ele quer. Em vez de desenvolver as próprias qualidades e explorar suas possibilidades, ela presta muita atenção aos que estão em

torno para atender da melhor forma suas expectativas. As armas que ela desenvolve para descobrir como sobreviver nesse contexto absolutamente adverso podem variar da capacidade intelectual à sedução pura e simples. Isso explica o poder das bundas em nossa sociedade e até justifica que o atributo da beleza se sobreponha a qualquer outro. Vem daí a odiosa frase sexista: “Mulher bonita pode cometer todos os erros”. Investir em beleza física, é claro, não significa ganhar autoestima. Inclusive porque basear a autoimagem em atributos físicos, portanto perecíveis, é a melhor maneira de estabelecer uma data de validade para si mesma.

Deformações na personalidade e na autoestima fazem com que a mulher só se reconheça naquilo que é familiar para ela. Ou seja, o aprendizado da infância faz com que, na fase adulta, a mulher escolha companheiros que a subestimam e a exploram, amigas e amigos diante dos quais se sente diminuída, e nunca explore seus talentos no ambiente de trabalho. Aquela que não se sente capaz de despertar amor faz qualquer concessão para, ao menos, não ser rejeitada. Ter um companheiro, por pior que seja o relacionamento com ele, dá à mulher a segurança de ser querida. Uma vida ruim ao lado de alguém, para ela, é melhor do que estar sozinha, situação que só comprovaria sua incapacidade de ser amada.

O MITO DA BRASILEIRA EMANCIPADA

Se para ser feliz, independentemente das referências culturais, é importante amar a si mesma, podemos dizer que as brasileiras são felizes?

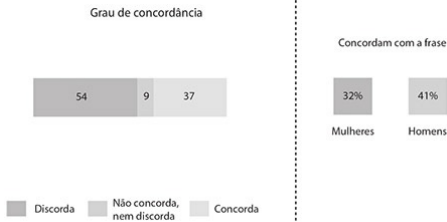
O Brasil, se comparado a vários outros países do mundo, é considerado moralmente bastante liberal. Mulheres têm amplo espaço no mercado de trabalho e poucas restrições na maneira como encaminham sua vida pessoal. Mas será essa liberalidade um valor enraizado na sociedade? Ou, da porta de casa para dentro, somos mais conservadoras do que admitimos, inclusive no que diz respeito às mulheres?

Considerando que somos um jovem país de classe média, nosso histórico de pobreza encaixaria as mulheres na esfera de baixa autoestima a que me referi acima. Ou, pelo menos, a maioria das mulheres. No entanto, a imagem que o mundo tem da brasileira é a da mulher feliz, livre e linda! Bem, o mundo também conhece o Brasil como o país do samba, do carnaval e do futebol e esses atributos não nos traduzem inteiramente. Mito é uma simbologia misturada a um fato real e pode ser usado simplesmente para tentar explicar aquilo que vemos e não entendemos. A mulher emancipada e feliz poderia ser, assim, mais um dos mitos brasileiros.

Penso bastante sobre isso a partir de estudos que revelam o conservadorismo brasileiro em índices. Em uma dessas pesquisas conduzidas pelo Instituto Data Popular a pedido da Tempo de Mulher, foram entrevistados, em setembro de 2013, 1500 brasileiros e brasileiras em cinquenta municípios. Um dos primeiros resultados é que, para mais de um terço da população, a mulher que trabalha tem menos chance de ter um casamento feliz.

Concordância com a frase:

“É mais fácil o casamento dar certo quando a mulher não trabalha”



FONTE: Instituto Data Popular para Tempo de Mulher, 2013.

E preste atenção no quesito gênero entre os entrevistados. A brasileira já não parece tão liberal assim, não é? Entre os que concordam com a frase “É mais fácil o casamento dar certo quando a mulher não trabalha”, 32% são mulheres e 41% são homens.

Você pode estar imaginando que a imensa maioria das mulheres que acreditam que trabalhar faz mal ao casamento está nas camadas mais pobres da população e, portanto, mais sujeita às manifestações de machismo advindas de uma educação formal sem qualidade. Isso também não se confirma. Como se vê no quadro a seguir, a diferença de classe social entre as mulheres que concordam com a frase é pequena. A diferença mais acentuada está na idade delas. As mais velhas tendem a concordar mais com a frase (36% das mulheres têm mais de 46 anos).

Concordância com a frase:
“É mais fácil o casamento dar certo quando a mulher não trabalha”
(mulheres)

	Classe baixa	Classe média	Classe alta
Concorda	37%	29%	33%

	16 a 29	30 a 45	46 ou mais
Concorda	26%	32%	36%

	NORTE CENTRO-O	NORDESTE	SUDESTE	SUL
Concorda	32%	36%	27%	43%

FONTE: Instituto Data Popular para Tempo de Mulher, 2013.

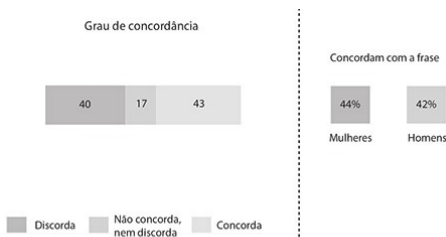
A mesma pesquisa traz outras surpresas para os que pensam o Brasil da

perspectiva da ausência de conservadorismo. Diante da frase: “Eu não respeito um homem que para de trabalhar para cuidar dos filhos” a maioria dos brasileiros, 43%, respondeu que concorda.

Mais uma vez, o resultado médio final não é puxado pelas respostas masculinas. Nesse caso, foram as mulheres que definiram o resultado. Quarenta e dois por cento dos homens dizem concordar com a frase contra 44% das mulheres! E, entre elas, o resultado varia pouco entre classes sociais distintas. As maiores diferenças estão entre as regiões do país, sendo a região Sudeste a que apresenta o índice mais alto de concordância (justamente uma das regiões com os mais altos indicadores de escolaridade!) e entre as mulheres com idades em que, geralmente, os filhos ainda são pequenos e dependentes.

Concordância com a frase:

“Eu não respeito um homem que para de trabalhar para cuidar dos filhos”



FONTE: Instituto Data Popular para Tempo de Mulher, 2013.

Concordância com a frase:

**“Eu não respeito um homem que para de trabalhar para cuidar dos filhos”
(mulheres)**

	Classe baixa	Classe média	Classe alta
Concorda	47%	42%	46%

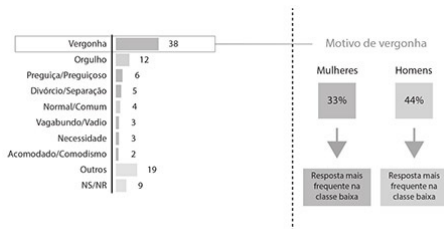
	16 a 29	30 a 45	46 ou mais
Concorda	41%	47%	44%

	NORTE CENTRO-O	NORDESTE	SUDESTE	SUL
Concorda	34%	45%	50%	31%

FONTE: Instituto Data Popular para Tempo de Mulher, 2013.

O próximo quadro mostra que, para 38% dos brasileiros e brasileiras, um homem que não trabalha e é sustentado pela mulher é motivo de vergonha. Importante ressaltar que as respostas foram espontâneas. Os entrevistados apenas completaram a frase "Um homem que para de trabalhar e passa a ser sustentado pela esposa para cuidar da casa e dos filhos é motivo de...".

Um homem que para de trabalhar e passa a ser sustentado pela esposa para cuidar da casa e dos filhos é motivo de...



FONTE: Instituto Data Popular para Tempo de Mulher, 2013.

Dessa vez, os homens foram maioria na associação da palavra "vergonha" com ser sustentado pela mulher. Quarenta e quatro por cento deles usaram a palavra em sua resposta contra 33% de mulheres.

OS HOMENS ESTÃO MUDANDO?

Conheço um bom número de executivas que ganham mais que o marido. Embora não

sejam comuns, sei até de casos de maridos que abdicaram da própria carreira para que a esposa, mais promissora, deslanchasse em maior velocidade.

Num dos seminários da Tempo de Mulher o executivo José Roberto Teixeira Dias teve coragem suficiente para participar de um dos painéis e contar, no palco, a história de como fechou sua empresa de confecção para ficar em casa e ser o principal responsável pela filha pequena. A esposa tinha mais chances na carreira. A criança precisava de cuidados especiais. Ele jura que nunca foi criticado pelos amigos e que se orgulha da decisão. Mas usa marketing pessoal e uma boa dose de autopromoção para definir sua atual atividade: “Não sou só dono de casa. Eu sou o gestor do lar!”.

Como já se disse aqui, ainda temos um longo caminho a percorrer no que diz respeito a cantarmos alto nossas vitórias e qualidades. Homens não são cozinheiros, são chefes de cozinha! Não são “do lar”, são gestores domésticos! Não parece muito mais glamoroso dito dessa maneira? José Roberto ainda é uma exceção nesse Brasil de contradições entre o que se alardeia e o que é real. Tenho muita esperança de que, num futuro próximo, os homens possam se vangloriar de companheiras que trabalham e ganham o suficiente para manter-se e, se for essa a decisão do casal, manter a casa e a família. Que sejam elas as provedoras se o casal assim decidir! Um homem que ajuda a esposa a alcançar suas ambições profissionais — ainda que isso signifique a inversão dos papéis para que ela tenha tranquilidade e tempo de dedicação à carreira — é um homem admirável, não há dúvida. Mas ainda não no Brasil real.

Nos Estados Unidos, em 2013, o respeitadíssimo instituto de pesquisa Pew Research Center divulgou um estudo mostrando que 40% das mães americanas ganham o principal salário da casa. A informação não passou despercebida e gerou debates acalorados sobre o que isso muda na sociedade e na formação das famílias. O raciocínio de parte da população americana, a parcela mais conservadora, é simples. Com mais dinheiro, as mulheres teriam mais poder e isso seria decisivo na maneira como elas se comportam diante dos homens. Objetivamente falando, uma mulher que tem dinheiro suficiente para se sustentar poderia escolher o parceiro que quisesse baseada nas premissas que definisse. E poderia experimentar bastante antes de tomar uma decisão que pode, inclusive, não ser definitiva. Ou seja, mudaria a relação que a mulher tem com o sexo. Sentindo-se mais bela e mais capaz de conquistar seu objeto de desejo, ela não teria tantos motivos para ser monogâmica ou para escolher rápido demais. E mesmo tendo escolhido, ela trairia mais o parceiro.

A jornalista americana Liza Mundy dedicou parte de seu livro *O sexo mais rico*: Como a nova geração de mulheres está transformando trabalho, amor e família (Paralela, 2013) para mostrar as “novas famílias” nos Estados Unidos, famílias em que a mulher ganha mais dinheiro. E ganha mais dinheiro porque estuda mais e chega mais qualificada ao mercado de trabalho. Isso estaria mudando, inclusive, a maneira como os casais se formam. Os rapazes estariam, hoje, levando em conta quanto a carreira da mulher é promissora na hora de buscar uma companheira de vida. Eles estariam compreendendo, portanto, que na sociedade pós-industrial as mulheres vão levar vantagem sobre os homens. Liza Mundy conclui que, sim, a mulher que ganha mais dinheiro pode escolher um parceiro que a respeite e não precisa se sujeitar a estar presa a um companheiro abusivo. Ótimo.

Contudo, no Brasil a baixa autoestima e as convenções sociais ainda são determinantes na maneira como as mulheres constroem suas vidas e se relacionam com quem quer que seja. Em 2013, as brasileiras da classe média (famílias com renda entre

1700 e 3100 reais) eram responsáveis por 42% da renda doméstica. Quase a metade do dinheiro que entrava em casa, portanto, vinha do trabalho delas. Para efeito de comparação, no mesmo ano de 2013 nas classes A e B, apenas um quarto da renda familiar vinha das mulheres. Ou seja, também no Brasil elas já deveriam usufruir de um poder muito maior do que aquele que demonstram em seu dia a dia e que se reflete nas pesquisas acerca do tema. É como se, ainda que em perfeitas condições de serem plenamente responsáveis por suas vidas — e ainda que assumam essa responsabilidade —, as mulheres precisassem disfarçar essa condição para não assustar os homens e, acima de tudo, para não deixarem de se sentir queridas e femininas.

Por isso considero tão fundamental que as mulheres que fazem a diferença em seus setores se levantem e defendam a bandeira do gênero. E que façam isso sem se masculinizar e sem se envergonhar daquilo que as distingue. “Eu achava que trazer à tona a questão do gênero nas empresas era mais um risco do que um benefício”, me disse a diretora-geral de snacks da Pepsico Brasil, Andrea Alvares, hoje uma das grandes líderes na luta pela equidade. Muitas pensavam como ela. Muitas defendiam — e algumas ainda o fazem — que o melhor é que as diferenças de gênero não sejam percebidas no ambiente do trabalho. E, para isso, quem tem que se disfarçar são as mulheres. O conservadorismo que vimos registrado nas pesquisas não vai mudar se não quisermos ser mulheres e trabalhar como mulheres. Andrea Alvares mudou quando percebeu isso.

“Mudei de opinião. A situação no trabalho está se modificando, mas as empresas ainda são muito machistas!”

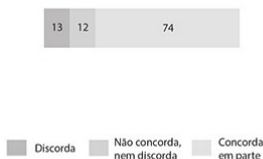
UM BRASIL MACHISTA

Machista não é um adjetivo suficientemente forte para se definir um país no qual a mulher ainda ganha, em média, 31% menos do que o homem que desempenha a mesma função no mercado de trabalho. Um país que, num ranking de 84 nações, é o sétimo onde mais se matam mulheres. Um país no qual 19% da população feminina com dezesseis anos ou mais admite já ter sofrido algum tipo de agressão física. Um país que registra 26,1 estupros por 100 mil habitantes.** Um país que tem vergonha de homens que param de trabalhar e passam a ser sustentados por mulheres, mas que acha bonito uma mulher parar de trabalhar para cuidar dos filhos:

Concordância com a frase:

“Eu respeito uma mulher que para de trabalhar para cuidar dos filhos”

Grau de concordância



Concordam com a frase



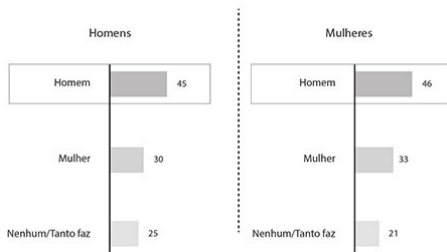
FONTE: Instituto Data Popular para Tempo de Mulher, 2013.

Entre os que concordam com a frase “Eu respeito uma mulher que para de trabalhar para cuidar dos filhos”, 78% são homens e 71% são mulheres! Esse é o Brasil de verdade e, infelizmente, ainda não é possível dizer que as brasileiras são mulheres livres de culpas, revolucionárias e vanguardistas.

Quando essa mesma pesquisa pergunta: “Se pudesse escolher, preferiria ter um chefe homem ou mulher?”, veja o resultado:

Se pudesse escolher ter um chefe homem ou mulher?

Se pudesse escolher ter um chefe homem ou mulher?



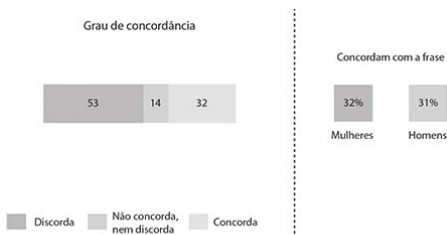
FONTE: Instituto Data Popular para Tempo de Mulher, 2013.

Mesmo as mulheres, em sua maioria, escolheriam chefes do sexo masculino. Já vimos que o exemplo masculino na empresa pode dar às mulheres a sensação de que estão aprendendo mais rápido a chegar ao topo. Afinal, estão aprendendo com quem já

ocupa essa posição há mais tempo. Mas essa pesquisa mostra também que há muito de puro machismo incorporado na opinião. Veja o gráfico da próxima página.

Para um terço dos entrevistados, ainda é constrangedor para um homem ser chefiado por uma mulher. E não é apenas o homem que pensa assim. Entre os 32% que afirmaram concordar com a frase “É constrangedor para um homem ter uma mulher como chefe”, 31% são homens e 32% são mulheres! A opinião delas é praticamente estável sob qualquer que seja o ângulo de corte da pesquisa, a não ser o da escolaridade. Mulheres que estudaram menos tendem a ser mais conservadoras, como se vê no quadro ao lado.

Concordância com a frase: “É constrangedor para um homem ter uma mulher como chefe”



FONTE: Instituto Data Popular para Tempo de Mulher, 2013.

Concordância com a frase: “É constrangedor para um homem ter uma mulher como chefe” (mulheres)

	Classe baixa	Classe média	Classe alta
Concorda	30%	34%	29%

	16 a 29	30 a 45	46 ou mais
Concorda	32%	33%	32%

	Até fundamental completo	Ensino médio (in)completo	Ensino superior ou mais
Concorda	38%	27%	29%

	NORTE CENTRO-O	NORDESTE	SUDESTE	SUL
Concorda	31%	35%	29%	41%

FONTE: Instituto Data Popular para Tempo de Mulher, 2013.

UM BRASIL POSSÍVEL

Mostrar essas pesquisas não significa justificar a não ascensão da mulher a cargos mais altos nas empresas, muito menos responsabilizá-la pelo machismo ainda reinante na sociedade brasileira. Desejo apenas ressaltar que o tempo tem seu peso e que séculos de papéis sociais definidos nos arrastam a perpetuar situações que, na prática, já foram alteradas. Precisaremos de outros tantos anos de novas mulheres, novos homens e novas famílias para que possamos nos aceitar com os instrumentos que temos e nos amar sendo quem somos.

Considero, da mesma forma, a desqualificação do homem uma forma de preconceito cruzado nada adequada a quem quer criar uma sociedade diferente. Dizer que eles são tolos, rudes, primários e eternos dependentes da mamãe não nos fará mais merecedoras daquilo que, de certa maneira, já temos e precisamos aprender a administrar. O mundo é vasto. Estupros, mutilação genital, proibições de toda ordem ainda farão das mulheres escravas sociais durante muitas décadas em vários cantos do planeta. Mas a história não tem freio. O que fizermos agora com a oportunidade que nos está sendo oferecida e que, na verdade, é apenas fruto de nossas próprias qualidades, definirá que tipo de interação social teremos no próximo século.

No Brasil, especificamente, acredito firmemente em todo e qualquer investimento que se faça na educação das mulheres de classe média. Elas têm um extraordinário poder de mudar sua comunidade. São símbolos de resistência, credibilidade, coragem e confiabilidade. São bastiões da família e motores do futuro. O que elas decidirem agora definirá o Brasil que teremos dentro de trinta anos. Se elas votarem bem, influenciarão o voto dos filhos, dos vizinhos, dos amigos e teremos uma classe política melhor. Se elas internalizarem e compreenderem o poder que acumularam, construirão um patrimônio gigantesco em autoestima e serão multiplicadoras do sucesso individual e da felicidade. Se elas se sentirem capazes e seguras, serão as empreendedoras de que o país precisa para girar a roda da economia. Elas são a maioria, são mais de 50 milhões de mulheres que devolverão em fidelidade e gratidão qualquer gesto de solidariedade que se fizer em sua direção agora. Mas que esses gestos não sejam fúteis. Essa é minha mensagem às empresas, aos governos e às instituições que se interessam pela causa feminina. As mulheres não precisam de caridade, não são mendigas de programas sociais ou reféns de esmolas corporativas. Elas desejam repertório consistente que as ajude a erguer sua obra coletiva.

Gostar de si, no entanto, como já disse, é um desafio intelectual para nós. Nas mulheres, o amor-próprio costuma ser confundido com cabotinismo, egoísmo, vaidade. Culturalmente, mulheres que gostam de si ganham rótulo de dominadoras, fúteis ou histéricas. Chega a ser vergonhoso para uma de nós estar nos primeiros lugares da fila dos que triunfam pelos próprios méritos, mas autoestima não pode ser confundida com narcisismo. Autoestima, no caso feminino, em geral é apenas o contrário de autossabotagem. Eu mesma passei anos acionando um mecanismo detonador de qualquer

recepção de afeto por não me considerar merecedora de tal. Agora que você conhece uma parte da minha história, pode imaginar o porquê. No entanto, quando assumia uma personalidade análoga à masculina, a sensação de poder emergia dos registros históricos ancestrais e me dava força para seguir adiante, adorando o ser que se apresentava em mim. Era como gostar de mim por tabela. Gostar de um personagem que criei para disfarçar quem eu era. Vejo essa atitude repetida não só em mulheres que se masculinizam, mas também nas que se disfarçam de mães perfeitas, esposas impecáveis, carolas acima de qualquer pecado, profissionais de entrega total. Tudo isso é o exagero do elogio, que disfarça a verdade da imperfeição. Não há ser humano perfeito e as mulheres, definitivamente, não têm que encarnar a santificação em vida para obterem crédito, confiança ou amor!

Vejam como é difícil lidar com a autoestima quando não se foi treinada para tanto. Não posso dizer que tenha sido um imenso desafio juntar pedaços de memória com a opinião que formei sobre um tanto daquilo que vi e vivi e desenhar tudo no texto único deste livro. Difícil foi enfrentar o atrevimento de achar que mereço ter espaço em prateleiras que abrigam o melhor da literatura e a atenção de quem já leu o suficiente para saber que a vida é mais do que o ponto de vista de alguém. Em alguns momentos, me vi quase que pedindo desculpas pela pretensão literária deste diário de bordo, deste exercício de observação.

Venço diariamente o instinto de secundarizar minhas vitórias. E uma maneira de fazer isso é dizer aqui, o mais alto que puder, que posso, sim, ser um exemplo para as mulheres brasileiras e guiá-las à condição de seres únicos que podem e devem se amar perdidamente.

Visto que não há destino previamente traçado que não possa ser alterado, gostaria de dizer a cada um de vocês, leitores deste livro, que o mundo também é das mulheres. E que nossa autoafirmação vai determinar se seremos protagonistas em nossas vidas. Eu decidi reservar para mim o papel principal. Espero que muitas mulheres venham comigo e façam o mesmo.

* Vestimenta preta e comprida que cobre todo o corpo das mulheres. (N. E.)

** Dados obtidos nas seguintes pesquisas: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), 2012; Mapa da Violência, Instituto Sangari, 2012; Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, Data Senado, 2013; e Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2012. (N. A.)



© ARQUIVO PESSOAL



© ARQUIVO PESSOAL



© ARQUIVO PESSOAL

Sou filha da primeira geração de brasileiros, ou candangos, como foram apelidados os nativos da nova capital. Meus pais, Shirley e Fausto, ambos mineiros, se conheceram

em Brasília. Os dois migraram sozinhos, acreditando nas oportunidades em uma cidade que começava do zero.

Um ano mais tarde, comemoramos meu primeiro ano de vida no pequeno apartamento do prédio de três andares onde morávamos. Apesar da vida modesta, mamãe fazia questão de costurar vestidos lindos para mim e de fazer fotos da filha com olhos de jabuticaba.





© ARQUIVO PESSOAL

Fui filha única durante alguns anos. Meu irmão Fausto só chegou em 1970 e meu irmão Luiz em 1975. Fomos uma família muito unida, numa terra distante, durante toda a minha infância. Todos dizem que somos, meus irmãos e eu, muito parecidos com meu pai.



© GRAÇA SELIGMAN

As horrorosas ombreiras dos anos 1980 me engoliam, mas eu insistia nelas! Além disso, todo o meu guarda-roupa era preto. Naquela época, a palidez e o cabelo muito escuro me deixavam com cara de dark.



© ARQUIVO PESSOAL

Muita gente acredita que eu já nasci com o pé na estrada. Infelizmente, não foi assim. Minha família não tinha recursos para bancar meus sonhos internacionais e saí do Brasil pela primeira vez só aos 23 anos. Fui conhecer a Bolívia e o Peru.



© ARQUIVO PESSOAL DE SÉRGIO GILZ



© ARQUIVO PESSOAL DE SÉRGIO GILZ

O que na foto parece um bate-papo descontraído com soldados sérvios foi, na verdade, um momento de extrema tensão. A produtora Guta Nascimento e o repórter cinematográfico Sérgio Gilz estavam comigo em nosso encontro com a tropa derrotada, que se retirava do Kosovo no fim da guerra.

 د ککارت و کیت ۴ د پکسونه خبر وړ او د خبرو اترو د معلوماتو او اخیستنې د افغانستان د ککارت په خورا د امنیت خپله لری چی د دوی ککارت له لرونکي سره د خبرو اترو په د افغانستان د لارو د هندکاري د ککری د بهرنیو چارو وزارت د اطلاعاتو او خبرو اترو د مسئول	د ککارت نوم Name د ککارت مليت Nationality د پاسپورت کچه Passport No د خبر وړ ککری د خبر وړ ککری Licence No د ککارت شغل Occupation د ککارت اداره Organization د ککارت د صدور نېټه Date of issue د ککارت د ختم نېټه Date of Exp ککرت د دوی ککارت لرونکي پاسپورت د اطلاعاتو او خبرو اترو په اداره کی خپله دوی د ککرت د خبر وړ په پکسونه شي. لطفه له (۲۲۲۲ - ۲۲۲۲) نېټه لرونکي د خبر وړ د پکسونه د نېټه
	د ککارت نوم Name د ککارت مليت Nationality د پاسپورت کچه Passport No د خبر وړ ککری د خبر وړ ککری Licence No د ککارت شغل Occupation د ککارت اداره Organization د ککارت د صدور نېټه Date of issue د ککارت د ختم نېټه Date of Exp ککرت د دوی ککارت لرونکي پاسپورت د اطلاعاتو او خبرو اترو په اداره کی خپله دوی د ککرت د خبر وړ په پکسونه شي. لطفه له (۲۲۲۲ - ۲۲۲۲) نېټه لرونکي د خبر وړ د پکسونه د نېټه

© REPRODUÇÃO

Até receber esse visto de entrada no Afeganistão e carimbar o passaporte na fronteira do país com o Paquistão foram dezoito meses de negociações. Tudo no mais absoluto sigilo. Até essa foto 3 x 4 foi feita pela equipe, com uma câmera pessoal.



© ARQUIVO PESSOAL

Nosso primeiro contato com os talibãs aconteceu pouco depois de entrarmos em território afegão. A tropa patrulhava uma das fronteiras ao leste do país. Naquela época, fotos eram proibidas mas o próprio comandante da tropa pediu que tirássemos uma ao lado dele.



© GUTA NASCIMENTO

As crianças nascidas depois que os talibãs tomaram o Afeganistão não conheciam máquinas fotográficas e jamais haviam visto uma mulher sem burca na rua. O menino ficou muito assustado quando me aproximei.

Fiz um retrato de seu rosto com uma câmera Polaroid e dei a ele. Na foto, ele segura, impressionado, sua imagem nas mãos.



© WALTER MUNDELL

Morar em Nova York foi uma das melhores experiências da minha vida.

Foi na cidade que passei de menina a mulher e decidi que a vida só valeria a pena se o alicerce fosse a felicidade. Demorei, mas consegui implementar a rotina do sorriso em minha vida.



© ARQUIVO PESSOAL

De todos os personagens que encontrei em minhas reportagens, Luciana talvez tenha sido um dos mais fortes e arcantes. No gelo do Alaska, aprendi com ela o que é amar e ser amada — mesmo sob a circunstância mais difícil.



© ARQUIVO PESSOAL

Será que vestida assim eu conseguiria me casar com mais de um homem ao mesmo tempo? É assim que pensam as poliândricas, mulheres que se casam com vários maridos e acham tudo muito normal. Eu as encontrei no norte da Índia e me diverti muito com suas histórias e suas roupas coloridas e enfeitadas.



© DIVULGAÇÃO SBT

Nas eleições presidenciais de 2006, retomamos, no SBT, a tradição dos debates entre candidatos, e o próprio Silvio Santos nos prestigiou na ocasião. Na foto, ele recebe o então candidato Geraldo Alckmin, que perderia a eleição para o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.



© GUTA NASCIMENTO

O estádio olímpico de Londres, que aparecia, iluminado, ao fundo do estúdio de vidro da Record, em 2012, foi palco de um dos maiores erros da minha carreira. Troquei o nome dos telejornais e virei assunto nas redes sociais por semanas! Ainda bem que meu senso de humor foi ficando mais afiado com a maturidade.



© ROBERTO STUCKERT FILHO

Mulher no poder não é mais novidade no Brasil. Ainda assim — apesar de tantas ministras, juízas, parlamentares, governadoras e até uma presidente da República — ainda ganhamos menos que os homens na mesma função e quase não participamos dos conselhos das empresas.



© OTÁVIO DIAS DE OLIVEIRAFILHO

Quando vejo fotos do meu casamento, acho que pareço mais velha do que hoje, embora mais de uma década tenha se passado. Acho que fui ficando menos tensa, mais relaxada e, embora seja uma pessoa séria, já não me levo tão a sério como no passado. Enfim, a felicidade está mais presente e Walter tem tudo a ver com isso!



© FREDY UEHARA

Desde que deixei o jornalismo diário tenho me dedicado a palestras, encontros, seminários ou apenas bate-papos com mulheres em todo o Brasil e também no exterior. Na foto, o maior evento sobre gênero do Brasil realizado pela Tempo de Mulher.

ANA PAULA PADRÃO nasceu em 1965, em Brasília. Formou-se em jornalismo pela Universidade de Brasília (UnB) e trabalhou na Rede Globo de 1987 a 2005, atuando como correspondente internacional em Londres e Nova York e como âncora do Jornal da Globo. De 2005 a 2009, integrou a equipe de jornalismo do SBT, e, de 2009 a 2013, foi âncora do Jornal da Record. Atualmente, se dedica às duas empresas que fundou: Touareg Agência de Conteúdo e Tempo de Mulher.

Copyright © 2014 by Ana Paula Padrão
A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

FOTO DE CAPA Fernando Louza

PREPARAÇÃO Juliana Moreira

REVISÃO Vivian Miwa Matsushita, Renato Potenza Rodrigues e
Larissa Lino Barbosa

ISBN 978-85-8086-983-5

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br